

VERDES ANOS

LUIZ FERNANDO EMEDIATO

Verdes Anos

2^ª
EDIÇÃO

REVISTA PELO AUTOR

GERAÇÃO

EDITORIAL

Verdes Anos

SÉRIE "HISTÓRIAS DO BRASIL"

VOLUME 2

Copyright © 1984 e 1994 by Luiz Fernando Emediato

1ª edição – Outubro de 1984 – 3.000 exemplares

2ª edição – Outubro de 1994 – 3.000 exemplares

Editor: Luiz Fernando Emediato

Diretor Editorial: Hamilton dos Santos

Capa: Marcelo Bicalho

Revisão: Touché! Editorial

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Emediato, Luiz Fernando, 1951-
Verdes anos / Luiz Fernando Emediato. -- 2. ed.
rev. pelo autor. -- São Paulo : Geração Editorial,
1994

1. Emediato, Luiz Fernando, 1951- 2. Ficção
autobiográfica I. Título

94-3556

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção autobiográfica : Século 20 : Literatura
brasileira 869.935
2. Século 20 : Ficção autobiográfica : Literatura
brasileira 869.935

Todos os Direitos Reservados

GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTDA.

Rua Cardoso de Almeida, 2188 – CEP 01251-000 – São Paulo – SP – Brasil

Tel. (011) 872-0984 – Fax: (011) 62-9031

1994

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Para
Francisco Paixão,
o Teco,
onde estiver.
E para Cândida,
com quem estiver.

SUMÁRIO

Prefácio 9

PARTE I O LADO DE DENTRO

O Outro Lado do Paraíso 17
 Cândida 61
Also Sprach Zarathustra 67
O Despertar da Primavera 83
 Verdes Anos 101

PARTE II O LADO DE FORA

A Data Magna do Nosso
 Calendário Cívico 121
Não Passarás o Jordão 175

Sobre o Autor 243

PREFÁCIO

Em 1970, eu tinha 18 anos, vivia no interior de Minas e considerava o general Emílio Garrastazu Médici um homem sincero e justo. Alienado e desinformado, como a maior parte dos jovens brasileiros daquela época – os anos do “milagre”, da tortura e da censura –, eu sentia no entanto que algo estava errado à nossa volta – mas não sabia o que, nem por quê. Eu era um filho do “milagre”. Os anos 70 nos moldaram à sua imagem e semelhança e foi duro quebrar essa moldura, nos anos seguintes, quando tentamos sair da letargia e da alienação em que nos haviam metido.

Em 1971, aos 19 anos de idade, ganhei o prêmio “Revelação de Autor” no Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná. Fui

a Curitiba receber o prêmio – a primeira vez que deixava sozinho a pequena cidade em que vivia – e despertei para a vida. Ingênuo e inseguro diante dos jornalistas e intelectuais que me entrevistavam – aquele suposto garoto-prodígio que acabaram apresentando aos leitores como uma espécie de curiosidade –, comecei a descobrir que a vida podia ser bem diferente do que imaginava então.

Um ano depois – 1972 –, fui estudar jornalismo em Belo Horizonte. A descoberta das drogas, a política estudantil, novas amizades, paixões amorosas e ideológicas, enfrentamentos com a polícia e a censura – um mundo novo se abria à minha frente.

Tempos heróicos, aqueles. Com um grupo de estudantes, publicamos duas revistas que a polícia fechou: *Silêncio* e *Circus*. Resistimos. Estávamos aprendendo a viver e a ser cidadãos.

Naqueles terríveis anos 70 escrevi, com o vigor juvenil de quem estava aprendendo a ver as coisas (e se indignava com quase tudo), algumas dezenas de histórias, quase todas autobiográficas. Algumas delas foram publicadas

em revistas da época (muitas sob censura), ou nos livros lançados a seguir, como *Não Passarás o Jordão*, *Os Lábios Úmidos de Marilyn Monroe* e *A Rebelião dos Mortos*.

Um desses contos, *Verdes Anos*, serviu de inspiração para o roteiro-criação de Álvaro Luiz Teixeira, que Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase filmaram. É um filme alegre e levemente amargo, que tenta captar a vida dos adolescentes brasileiros numa cidade do interior brasileiro nos anos 70. O filme não capta toda a pungente tragédia daquele tempo – é um filme alegre, politicamente ingênuo, com um pequeno trave de amargura –, mas foi um trabalho adorável. Nós éramos assim naquele tempo. O trágico em nós não era a tristeza e a miséria, mas exatamente a alegria. Mas do que ríamos, afinal?

O êxito do filme, que foi premiado em Gramado e teve inicialmente uma surpreendente carreira comercial no sul do País (carreira interrompida logo a seguir pelos problemas de distribuição que acabaram por matar o cinema nacional), levou a uma emocionante e

criativa adaptação teatral, montada por Roberto Bontempo no Rio, e à publicação do roteiro, da história que lhe serviu de base e de outras escritas na mesma época. A primeira edição de *Verdes Anos*, lançada há exatamente dez anos (outubro de 1984), tinha o propósito de recuperar as amargas histórias daquele tempo.

O livro esgotou em menos de um ano e nunca foi reeditado. É o que se faz agora, quinze anos depois de ter sido escrito e vinte de ter sido vivido. Duas décadas depois, olhamos para aquele passado tão próximo ainda e o que sentimos é um misto de revolta e emoção.

Revolta porque, a despeito da democracia, que ajudamos a construir com muita luta, suor e sangue, os costumes políticos ainda continuam viciados em nosso país. Um país em que, a despeito das advertências de Platão, a maior parte dos homens capazes ainda se recusam a participar das questões governamentais (ou seja, a entrar para a política), o que nos torna súditos dos corruptos e incapazes que se apossam (até pelo voto!) do aparelho estatal e o colocam a seu serviço exclusivo.

Emoção porque, de qualquer modo, sobrevivemos, a despeito da violência e do arbítrio. Alguns de nós morreram, sacrificados pela repressão. Outros sumiram no espaço e no tempo. Nós resistimos, apesar de tudo. Estamos vivos e não perdemos nossa capacidade de nos revoltar. Muitos mudaram – mudaram de lado, mudaram de vida... A vida é mesmo assim.

O autor destas histórias também mudou muito, como é próprio da natureza humana. Mas acredito, como já disse, que não mudou em sua disposição para se enternecer ou se revoltar com esta contraditória realidade que nos cerca. A realidade presente nessas histórias que, mais uma vez, submeto à crítica e à apreciação de uma nova e diferente geração de jovens leitores. Muitos dos quais, por obra e graça das particularidades de nossa sociedade, nem ao menos adivinham o que aconteceu de trágico e terrível naqueles anos 70.

São Paulo, outubro de 1994
LUIZ FERNANDO EMEDIATO

PARTE I
O LADO DE DENTRO

O OUTRO LADO DO PARAÍSO

Deste lugar de delícias saía um rio, que regava o paraíso, o qual dali se divide em quatro braços. Um se chama Fison; e este é o que tornea todo o país de Evilath, onde nasce ouro.

(Gênesis, Cap. II, 10,11)

O país de Evilath

No princípio era tudo escuro, vazio e vazio. As trevas cobriam a face do abismo e eu era muito criança para entender as coisas. Mas ainda assim eu percebia que nosso pai não era um homem comum. Ele chegava e saía como se fosse o vento, as águas, o fogo ou o próprio Deus em busca de um sentido para a sua existência.

Mas pouco a pouco nós fomos crescendo e começamos a entender as coisas. Nosso pai procurava o que todos nós haveremos de procurar um dia, se quisermos provar a nós mesmos que estamos vivos. E naquele tempo, como ainda hoje, ele procurava o país de Evilath,

onde nasce o ouro e todas as pessoas são certamente felizes.

À noite, sem sono, eu sonhava acordado com esse país estranho. Em Evilath todas as pessoas eram boas e felizes. Talvez se comunicassem através de sorrisos, quem sabe se beijassem na testa, para dizer bom-dia ou boa tarde, quem sabe não houvesse mendigos, nem fome, nem escuridão. Evilath, dizia papai com os olhos brilhando, era um país amplo e largo.

Às vezes eu pensava que esse lugar só podia existir na imaginação de papai, mas mesmo assim gostava de fechar os olhos e imaginar todos nós naquele país por onde passava um rio chamado Fison. Era o país do meu pai, e eu gostava dele.

Evilath existe

No dia em que papai chegou em casa batendo os pés e dizendo “amanhã nós vamos mudar pra Brasília” ninguém mais teve sossego em nossa casa. Sabíamos que, para nosso pai, Brasília era agora a capital de Evilath, onde

nasce o ouro, e naquela cidade fantástica haveríamos de morar nem que fosse a última coisa da nossa vida.

Mas mesmo assim nossa mãe entrou pela sala adentro limpando as mãos no avental e perguntando a papai:

– Antônio, você enlouqueceu?

E nosso pai, um homem gordo, vermelho e pesado, pôs o caçula no colo, ficou olhando a cara assustada dele, fechou os olhos como se sonhasse e disse, com a voz tremendo de emoção:

– Tunico, Evilath existe. Evilath existe, meu filho.

E, abrindo os olhos, riu muito. Tunico ficou olhando para nosso pai e então ele disse outra vez:

– Você vai crescer em Brasília e, se Deus quiser, acaba sendo presidente da República.

Tunico não sabia de nada e começou a chorar. Mamãe tomou-o de papai, já nervosa, mas acabou rindo também. E aí papai levantou, bateu as mãos com força, como sempre fazia quando tinha alguma coisa nova e surpre-

endente para nos contar, e me pediu que buscasse a revista *O Cruzeiro*.

Eu já sabia o que ele ia nos mostrar:

– Veja aqui, Maria – disse ele abrindo a revista e mostrando pra mamãe. – É aqui que nós vamos morar.

Tunico parou de chorar e também quis ver. Mamãe se aproximou, caminhando devagar, como se tivesse medo. Brasília era uma cidade limpa, com prédios altos, quase todos de vidro, refletindo o sol.

Eu procurei o rio Fison, mas ele não estava lá. Papai disse que aquilo não tinha importância. Havíamos de fazer um rio nascer naquele lugar, se fosse necessário. Tudo era possível para papai.

– Fica no Planalto Central e nem acabou de ser construída – dizia nosso pai engrossando a voz, dono da verdade e do mundo.

E juntava, estufando o peito:

– Nós vamos para lá dar uma mãozinha, ver se a gente acaba logo de fazer essa cidade. E depois vamos morar nela.

Mamãe sentou-se perto de papai e ficou

olhando a revista. Parecia preocupada com alguma coisa, mas nada disse.

Papai contava para nós que o presidente morava no Palácio da Alvorada, aquele mais bonito, e que, quando saía, saía cercado de guarda-costas, pois era um homem muito importante.

– E para ser guarda-costas de um figurão – continuava meu pai –, tem de ser homem duas vezes, senão afrouxa. Não é qualquer imbecil que serve para ser guarda-costas.

– Antônio! – repreendeu mamãe. – Eu já disse para não falar assim na frente das crianças...

– Maria... – disse meu pai com carinho, beliscando a bunda de mamãe. – Pois então elas não escutam isso aí pela rua, todo dia? Ouve na rua, ouve em casa. Palavra não machuca ninguém.

Mamãe logo desistia de discutir com papai. Tuniquinho, menos assustado, chegava perto da gente misturando as palavras, pois ainda não sabia falar direito, e papai ia logo passando a mão no pintinho dele:

– Esse aqui é homem de verdade – dizia. – E acho que servia pra guarda-costas de qualquer figurão.

E, depois de pensar um pouquinho, continuava:

– Ei, Tuniquinho, quem sabe você não vai ser presidente coisa nenhuma, hein? Mas guarda-costas, isso eu garanto, você daria um e dos bons.

Tuniquinho olhava espantado para a cara vermelha de papai, olhava para a revista sem entender e aprovava tudo com um amontoado de palavras misteriosas. E papai comentava:

– O diabo do menino já fala até inglês.

Naquela noite ninguém dormiu. Papai abria e fechava a revista, falava do Palácio da Alvorada, da Praça dos Três Poderes, da Catedral, das superquadras, dos candangos, e aí parava para explicar:

– O candango é o homem que construiu Brasília. É um sujeito honesto e limpo.

E nós concordávamos, pois papai nunca mentia. O candango é um homem honesto. Disso eu haveria de me lembrar para sempre.

Eu gostava de Alice

Só no outro dia mamãe percebeu que papai não estava brincando e que a gente ia pra Brasília naquela noite mesmo. Papai acordou cedo, calçou as botas, pôs o chapéu e disse pra mamãe ir encaixotando as coisas que até a noite ele chegava com o caminhão.

Mamãe, acostumada com as maluquices de papai, suspirou fundo, olhou para nós resignada e começou a desmontar primeiro a cama:

– Seja o que Deus quiser – ela disse, e Tuniquinho começou a chorar. Silvinha entrou correndo, pegou Tuniquinho no colo e foi para o quintal, despedir-se das flores que tinha plantado perto do muro. A gente ia mudar naquele dia mesmo.

Saí de casa meio desorientado, com a revista *O Cruzeiro* debaixo do braço e me perguntando se toda criança tinha um pai tão esquisito quanto o meu. Pois desde o início da nossa vida era aquilo: correrias, mudanças, a gente nunca sabia quanto tempo ia ficar num lugar.

Alice estava na pracinha vendendo pirulitos, como de costume, e eu fui chegando ressabiado pra perto dela, a revista agora aberta na página do meio, onde estava a enorme fotografia de Brasília.

– Quer um pirulito? – perguntou Alice quando me viu.

Balancei a cabeça e ela estranhou:

– Uai, não quer? É de graça. – E, me olhando com aquela carinha suja: – Só pra você...

Eu gostava de Alice. Era uma menininha magrela, sem graça, com uma pereba no joelho que não sarava nunca – acho que vivia se ralando no chão ou no piso da igreja. Mas apesar disso tudo eu gostava dela e até brigava com os outros meninos quando a chamavam de Alice Varapau.

– Eu vou embora... – eu disse, olhando para o chão.

– Vai, é? – disse Alice sem dar importância. – Então, amanhã você volta, ora...

Fiquei ali andando de um lado para o outro como barata tonta, sem saber como contar

pra ela, mas Alice acabou percebendo que eu escondia alguma coisa. Me chamou para um banco da pracinha, deixou a cesta dos pirulitos de lado e disse:

– Tá bom, pode contar.

Fiquei enrolando a revista, com as mãos suando, e Alice me pediu para olhar as figuras. Ela não sabia ler.

Quando abriu a revista na parte que falava de Brasília, eu falei de sopetão:

– Nós vamos mudar pra Brasília. Lá é o país de Evilath.

– Ah, é? – disse Alice sem tirar o olho da revista. – E onde é que fica isso, hein?

– É essa cidade aí da revista, essa aí, ó – eu disse mostrando com o dedo.

Alice olhou para mim e riu:

– Cê pensa que eu sou boba, é? Essa aí da revista... E a escola, você vai largar? Ora...

Alice me devolveu a revista e pegou a cesta dos pirulitos. Levantou e começou a andar.

– Depois a gente conversa, né? Agora eu tenho de ir pra porta da escola, tá acabando a aula.

Alice vendia pirulito na porta da escola, mesmo que os meninos maiores zombassem dela e a chamassem de Alice Varapau. Ela não acreditava que a gente fosse mesmo mudar pra Brasília.

– Alice – eu disse com a voz sumida. – É verdade, a gente vai mudar pra Brasília. A gente vai hoje mesmo...

Alice riu, chutou uma pedra e virou as costas.

– É verdade, merda! – eu gritei correndo atrás dela. – O pai contou ontem pra gente e já saiu pra buscar o caminhão.

Alice sentou de novo, pôs a cesta de pirulitos no colo e ficou olhando pra mim com uma cara esquisita. Contei pra ela toda a história, aquelas loucuras de meu pai, e fiquei ali calado, sem saber mais o que dizer.

– E você quer ir, quer? – perguntou ela de repente. A voz ansiosa e triste, sumida, quase um gemido.

– Querer eu quero, né? – eu disse. – Mas assim de repente, não. Se você pudesse ir com a gente...

Alice ficou balançando as pernas e eu olhei para a pereba no joelho dela. Ela percebeu e pôs a mão no lugar.

– Já disse pra não ficar olhando.

Olhei para Alice e tive vontade de dar um beijo nela. Eu ia sentir saudade dela, palavra que ia.

– Bem que meu pai dizia, quando era vivo...

– Hein? – perguntei.

– Meu pai vivia dizendo que seu pai não regulava da cabeça. Tinha razão, né?

O pai de Alice estava morto. Tinha morrido assassinado quando procurava ouro no Vale do Rio Doce e papai estava com ele. Desde então a mãe de Alice fazia pirulitos, doces e biscoitos pra vender nos armazéns e na rua. Meu pai era amigo do pai dela. E, naquele tempo, os dois juntos já procuravam o país onde nasce o ouro.

– É, o seu pai – eu comecei a dizer, mas não terminei.

O meu pai e o dela sempre bebiam cerveja juntos, ficavam discutindo até altas horas da

noite. Falavam de gado, da seca, da lavoura perdida, da vida nas cidades, de diamantes, do garimpo onde se achava ouro. E nunca conseguiam nada na vida, porque viviam sonhando, sonhando sem parar.

Até que um dia o pai de Alice chegou atravessado no lombo de um cavalo e meu pai chorava como se tivesse perdido um irmão ou um filho. O pai de Alice tinha um buraco no peito. Foi a primeira vez que vi um homem morto.

E então eu olhei para Alice e vi que muito tempo já havia passado depois daquilo. O pai de Alice era agora uma lembrança na história da nossa gente – e nós haveríamos de lembrá-lo para sempre, pois assim devia ser.

Alice ficou olhando para os pirulitos e pegou um deles. Tirou a capinha de papel celofane, olhou para ele um tempão e depois devolveu para a cesta. Algo estava morrendo dentro dela. Algo se partia dentro de mim.

– Você vai mesmo, então... – ela disse baixinho, olhando pra mim.

– É. É, eu vou... – eu disse.

E então senti atravessada na garganta uma coisa amarga e fria. Olhei para Alice, sua carinha suja e magra, sua feridinha no joelho.

– Eu vou sentir uma saudade desgraçada dessa pereba – falei.

Alice continuou olhando para mim e não me xingou por eu ter falado da pereba. Então uma lágrima escorreu pela carinha dela e eu também senti vontade de chorar.

– Então vai logo – ela disse com raiva, quase chorando alto. – Então vai logo, vai...

Eu dei um beijo no rosto de Alice e senti o gosto de sal. Senti vontade de lhe dar um abraço, de passar a língua no olho dela, de beber todo aquele sal e não tive coragem. E então eu saí correndo dali, pois mulher nenhuma no mundo ia me ver chorando.

Ia ver o velho

Quando cheguei em casa meu pai já estava lá com o caminhão, discutindo com mamãe. Ela dizia que ele devia pelo menos ir na fazenda despedir-se de vovô, mas papai não queria ir.

– Aquele homem nunca me deu um pedaço de terra pra plantar – resmungou. – E eu não entro naquela casa nem morto.

Papai não conversava com vovô desde que brigara com ele pela última vez, e mamãe vivia dizendo que aquilo não podia continuar assim. Fui entrando enquanto eles discutiam:

– Ei, vem cá! Olha aqui, essas caixas você tem de levar. Pode ir pondo lá no caminhão.

Obedeci de cabeça baixa e papai, percebendo alguma coisa, levantou minha cabeça com aquela mãozona de urso.

– Só faltava essa – disse ele brincando. – Um cavalão como você chorando...

Tuniquinho entrou pela casa adentro aos berros, mancando, e mamãe, desorientada, foi ver o que era:

– Santo Deus – ela disse. – Essa família acaba me deixando louca.

Papai riu alto, deu um tapinha na cara do Tunico, beijou mamãe e, procurando o chapéu, falou que ia naquela hora mesmo procurar o velho na fazenda.

O velho era vovô.

E a gente não chegava nunca

Nós tentávamos nos acostumar com aquilo, mas era impossível.

Quando papai entrava pela casa rindo e cantando, todo mundo se sobressaltava: ele sempre tinha uma surpresa para nós. Um dia ele entregou uma pasta de dinheiro a mamãe, despediu-se de todos nós, um por um, e sumiu de casa quase dois meses.

Voltou um pouquinho menos gordo, a barba grande, todo sujo e tão cansado que dormiu dois dias sem parar:

Quando acordou, contou para nós que abri-
ra 738 buracos na terra, encontrara centenas de milhares de diamantes, mas nenhum pres-
tava, e quando vinha voltando para casa ainda teve de dar uns tiros nuns vagabundos que tentavam roubá-lo.

– E as pedras? – eu perguntei.

– Ah, as pedras – respondia ele, descon-
versando.

– As pedras, pois é, as pedras... As pedras
– continuava então, olhando pra mamãe –,

eu dei pruma moça bonita que ficou aqui me esperando.

De outra vez ele ajuntou a família e viajamos dias e noites sem parar, num caminhão velho, parando na estrada pra cozinhar e pra dormir, na carroceria mesmo, e a gente nunca chegava ao fim da viagem.

– Para onde a gente vai, pai? – eu perguntava.

E ele respondia:

– Pro fim do mundo.

E a gente não chegava nunca. Até que ele se cansou e a gente voltou pra nossa cidade, onde mais uma vez, como sempre, ele brigava com vovô aos berros:

– Se você tivesse confiança no seu filho – dizia papai – dava a ele um pedaço de terra pra plantar nem que fosse mato.

E vovô respondia:

– Mas se você nem pára quieto nesta cidade!

E ficavam dias e dias sem conversar um com o outro.

Papai era assim. Todo mundo gostava dele, vivia pelos bares abraçando os outros, conver-

sando, rindo, fazendo planos para enriquecer depressa, parece que não tinha inimigos. Mas quando se candidatou a vereador, gastando na campanha todo o dinheiro que tinha, conseguiu só oito votos.

– Roubaram nas urnas – sentenciou, no meio de uma dúzia de palavrões.

E nunca mais mexeu com política.

Mamãe acompanhava aquele homem onde ele fosse. Às vezes brigavam, mas sempre acabavam abraçados, rindo ou chorando.

E agora, quando chegava a noite, estávamos ali, mamãe, eu, Silvinha e Tuniquinho, esperando por papai para mais uma aventura sem fim. Começava a escurecer e papai não chegava. O chofer do caminhão reclamou:

– Desse jeito só vamos chegar a Brasília no ano que vem.

Mas papai chegou pouco depois, rindo como sempre, assobiando uma musiquinha alegre que sempre assobiava quando estava satisfeito.

– O que houve? – perguntou mamãe.

– O velho desejou felicidades – ele respon-

deu com alegria. – E mandou este embrulho pra você.

Mamãe abriu o embrulho e depois fechou, comovida. Era um queijo.

Papai olhou para nós, sua família, respirou fundo, olhou para a porta da casa, já fechada, e mandou que eu e Silvinha subíssemos pra carroceria, onde estava toda a tralha da gente: as camas, o fogão, os armários, as cadeiras e as panelas. Subiu com mamãe e Tuniquinho para a cabina e o caminhão saiu.

Quando deixamos a cidade, já estava tudo escuro. Silvinha começou a cochilar em cima de um colchão e eu deitei de barriga pra cima noutro, de cara para o céu. Fiquei olhando para as luzinhas que se acendiam atrás das nuvens e pensei que seria bom, muito bom, se Alice estivesse indo com a gente.

E depois dormi.

É aqui que nós vamos morar

Chegamos a Brasília dois dias depois, mas nem eu nem Silvinha nem Tuniquinho vimos

os prédios de vidro da cidade. Passamos por lá de madrugada, dormindo, e quando papai nos acordou com um cutucão levantei de um pulo e só vi umas casinhas de madeira marrom.

– Chegamos, sabichão – falou papai.

Esfreguei os olhos e procurei o Palácio da Alvorada, a Praça dos Três Poderes, a Catedral, tudo aquilo que a revista mostrava.

Mas nada daquilo estava por perto.

Não havia o rio chamado Fison. Não havia sol, não havia ouro. Mas logo depois o sol começou a nascer espantando a escuridão e mostrando para nós a poeira das ruas, o estalar da madeira das casas, o ar triste e sonolento das pessoas.

Papai olhava para nós rindo e falando sem parar.

– É isto aí mesmo, gente. Aqui é Taguatinga e é aqui que nós vamos morar. Brasília fica naquela direção e um dia nós vamos lá. Mas é aqui que vamos construir a merda deste país.

Mamãe pediu a papai que não dissesse palavrão e ele disse outro, só pra chatear. Então

mamãe riu, balançou a cabeça e falou bem alto: merda. Tuniquinho tentou repetir a palavra e saiu um barulhinho esquisito da sua garganta. Nós todos rimos e papai abriu a porta da nossa casa.

Era uma casinha de madeira com quatro cômodos e um chuveiro do lado de fora, fechado por umas tábuas. Mamãe entrou primeiro, medindo o espaço com as pernas, e papai entrou logo atrás. Quando mamãe virou as costas, ele olhou para cima, com ar distraído, e lhe deu um beliscão na bunda.

– Antônio! – repreendeu mamãe. – Não faça mais isso!

E papai, olhando para todos nós, fazia um ar de espanto e dizia:

– Eu? Ora, eu não fiz nada, Maria. Você está sonhando.

Mamãe, decidida, voltou para fora, olhou toda aquela mobília no caminhão e ordenou, empurrando papai para a frente:

– E mande logo descer os móveis, que eu quero ver isso aqui hoje com uma aparência decente.

Estava tudo cheio de poeira e até altas horas da noite mamãe ficou varrendo o chão, limpando as paredes e arrastando os móveis dentro de casa. Papai saiu para acertar as contas da viagem e quando voltou todo mundo já estava dormindo.

Então Brasília era aquilo.

Aquele triste homem cansado

A gente via Brasília uma ou duas vezes por mês, quando papai tinha folga na construtora e arranjava um jipe emprestado para nos levar.

– Esse jipe – comunicava – é da Construtora Rabelo. Só me emprestaram porque sou bom empregado.

E buzina bem alto, para avisar ao povo que Antônio e sua família iam naquele domingo passear por Brasília, a cidade do futuro, onde nasce o ouro.

Não tinha muita graça. Mamãe dizia que tinha deixado em Taguatinga uma trouxa de roupa pra lavar e precisava voltar logo. Tuniquinho também não mostrava o menor

interesse e começava a chorar. Não adiantava nem papai cantar o tutu marambá para ele. Só Silvinha queria ver tudo, principalmente as vitrinas.

– Ver, pode – avisava papai dando tapinhas de leve no rosto dela. – Mas só ver, porque comprar essas besteiras daí, só mesmo a gente granfina.

Mamãe balançava a cabeça desconsolada e a gente andava, andava e andava sem parar.

Um dia papai nos levou à tardinha para ver a saída do presidente e nós ficamos quase duas horas diante do Palácio da Alvorada, esperando. Quando ele saiu, uma porção de soldados ficou em posição de sentido e deu pra ver, mesmo de longe, que eles não podiam nem olhar pra cara do presidente.

– Esse é que é o Jânio Quadros da vassoura, pai? – perguntei.

– Não, não, esse é o Jango – Disse papai sem olhar pra mim. – Não te disseram na escola que o Jânio renunciou?

Não tinham dito nada. Também não perguntei mais nada; fiquei só olhando os guarda-

costas do Jango e cruzando os dedos pra fazer um pedido.

Se eu tivesse de ser alguma coisa na vida – eu pedi – podia ser nem que fosse guarda-costas.

Nós voltamos ali muitas outras vezes para ver o Jango sair do Palácio. As pessoas ficavam esperando, tinha dia que até batiam palmas e gritavam vivas e urras, não sei bem por quê. E, também não sei por que, a cara do Jango parecia a cada dia mais velha. Seria um homem triste, mesmo dono de um país tão grande como o Brasil?

Papai comentava que não, não era um homem triste, mas um homem muito ocupado, por isso estava definhando daquele jeito. Porque tinha de governar um país inteiro e ainda por cima um bando de vagabundos ficava por aí atrapalhando.

– Atrapalhando, pai? – eu perguntava, surpreso.

– É. E conspirando, pra derrubar o governo.

E nada mais dizia. À noite, eu tinha pesadelos terríveis. Sonhava com homens enormes,

gordos, de unhas sujas e dentes grandes, que se reuniam em lugares escuros para tramar alguma coisa feia contra aquele triste homem cansado.

O país de Evilath tornava-se, a cada dia, um país triste e sombrio.

Nossa terra não é mais aqui

Um dia papai chegou em casa pulando e rindo. Beliscou a bunda de mamãe, como sempre, deu um piparote no pinto de Tuniquinho e perguntou pra Silvinha onde ela tinha arrumado aquele namorado de sardas e dentuço que ele tinha visto na porta de casa, sábado passado.

Silvinha ficou vermelha e foi correndo pro quarto, sem responder. Mamãe perguntou pra papai o que tinha acontecido e ele respondeu, olhando pra dona Marocas, uma vizinha de mamãe que estava na sala.

– O Jango vai fazer a reforma agrária.

– Ai, meu Deus – mamãe disse, levando a mão à cabeça.

O pai de mamãe tinha uma fazendinha

perto de Montes Claros, em Minas, e sempre ficava de mau humor quando ouvia falar de reforma agrária. Era um homem bom, mas muito violento.

– Quer dizer então – falou mamãe – que o governo vai tomar todas as terras?

Papai olhou para mamãe e disse:

– Vai tomar principalmente as do seu pai, aquele velho bruto. Você não sabe o que é reforma agrária?

– Coisa de comunista – interveio dona Marocas, fechando a cara e fazendo o sinal da cruz.

Papai balançou a cabeça, caiu numa cadeira e resmungou:

– Se fosse até que era bom. Santa mãe de Deus! Não é nada disso!

Eu não sabia o que era reforma agrária, e muito menos o que poderia ser comunista. Um dia eu aprenderia todas essas coisas, mas esse dia ainda estava longe. Uma vez, papai explicou:

– Reforma agrária é dar terra a quem não tem, para plantar, colher, vender e comer.

Era qualquer coisa assim, que não entendíamos direito, mas que devia estar certa, tal a firmeza da voz de papai quando falava naquilo.

– Mas, e daí? – perguntou mamãe.

– Daí – respondeu papai – que vou largar tudo e plantar milho na terra que o governo me der.

– Santa Maria! – gemeu mamãe.

Daquele dia em diante ninguém mais teve sossego em nossa casa. Papai só pensava na sua roça de milho, numa criação de galinhas, quem sabe uma ou duas vacas, uma casinha no meio do mato, uma vida sossegada, bem longe de Brasília.

– Eu juro que, na terra que o governo me der, vai passar um rio, e este rio é o Fison, nem que seja o último rio da nossa vida.

Ia começar tudo de novo. Logo papai ia chamar de novo o caminhão e viajaríamos outra vez dias e noites sem parar, até acharmos nosso novo destino. O país de Evilath não era mais em Brasília.

Mas, até que ia ser bom. A Brasília que

esperávamos conhecer estava muito longe da Brasília na qual vivíamos. Mamãe trabalhava o dia inteiro na sua casinha de madeira e papai chegava tarde da noite, suado, nervoso, impaciente.

Estava demorando a receber seu pedaço de terra.

E Deus, pai?

Um dia, na escola, dona Iolanda, a professora, perguntou se a gente rezava o rosário em família e eu lembrei que nunca rezávamos em nossa casa. Quando eu disse isso, ela arregalou o olho e perguntou:

– O seu pai é comunista?

Eu não soube responder. Eu não sabia o que era comunista, então dona Iolanda disse que comunistas eram os russos e os cubanos. Os comunistas jamais rezam, ela disse, e odeiam Jesus Cristo.

– Quando as crianças nascem – disse dona Iolanda –, tomam todas elas dos pais, que ficam eternamente infelizes. Nos países co-

munistas todos têm de ser ateus, ninguém é dono de nada, nem da roupa que veste, e até para ir na esquina comprar leite precisa autorização da polícia. É uma tremenda burocracia.

Eu ouvia tudo espantado. Viver num país assim devia ser duro, eu pensei. E então dona Iolanda continuou:

– Dizem até que os comunistas, quando falta carne, comem crianças vivas, com sal e azeite. Eu não sei se até isso é verdade – resmungou – mas é o que andam dizendo por aí.

Depois que nós rezamos, no final da aula, e já íamos saindo, dona Iolanda lembrou-se de alguma coisa e gritou, enquanto limpava o quadro negro:

– Sim, já ia me esquecendo. Os chineses também são comunistas. Lembrem-se sempre disso.

Cheguei em casa horrorizado. E se papai fosse comunista? Eu não podia imaginar aquele homem alegre e bom fazendo barbaridades como as relatadas por dona Iolanda. Por isso, naquela noite não dormi, esperando por papai. E quando ele chegou, fui logo perguntando:

– Pai, o senhor é comunista?

Papai ficou ali parado, olhando para mim com uma seriedade que eu nunca havia visto no rosto dele.

– Quem te falou isto? – ele perguntou, com a voz dura e enérgica.

Contei pra ele toda a história de dona Iolanda.

– Mas que mulher burra! – disse papai coçando a cabeça. – Comunismo não é nada disso.

E explicou então que comunismo era mesmo ninguém ser dono de nada, mas que isso, às vezes, significava ser dono de tudo.

– E Deus, pai? – eu perguntei.

– Deus – ele disse –, você acredita se quiser. Se um dia precisar dele, acaba achando.

Meu pai é um homem bom e certamente não ia querer me enganar. Por isso me falou que os comunistas também têm seu defeitos, e que quem quisesse ser comunista tinha de pensar muito antes, para não se arrepender depois.

– O importante, meu filho, é você ser honesto. O resto é conversa fiada. Inclusive essa

conversa de dona Iolanda não passa de conversa fiada. Ela deve estar precisando é de um marido.

Um par de botas, meu filho

Mas o rádio vivia dizendo que era preciso acabar com os comunistas, antes que eles jogassem o Brasil no abismo, e durante muito tempo eu não entendi por que diziam aquilo.

Meu pai explicava que o rádio só servia para espalhar mentiras e tentava nos explicar alguma coisa daquela grande confusão. Mãe não gostava de ver papai falando assim.

– Você vai deixar os meninos confusos, Antônio.

– Já é tempo de eles aprenderem alguma coisa de útil, Maria – respondia papai. – E não vai ser na escola que aprenderão isso. Aquela dona Iolanda é uma panaca de sacristia.

– Panaca, pai? – perguntava Silvinha.

– É, panaca. Panaca é pateta, boba. E panaca de sacristia é a boba que, além de boba, quer casar com Deus.

Mamãe balançava a cabeça, desconsolada, e ia para a cozinha. Papai não tinha mesmo jeito. E não ia ser depois de velho que tomaria juízo, dizia ela para as vizinhas, quando elas vinham lhe dar conta das muitas façanhas de papai.

Porque agora ele inventara de fazer discursos nos comícios não só em Taguatinga, mas até em Brasília. Passava as noites sem dormir, escrevendo frases complicadas em folhas e mais folhas de papel.

– O dinheiro que um homem honesto ganha hoje – dizia ele –, não dá pra sustentar uma família com decência.

E era verdade. Mamãe voltava da feira reclamando dos preços, há vários meses não comprava roupas para ela mesma e era uma pena ver as calças do Tuniquinho: sempre remendadas na bunda.

O meu sapato estava furado e papai não me dava dinheiro para colocar uma meia-sola. Tive de forrar o buraco com um pedaço de papelão e quando chovia meu pé ficava gelado como o de um defunto.

– Mas um dia a gente ainda muda este país
– dizia papai, cheio de esperança. E, virando
pra mim, prometia:

– E neste dia, meu filho, eu juro que te
dou um par de botas novas.

Mas nada disso aconteceu

E o tempo passava. Papai sempre chegando tarde em casa, mamãe envelhecendo na cozinha, as calças de Tuniquinho aumentando os seus remendos e crescendo, a cada dia, o enorme buraco do meu velho sapato.

Dona Iolanda continuava pedindo que rezássemos contra os comunistas, e quando papai sabia disso, dizia:

– Um dia eu ainda tiro vocês daquela escola.

Taguatinga estava ficando esquisita. Dia e noite soldados de capacete rondavam as nossas casas, de dia com metralhadoras, de noite com cachorros e lanternas.

Mamãe ficava nervosa com tudo aquilo, mas papai abraçava-a e dizia, com a voz mansa e serena:

– Não tenha medo, Maria. O presidente é um homem bom e sabe que estamos com ele. Esses soldados estão aí para nos proteger.

Naqueles dias eu pensava que o Brasil ia entrar na guerra. O rádio vivia tocando marchas militares e todo dia o presidente, algum ministro ou um governador fazia discursos atrás de discursos.

Dona Iolanda, na escola, levava sempre um terço e obrigava todos a rezar com ela:

– O presidente da República – sentenciava – é a encarnação do capeta e devemos todos rezar para que Deus salve a pobre alma dele.

Papai ficava irritado com aquilo, quando lhe contávamos:

– É por causa de gente assim que esse país não sai da miséria.

Mas a verdade é que estávamos todos afundados numa grande confusão. Um dia descobrimos que a comida em casa diminuía de um dia para o outro e que papai estava ficando quase tão nervoso quanto mamãe.

A sua reforma agrária estava demorando e na construtora circulavam boatos de que cem

empregados seriam demitidos na semana seguinte.

– Se isso acontecer – ameaçava papai –, vamos fazer uma passeata e um comício tão grande que essa cidade vai sumir debaixo de cartazes. Esse país está precisando é de respeito.

Mas nada disso aconteceu.

Não tem mais importância

Porque um dia papai chegou em casa chorando e ver aquele homem gordo e vermelho chorando era a pior coisa do mundo. Papai chegou suado, como sempre, as roupas rasgadas, o ombro sangrando e as lágrimas escorrendo pelo rosto de barba crescida.

Mamãe levou Tuniquinho e Silvinha pra cama e, não sei por que, permitiu que eu ficasse ali na sala, olhando para o rosto de papai.

Quando mamãe voltou do quarto, alisando o avental com ar preocupado, eu já sabia que no outro dia mesmo a gente mudava de Brasília sem ter jamais conhecido verdadeiramente a cidade de vidros brilhantes.

Papai soluçava como um menino e mamãe passou a mão no rosto dele, enxugando as lágrimas com carinho.

E eu fiquei ali sentado na frente deles, quase chorando também, ouvindo papai dizer “ele nos abandonou, fugiu para o Uruguai, aquele filho da puta”. E mamãe nem sequer pediu a papai que não falasse nomes feios.

Porque nada disso agora tinha importância.

Eu não sabia de nada

O Exército chegou na manhã seguinte, invadindo Taguatinga e pedindo documentos aos homens e às mulheres. Quem não tinha era levado preso. Papai também foi.

Nós não saímos de Brasília naquele dia mesmo, como a gente imaginava, mas muitos dias depois. Papai não voltava nunca, mamãe chorava o dia inteiro, escrevendo cartas para vovó e vovô. Taguatinga era um lugar triste e os meninos não brincavam mais nas ruas cheias de poeira.

Um dia o pai de Belchior, um menino magro da rua Dois, gritou bem alto que a democracia tinha acabado no Brasil e foi o bastante para ser levado também pelos soldados.

A partir daquele dia, todos falavam cochichando e parece que tinham medo até dos parentes. Eu perguntei a mamãe se alguém tinha morrido e ela respondeu: “Não, meu filho, quem morreu foi o Brasil.”

E eu não consegui entender como podia um país tão grande morrer assim tão rápido, só num dia.

Quando vovô chegou, papai ainda estava preso. Ficaram os dois, mamãe e vovô, conversando no quarto e quando eles saíram mamãe chorava.

Naquele dia mesmo chegou o caminhão da mudança. Vovô ajudou mamãe a subir na bo-léia com ele e Tuniquinho e nós, eu e Silvinha, subimos para a carroceria, no meio dos móveis.

Quando o caminhão saiu de Taguatinga eu olhei para trás e vi aquelas casinhas pobres sumindo no meio da poeira. Mas quando o

caminhão atravessou Brasília para tomar o caminho de Minas , eu fechei os olhos para não ver a cidade.

Eu nunca mais ia querer ver aquela cidade, para o resto da minha vida.

E assim voltamos para a fazenda, longe de Brasília, que não chegamos a conhecer, e longe de Alice, Alice e seus pirulitos, que também não vi nunca mais.

Na fazenda, vovô dizia que papai era um louco e que a reforma agrária nunca ia ser possível no Brasil.

Eu ficava ouvindo e pensava comigo mesmo: vai ser possível sim, quando papai sair da cadeia e eu crescer, porque nós dois juntos vamos sair por aí brigando com quem nos roubou a felicidade e, aí sim, vamos ver quem é homem neste país.

Mas eu nem sequer sabia o que estava pensando.

Pode chorar, meu filho

E também não ia adiantar nada. Porque um dia, muitos anos depois, papai chegou em casa, menos gordo, mais triste, com a cabeça baixa e a voz humilde. Abraçou mamãe, abraçou Tuniquinho, perguntou meio sem graça se Silvinha tinha arrumado um namorado e me apertou a mão com respeito, porque eu já estava bem crescido.

Mas não era o mesmo homem. Não ria, não falava os palavrões de costume, não beliscava a bunda de mamãe nem discorria sobre os seus grandes projetos. Concordava com tudo o que vovô dizia e até aceitou trabalhar com ele na roça, plantando uma lavoura de milho sem ser dono.

De vez em quando ia à cidade, depois de conferir todos os documentos, e às vezes me levava com ele. Mas não conversava com quase ninguém. Gostava de ficar no bar bebendo uma cerveja sozinho, um dia até deixou que também eu bebesse um copo, perguntou se não queria fumar e fiquei vermelho de vergonha.

Eu já fumava na escola, escondido, e virei a cara, resmungando qualquer coisa que nem eu mesmo entendi.

– Pode fumar, toma um – disse papai estendendo o maço.

Peguei um cigarro, deixei que papai acendesse para mim e traguei bem fundo, morrendo de medo. Ele riu com tristeza e disse:

– É bom que você cresça, para ir entendendo as coisas.

E ficamos ali os dois, fumando e bebendo cerveja, até que o sol começou a se esconder atrás da serra e tudo era uma vermelhidão sem fim.

Papai olhou para o alto do morro, onde havia um cruzeiro; ali começavam as terras de vovô. E eu fiquei olhando para ele e sabia que era um homem triste. Comecei a chorar baixinho e ele não me xingou, como antigamente.

– Pode chorar, filho, que faz bem.

E me ofereceu outro cigarro, que aceitei. Eu vi que papai nunca mais ia chorar na vida, porque seu rosto agora era magro e seco. E que nossa infância tinha terminado e papai nunca mais seria um menino.

– Mas não tem importância – ele disse. – É bom a gente crescer, pra não sonhar muito alto.

Eu pensei então que papai era um homem morto, que nunca mais ele ia sorrir, nunca mais sairia como um doido procurando diamantes ou a sua Brasília do futuro.

Eu pensei então que papai ia acabar a sua vida na fazenda de vovô, aceitando as ordens dele e plantando milho para vender barato, quase tendo prejuízo.

Por causa disso, quando nos levantamos dali, eu o acompanhei com o corpo curvado, como se fôssemos dois homens muito velhos. E assim caminhamos tristes até o velho carro que vovô lhe emprestara.

E que ele dirigiu em silêncio até a fazenda, mas num silêncio tão raivoso que eu descobri: não, papai não está morto, um homem assim com tanta raiva não pode estar morto.

Você se lembra de Evilath?

Uma noite eu fiquei até tarde na varanda da casa, olhando os vagalumes se acendendo

e se apagando perto da cerca do curral. Fazia muito frio e eu estava triste com a nossa vida. Começou a cair uma chuvinha fria, os vagalumes sumiram na escuridão e eu pensei que ia chorar outra vez.

Eu ainda estava ali sozinho quando papai chegou e pôs a mão no meu ombro. Eu não quis olhar para trás, para não ver a cara dele agora magra e humilde, sem a grandeza de quando saía pelo mundo afora, gordo e pesado como se fosse o dono da terra e de todas as coisas. Mas ele apertou o meu ombro e perguntou:

– Você se lembra?

E eu não respondi. Sim, eu me lembrava de tudo, como poderia esquecer? E cada vez mais ele apertava o meu ombro, tanto que chegou a doer. E então ele disse:

– Você se lembra do país de Evilath?

Sua voz agora era forte e poderosa. Virei a cara e era outra vez nosso pai gordo e grande diante de nós. Tinha o rosto vermelho e ria. A chuvinha fina começou a engrossar e logo era uma grande tempestade cheia de raios e trovões. Então eu comecei a chorar de felicidade, enquanto papai dizia:

– Pois esse país existe.

O mundo estava acabando em água. As vacas mugiam no curral e o céu estava todo rasgado, mas ficamos ali na varanda, os dois, e de repente papai me deu a mão e ali ficamos de mãos dadas, porque tudo começava de novo e nada mais era escuro, vazio e vazio. Outra vez eu entendia as coisas.

No outro dia eu acordei cedo com o ruído das vacas e, quando cheguei na cozinha, mamãe esfregava o avental, nervosa e feliz. Aquela cena eu conhecia de muitos anos e foi cheio de alegria que perguntei, quase sem voz:

– Papai?

Mamãe me apontou o curral e caminhei até lá como se caminhasse de encontro a uma nova vida. Papai, gordo, vermelho, suado, discutia com vovô, e vovô dizia: “Você está louco.” Mas não estava.

Cheguei bem perto deles e olhei vovô de frente. Estava roxo de raiva e dizia que não ia permitir outra vez que mamãe acompanhasse um desmiolado pelo mundo afora. Quando vovô me viu, disse a papai:

– Afasta o menino que a conversa é séria.

Papai olhou para mim espantado, virou para vovô e disse:

– Não estou vendo menino nenhum aqui. Estou vendo um homem.

E vovô, engasgando as palavras, levantou a cabeça e saiu dali pisando forte, como sempre fazia quando perdia uma briga. Papai riu como há muito tempo eu não o via rir e pôs a mão no meu ombro.

– Não, meu filho – disse –, eu não sou um homem morto, e esse país não vai continuar assim.

Horas depois chegava o caminhão de mudança. Mamãe trocou nossas roupas e pouco depois tudo estava pronto. Papai entrou com mamãe na boléia e eu, Silvinha e Tuniquinho, agora já maior, subimos na carroceria.

O caminhão deu partida. Quando olhei para trás, vovô estava na janela balançando um lenço; acho que nunca ia ter mesmo raiva de papai. Papai disse ao motorista para sair buzinando até gastar a bateria. Eu olhei para Silvinha e Tuniquinho e ri. Eles também.

Nenhum de nós sabia para onde íamos, mas nada disso tinha importância. O importante era ir para algum lugar, o país de Evilath ou qualquer outro lugar decente, dissera papai antes de sair.

E nós, sua família, haveríamos de acompanhá-lo até o fim do mundo.

*Para
Antônio Trindade,
meu pai.*

CÂNDIDA

Cândida dorme inteiramente nua sobre os pálidos lençóis de sua paz adolescente. É manhã e o sol corta com raiosinhos claros as cortinas de linho fino: feixes amarelos de uma luz fantástica caminham até o corpo de Cândida e beijam suavemente o pequeno biquinho rosa de seu minúsculo seio. A luz desce depois pelo calmo caminho limpo de seu ventre miúdo, intromete-se morna por entre os raros pêlos ruivos de seu púbis adormecido, quando então Cândida se vira na cama e sorri, o branco sorriso de quem sonha com o rosto de Deus.

Cândida acorda serena como se o sono lhe tivesse restaurado todas as forças. Nua como sempre desejou estar num mundo escondido por vestimentas impróprias, vai ao banheiro

torcendo para que ninguém apareça para repreendê-la tão “imoral” andando livre pela casa. Escova os dentes olhando feliz para os grandes olhos castanhos e esquece-se depois de pentear os grandes cabelos encaracolados, como se quisesse esconder entre os anéis e espirais e caracóis a verdadeira origem da vida.

Cândida lava seus órgãos sexuais com o doce cuidado de quem se prepara para a última viagem em direção ao delírio. Desde o mais fundo de sua nudez despreocupada, explodem pequenas ondas de um desejo infantil de chupar um grande, vermelho e açucarado sorvete de morango. Cândida sonha e fecha os olhos como se um novo sono quisesse roubá-la para sempre do convívio dos homens.

Cândida desce à rua com seu livros e cadernos. Liberta de compromissos e deveres, toma a direção oposta à da escola, aspirando com força a calma aragem que lhe traz o perfume agridoce das folhas morrendo no outono. Cândida é a mais feliz das crianças sobre a face da terra. Uma terra de milhares e milhares de anos e séculos e milênios, e sobre a qual seus

treze períodos de sonho só agora acolheram o primeiro período menstrual.

Cândida deixa os limites da cidade e procura a árvore de galhos tortos onde um João-de-Barro construiu uma redonda casa. Vê então que já existem dois filhotes gritões que pedem, talvez, comida. Cândida esquece os livros e cadernos sobre a grama e deixa-se ficar ali, recostada à árvore, a ouvir os filhotes e a esperar por aquele que lhe extinguirá no corpo infantil o medo dos fantasmas noturnos.

Ele chega dois minutos depois com seus dezesseis anos que desconhecem os pesadelos e os suores dos adultos de pele enrugada. Cândida está de olhos fechados, quase deitada sobre o gramado verde em que pequenas folhas macias movem-se sobre o peso microscópico de pequenos insetos alienígenas. Cândida só abre os olhos quando ele, despojado de todas as vestes inúteis que lhe causam incômodo, debruça-se sobre ela e diz: “Quero ver você nua na beira do rio.”

Cândida sorri de olhos cerrados e ele fecha os seus lábios de criança maliciosa com um

leve beijo almiscarado. Cândida deseja que o mundo desapareça à volta da árvore em que o joão-de-barro chega para alimentar os filhotes, e descendo para a margem do rio diz então: “Espere.” Minutos depois grita “venha” e ele corre para as águas como se nelas pudesse descobrir a origem da cor caleidoscópica das asas translúcidas das mariposas agonizantes.

Cândida desliza pelas águas transparentes o seu pequeno corpo quase impúbere. E ele, arrebatado de encantamento e ternura, arranca-a do rio e a carrega, subitamente forte, para a margem onde a areia mais fina acolhe os corpos molhados como o mais suave e firme dos leitos. Cândida ajoelha-se, os seiozinhos endurecidos escorrendo gotículas de água que refletem as mil cores do sol. E ele, os olhos fitando em silêncio os castanhos olhos grandes de Cândida, move os lábios para dizer “eu te amo”.

A frase se imobiliza entre eles durante um milênio de encantamento e magia, quando Cândida sente explodir dentro de seu ventre o impressentido vulcão do amor e do desejo. Sem despregar os olhos dele, dirige as mãos

para o pênis firme e o toca bem de leve, como se quisesse pela primeira vez pressentir o movimento da vida. Decidida, olha-o com o brilho adocicado do desejo e, abaixando-se, lambe sua boca em busca do gosto do amor. “Quero que você entre dentro de mim”, murmura Cândida com a voz rouca de quem sente fome e sede e frio.

Cândida deita-se sobre a areia e fecha os olhos para não ver o sol. Abre as pernas lentamente e deixa que ele se debruce sobre ela com a leveza de seus verdes e desajeitados anos econômicos. Quando ele penetra o verdadeiro corpo de Cândida, ela abre os lábios levemente e grita: “Vem, entra bem fundo no fundo da minha vida.” Ele obedece como se no fundo dos segredos de Cândida pudesse descobrir a origem dos anéis de Saturno. Quando então o universo explode em milhares e milhares de bombas coloridas, e Cândida grita e chora de felicidade, e ele grita e chora trespassado pela mais dolorosa e gratificante ternura, quando ele e Cândida gritam e choram face a face com o rosto de Deus.

Além da areia e do rio e da árvore, a cidade geme e gane, sufocada pela fumaça e pelo chio das ferragens hipocondríacas. Homens de paletó e gravata deslizam como sonâmbulos pelos subterrâneos do metrô congestionado, apertam-se contra os corpos liquefeitos das mulheres suadas que lhes pedem dinheiro, dinheiro, dinheiro, caminham em direção ao nada e ao sofrimento como se no final da árdua caminhada pudessem desvendar finalmente os segredos da vida e da morte.

ALSO SPRACH ZARATHUSTRA

Para Rubem Fonseca

Gostava de se masturbar ouvindo *Also Sprach Zarathustra*, de Richard Strauss. Friccionava o pênis durante vários minutos e, quando sentia a proximidade do orgasmo, voltava a agulha para a abertura e aumentava o volume do som. Fechava os olhos e morria de prazer num mar de gozo e metais.

Naquela noite, porém, não quis se masturbar. Acabara de ler um conto chamado *Madona* e sentiu a solidão subindo e apertando um nó na garganta. A vida naquele tempo era uma coisa amarga e inútil. Tinha dezesseis anos.

Naquele tempo você não sabia se vivia ou morria. Você se lembra que aos quinze anos pensou em se suicidar. Você morava em Sete

Lagoas, no interior de Minas Gerais, e passou toda uma noite andando em volta da Lagoa Paulino, onde a polícia encontraria um corpo boiando de madrugada. Não o seu, porque você não teve coragem de se matar. Mas naquele tempo você pensava em morrer.

O que sentia ao rondar aquele lago sombrio, cujas águas mornas, paradas, refletiam a lua? O que você pensava? Você já não lembra mais, você esqueceu tudo o que o impelia para a morte. Você só sabe que escapou, e hoje se pergunta se valeu a pena. Se não teria sido melhor morrer, como aquele rapaz magro que a polícia encontrou boiando nas águas. Aquele corpo jovem e magro que parecia o seu, mas não era você, pois você estava vivo e ele morto para sempre.

Masturbar-se ao som de Strauss seria, naquela noite, mais um motivo para a tristeza. Por isso desligou o som e saiu. Na rua, andou horas e horas sem rumo, olhando as vitrinas. Gostava de olhar os manequins de vestidos longos ou em roupas de banho.

Tinha vontade de acariciá-los, mas sabia que eram de plástico e não tinham nenhum buraco. Mas você desejou possuir um dia uma boneca de plástico chamada Gretchen. Porque Gretchen lhe satisfaria todos os desejos. Porque Gretchen sufocaria no seu peito aquela imensa solidão.

Às duas horas da madrugada descobriu-se na Avenida Dom Pedro II. Bateu na primeira porta de luz vermelha e ninguém abriu. Insistiu e uma voz irritada pediu que esperasse. Fazia frio e ele apertava os dedos com as mãos dentro dos bolsos. Tinha os lábios rachados e os olhos sufocados de tristeza.

Você se lembra que a mulher era gorda e feia. Você tinha quatorze anos e ela aceitou deitar com você por alguns cruzeiros. Era todo o dinheiro que você possuía, mas você aceitou. Você se encontrou com ela na linha da estrada de ferro e, abraçados, sumiram no meio do canal. Ela levava uma sacola de lona com um cobertor, um travesseiro e uma toalha. Você levava medo e angústia.

Por que tinha de ser daquela maneira suja e hostil? Ela tirou a calcinha e, agachada, urinou ruidosamente. Depois deitou-se com as pernas abertas e levantou o vestido. Você tirou as calças e tentou deitar-se sobre aquele corpo flácido e velho. Ela perguntou se era a primeira vez e você teve vergonha de dizer que sim. Foram inúteis todas as tentativas. Você não conseguiu ir até o fim e ela perguntou, irônica, se você estava doente.

Sim, estava. Você pensava em morrer.

A mulher se levanta e apaga a luz. Deita-se sobre ela ouvindo ao longe a abertura de *Also Sprach Zarathustra*. Sente a ponta da glândula inspecionando as dobras dos grandes lábios. Estão úmidos. A mulher arqueja fingindo prazer. Ele desce as mãos e acaricia-lhe a vagina. Ela geme. Tenta beijá-la, sem nojo, mas ela vira a boca. Suspira, resignado, e penetra-a de uma só vez. Ela grita histericamente e começa a mexer-se com rapidez. Ele aperta as nádegas e, de olhos fechados, ouve os últimos acordes da composição de Strauss.

A mulher acende um cigarro e pergunta se deseja ficar mais. Ele está olhando para o teto sem pensar em nada e não ouve. Ela repete a pergunta e ele olha para ela sem entender. Levanta-se em silêncio e começa a vestir-se. A mulher faz um gesto de desânimo e puxa a fumaça do cigarro com força. Ele olha para ela e percebe que sua um pouquinho sobre o lábio superior. Deixa o dinheiro sobre a mesinha e sai para a rua. O ar livre não o reconforta.

Sente vontade de morrer.

Você se lembra da primeira vez que tentou. A lâmina correu pelo pulso e você não sentiu dor. Então é assim, é assim tão fácil, você pensou sorrindo, mas logo depois doeu e você apertou os dentes com força. O sangue escorria a princípio lentamente, e depois mais rápido. Você sentiu tudo escurecer e quando acordou tudo estava branco ao seu redor. Você olhou para os lados e viu o vidro de sangue, o fio ligando-o a seu braço. Então você descobriu que estava vivo e sorriu amargamente.

O disco de Strauss repetiu a mesma música sete vezes na vitrola. Ouvia-o do banheiro, nu e ensaboado. Pensou em Sandra com tristeza e desconsolo. Não queria tornar a vê-la, no entanto amava-a. Desceu as mãos até o pênis e cobriu-o de sabão. Ensaboou as nádegas e o ânus, sentiu prazer ao deslizar os dedos entre os glúteos. Quando a agulha da vitrola retornou automaticamente para a abertura de *Also Sprach Zarathustra*, introduziu um dedo no ânus e ejaculou.

Você se lembra da segunda vez que tentou. Você estava na rua e eram duas horas da manhã. Você andava sem rumo e de repente você entrou num bar. Pediu um copo com água e ninguém viu quando você ingeriu todos os comprimidos. Você saiu pela Avenida Afonso Pena e tomou a direção do Parque Municipal. Deitou-se na grama e esperou que a morte chegasse. Foi então que viu um vulto se aproximando e era um homem com uma arma. Você sentiu uma pancada na cabeça e nada mais viu, porque tudo se apagou.

Um sujeito de cabelos compridos, lábios vermelhos e boné azul me olha com um olhar esquisito. Tem olhos grandes e cílios longos. Parece mulher.

– Quem é você?

– Psit, não fale.

Segura minhas mãos, aperta-as.

– Quem é você?

– Psit...

Um gato branco se aproxima e salta no colo do outro. Sinto uma dor longínqua e tudo se apaga.

Você não sabia o próprio nome e chorava muito. Lembrava-se de alguém com o nome de Sandra, nada mais. Com a cabeça recostada no ombro dele, não conseguia se conter quando se esforçava por lembrar alguma coisa. Um dia ele lhe propôs ir até a polícia, mas você não quis. O que o impedia? O que fazia com que você se recusasse a se reencontrar?

– Precisamos descobrir alguma coisa – ele diz com voz suave e feminina.

– Sim, precisamos – respondo sem convicção.

– Diga alguns nomes.

– Martinha Serelepe, Juliana Capoeira, Fernando, o Tronxo, Santana o Insone, e Marreco Forrobodó.

Ele ri, uma risada clara e metálica. Ri como uma mulher.

– Nomes engraçados.

– É.

– Não sabe quem são?

– Não. Só os nomes.

– Mais nada?

– Mais nada.

– Não tem importância. Um dia você se lembra.

– É. Um dia eu me lembro.

Coça a nuca do gato, não tira os olhos de mim.

– Esta noite você falou dormindo.

– É mesmo?

– É. Você falou de Sandra outra vez. Disse também o nome de uma cidade.

– Disse?

– Sim, disse. Quer saber?

– Depois. Agora não.

– Por quê?

– Não sei. Mas agora não.

Solta o gato e levanta-se. Anda pela sala, parece nervoso.

– Você ainda gosta dela? – pergunta.

– De quem?

– Sandra.

– Não sei, não me lembro.

– Não se lembra?

– Não. Só do nome. Um nome não é nada.

– É, tem razão. É como se fosse Maria, Joana, Cecília, Renata. Só um nome, não faz diferença.

– É mesmo, é isso mesmo. Só um nome.

– Mais nada.

– Mais nada.

O gato volta para o colo dele. Olha-me de novo e pergunta:

– E os outros?

– Quem?

– Aqueles de nomes engraçados. O Tronxo, a Serelepe, o Insone.

– Ah, não me lembro deles também. Só dos nomes.

Levanto-me, vou até a janela. Lá fora tem uma árvore e um passarinho cantando.

– Quantos anos você tem? – ele pergunta, levantando-se também.

– Não sei.

– Parece ter dezesseis.

– Deve ser isso mesmo.

Volto ao sofá, sento-me. Ele vem para perto de mim e deita-se com a cabeça em meu colo. Passo as mãos em seus cabelos. Ele fecha os olhos e fica muito tempo sem dizer nada.

– Você não quer saber? – ele pergunta de repente.

– Saber o quê?

– O nome da cidade.

– Que cidade?

– Aquela do sonho. Do sonho desta noite.

– Não. Não quero.

– Não quer mesmo?

– Não, não quero. Não quero mesmo.

– Por quê?

– Não sei. Mas não quero. Agora chega.

Levanta-se, abre o armário, tira roupas e troca-se. Tem um corpo bonito.

– Você já vai? – pergunto.

– Sim.

– Posso ir com você?

– Não. Outro dia você vai.

– Tá bem.

– Tem uns livros dentro do armário. Pode ler, se quiser.

– Tá bem.

Você se lembra que leu *Guerra e Paz*, *Judas*, *o Obscuro*, *Quarup*, *Os Lábios Úmidos de Marilyn Monroe*, *O Caso Morel*, *Grande Sertão: Veredas*, *Conversação na Catedral*, *Cem Anos de Solidão*, *Ulisses entre o Amor e a Morte*, *Quincas Borba*, *Sob o Vulcão*, *Volveré con mis Perros*, *Rayuela*, *Literatura e Revolução*, *A Sociedade Competitiva*, *Snow White*, *Perdido no Túnel do Terror*, *La Muerte Tiene Permiso*, *Mil Léguas Redondas*, *El Mundo es Ancho y Ajeno* e *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Você se lembra que os dias passavam lentos e tranqüilos, e você, esquecido de tudo, nada queria lembrar. Um dia escreveu um poema e dedicou a ele. O poema era um mau poema,

mas assim mesmo ele gostou muito e agradeceu. Você estava quase feliz, mas sabia que alguma coisa estava errada e que aquilo tudo não ia durar. Porque um dia ele trouxe uma vitrola e alguns discos e você estremeceu. Tudo aquilo tinha sido muito bom.

– O que você quer ouvir?

– O que você quiser.

Não me aproximo da vitrola e não quero ver os discos. Minhas mãos suam.

Coloca no prato *Noites Parisienses*, de Offenbach; quando chega na *Barcarola*, fecho os olhos e quase durmo. Sei, porém, que tudo acabou.

– Você sonhou de novo esta noite – ele diz.

– É?

– É. E disse mais nomes. Chamou seu pai, sua mãe, e disse os nomes.

– Eu não disse estes nomes.

– Disse. Você não pode esconder.

– Está bem, eu disse. E daí?

– Nada. Estou só dizendo o que ouvi. Você está nervoso?

A vitrola toca *Also Sprach Zarathustra*. Tudo acabou. Minha cabeça dói.

Naquele tempo eu tinha dezesseis anos e muita vontade de morrer. Porque eu era feito de barro e não aceitava minhas impurezas.

Você sofria porque se acreditava impuro, e entretanto o que era a impureza senão um conceito gasto, inútil?

Porque ele se julgava impuro e isso era tudo o que sabia. Não se indagava sobre se aquilo era bom ou mau e por isso sofria.

– Você está triste?

Está a meu lado, os olhos enormes indagando por respostas impossíveis.

– Estou.

– Vai embora hoje?

– Vou.

– Vai voltar um dia?

– Não sei.

– Se quiser voltar, pode voltar.

- Não prometo nada.
- Não precisa prometer. Você só volta se quiser.
- Ta bem. Se eu quiser eu volto.
- Assim está bom.
- Mas não precisa esperar. É mais certo eu não voltar.
- Eu sei.

Porque assim tinha de ser e assim foi. Por isto você anda pela cidade sob a chuva fina, fria. As ruas vazias, o vento varrendo as folhas de papel e você andando com as mãos nos bolsos, os dentes batendo, o rosto gelado e roxo. E então você chora. Você passa por um mendigo que cochila numa esquina, enrolado num cobertor imundo e continua andando. As lojas sem gente, as vitrinas mortas. E você chora, porque nada mais resta a fazer.

Você se recosta numa dessas vitrinas, fica ali olhando para as ruas vazias. Vira-se, olha para dentro da loja, os manequins gelados sorrindo o seu sorriso eterno. Você se vê refletido na vitrina e vê que está chorando. É você,

e você se reconhece ali, inteiro e gelado. Tudo acabou, e no entanto tudo recomeça ali. Porque o manequim, pensa você com tristeza, não tem nenhum buraco, e bem que você gostaria de ter a sua Gretchen.

O DESPERTAR DA PRIMAVERA

Acordei com uma puta ressaca e o rádio tocava aquela marchinha escrota de Dom e Ravel. Puta que pariu, que dor de cabeça, meu pai estava brigando com minha mãe por qualquer motivo besta e aqueles dois idiotas do rádio berravam eu te amo meu Brasil, eu te amo, diziam alguma coisa sobre o verde, o amarelo, o branco, o azul anil de nossa querida bandeira e terminavam: ninguém segura a juventude do Brasil. É isso mesmo, a juventude brasileira é foda. Era sexta-feira, uma porra de sexta-feira, e eu estava atrasado para a escola.

Olhei minha cara no espelho, os primeiros fios de barba aparecendo e disse: É, Nando, você está ficando velho. Meus olhos estavam meio mortos, tristes e apagados, e quando pus

minha língua para fora quase caí de costas. Era uma língua verde e parecia uma lixa. Meu Deus, pensei então, será que vou morrer? Minhas mãos tremiam. Calma, Nando, calma, foram só umas bolas e aquele fumo manchado. Calma, calma.

Meu pai estava nervoso, tinha acabado de ler o jornal e discutia com minha mãe por causa de alguma coisa que o irmão dela, prefeito, tinha arrumado na prefeitura. Uma injustiça, dizia meu pai indignado, seu irmão é um ditador selvagem, a história não perdoará seus desmandos. Que é isso, pai, eu disse, ele é só um velho careta, nunca matou ninguém.

– Mas compactua com os assassinos do povo, disse meu pai, gordo e vermelho –, e isso não se perdoa.

Olhei para meu pai e tive saudades daquele tempo em que ele andava pelo mundo em busca de aventuras e nós juntos, como ciganos. O tempo é cruel e muda as pessoas, pensei com meus pobres botões. Ou nada muda, nós é que sonhamos? Calma, Nando, não seja tão poeta. A vida não é assim tão simples.

Atenção, disse o rádio, o governo descobriu em Recife um aparelho subversivo montado pelos remanescentes da ALN, a organização fundada pelo terrorista Carlos Marighella. Três terroristas foram mortos no choque com as forças de segurança. O presidente da República...

– Seu irmão compactua com isso – disse meu pai, olhando para minha mãe com crueldade.

Ela soluçou e deixou a sala.

– Estou atrasado para a escola, pai – eu disse, e corri para a rua com minhas coisas.

Caramba, estava um sol de rachar, minhas pernas doíam e eu não podia abrir os olhos direito. Encontrei o Teco na porta da escola e também ele estava meio chumbado, e aí eu disse, pô, cara, aquelas bolas de ontem, pelamor de Deus, nunca mais! Que isso, cara, é coisa fina, disse o Teco, é que abusamos, onde já se viu, fica frio aí, não dá bandeira não. Essa noite tem mais. Na casa da Suzi?, eu perguntei. É, ele respondeu, na casa da Suzi, o Ricky vai levar, imagina que ele assaltou a farmácia da mãe dele e descolou de montão uma pá de envelopes. Puta que pariu, pensei, essa noite vai ser de lascar.

É, vai mesmo, disse Teco. E aí ele pediu: ô Nando, será que você não podia escrever um poema para mim? Ei, cara, quê isso? Tá achando que sou veado, não vou escrever versos para homem, não. Corta essa, Nando, protestou Teco, quero que você escreva uma poesia para eu dar para a Valdete. Você sabe, ela curte essas coisas, aí eu chego nela com um puta soneto, de verso em verso chego nos peitinhos, porra Nando, quebra essa, vai...

Tá bem, eu disse, de noite eu te levo o poema, você quer em versos alexandrinos ou em decassílabos heróicos? Do jeito que você quiser, respondeu Teco, o que eu quero mesmo é pegar nos peitos da Valdete. Aí aproveitei a deixa e perguntei: Teco, você leu o conto? Que conto, cara? O do rapaz deprimido, *Also Sprach Zarathustra*. Nando, você sabe que não me ligo nesse cara aí, era meio doido e morreu babando, não é não? Não brinca, Teco, tô falando no meu conto.

Que história mais estranha, disse Teco deixando de sorrir, eu li sim. Você sonhou aquilo, Nando? Não, Teco, não sonhei. Mas eu tam-

bém acho essa história estranha. Parece coisa de veado, disse Teco. Não se ofenda não, Nando, mas vamos e venhamos, isso não é nada másculo. Imagina se o Robertão sabe disso. Não enche, Teco, você sabe que eu era daquele jeito, ô cara, você não tem sensibilidade? É, mas se você continuasse naquela down ia acabar dando o rabo, Nando, ainda bem que você cortou a trip. Eu, hein?

Um dia eu vou escrever isso tudo, Teco. Escrever, Nando? Como? Escrevendo, Teco. Um dia eu vou escrever uma história sobre nós dois; sobre a nossa vida aqui, nossos amigos, nossa gente; todas as nossas lembranças. Vou ser escritor um dia, Teco, você vai ouvir falar de mim. Um dia, Teco, eu vou para a cidade grande; vou escrever um livro e vou entender o mundo. E então talvez eu possa entender nós mesmos, eu, você e essa história estranha do *Also Sprach Zarathustra*. É uma história triste, Nando. Sim, é; é uma história triste. E não tem final, Nando. Não, Teco, não tem. É uma história sem final. Que pena, disse Teco. Toda história deveria ter um fim. É, deveria, deve-

ria mesmo, Teco, mas esta é uma história diferente. Ela não acaba, porque também não começou. Você devia rasgar isso, Nando; é uma história falsa, você não era assim. É verdade, Teco, é uma história falsa. Mas o que fazemos senão mentir?

O professor Galvão estava inteiramente louco, na aula de física fumou vinte e seis cigarros e queimou o guarda-pó, que já estava cheio de furos. Que cara mais pirado. O Robertão não parava de encher o saco, sentava na carteira à minha frente e de minuto em minuto virava pra mim e dizia: Veadinho... Putamerda, o cara encanou em mim, não largava meu pé, olhei para o Teco lá na frente e fiz uma careta, ó, o bicho aqui não pára. Fode ele, disse o Teco baixinho fechando o punho, e então cutuquei o Robertão e disse bem pausadamente:

– Sabe, Robertão, a Soninha? Pois é, estou com a calcinha branca dela, aquela de coraçãozinho, aqui dentro do meu caderno. Quer ver?

O Robertão ficou vermelho e começou a estufar as bochechas como um sapo, pensei

que ia estourar, e aí eu tirei de minha bolsa uma calcinha branca de minha irmã, coitada da Sueli, ia ficar sem uma calcinha, e enquanto o Galvão escrevia no quadro a fórmula do Einstein eu pus a calcinha na ponta da régua e levantei como se fosse uma bandeira.

Todo mundo riu, mas quando o Galvão virou-se para nós eu já tinha guardado a calcinha. O Robertão rangeu os dentes e disse: pede pra ir ao banheiro e me espera lá fora, seu veado. Traga suas armas, corno, eu disse levantando. O Teco arregalou os olhos espantado e quando eu já estava saindo senti que o Robertão também se levantava, atrás. Puta que pariu, ia ser foda enfrentar o Robertão lá fora.

O primeiro soco do Robertão me acertou o queixo, mas eu fiquei apenas meio tonto e devolvi-lhe um murro na testa. Ele bambeou as pernas, mas logo me mandou um chute que me pegou a cintura. Quis derrubá-lo, mas alguma coisa me acertou o olho direito e eu só vi uma nuvem de sangue. Caí de quatro e o Robertão, com um gallo na testa, cuspiu na minha cara e disse: seu veado... E, virando as costas, voltou para a sala.

Lavei meu rosto na pia do refeitório, limpei o sangue da roupa e pensei que aquilo não valia a honra de um homem. Quando entrei na sala, logo depois do Robertão, o Galvão já tinha sacado tudo e olhava pra nós com ironia. Energia é igual a emecêdois, ele disse, matéria em movimento, assim são as coisas no universo.

Deu o sinal, terminou a aula e antes que todos saíssem peguei a calcinha da Sueli, joguei na cara do Robertão e disse bem alto, pra todo mundo ouvir: tá bem, Robertão, não enche mais o saco, não precisa brigar por isso, pode ficar com a calcinha da Soninha. E antes que ele reagisse puxei o Teco e saí correndo para o pátio. Não sou nenhum herói.

Depois da festa na casa da Suzi tem um baile no Náutico Clube, disse o Teco, e eu já comprei dois litros de rum. Agora você compra o limão e a coca-cola, pois as bolas quem vai trazer é o Ricky. Tá bem, respondi, mas não sei se vou agüentar. Olha só o meu olho, essa puta ressaca e o Robertão ainda me quebra a cara. Deixa estar que a gente pega ele na curva, disse o Teco.

A Soninha passou requebrando as cadeiras e mostrando a bundinha magra, eu assoviei e logo atrás veio o Robertão, furioso. Saímos de mansinho e ele passou batendo os pés como um boi. E então?, disse Teco. Deixa ele ir, eu disse, deixa pra lá. Eu não queria perder meu outro olho.

A festa na casa da Suzi estava um saco, o Teco dançou quase toda a noite com a Valdete e eu fiquei ali só olhando, triste e solitário. A Valquíria, irmã dela, ficou o tempo todo do meu lado filando o nosso rum, mas saiu logo depois que acendi o primeiro fininho. Pô, cara, disfarça, não dá bandeira, disse o Teco me puxando pelo braço, vá queimar isso lá no banheiro. Não enche, cara, aqui não tem ninguém careta. Meia hora depois eu já estava completamente chumbado. Não sentia o tempo passar e comecei a viajar serenamente. O fumo era dos bons. Puta que pariu, pensei que ia sair voando. Aí começou a tocar uma música dos Beatles, *Lucy in the Sky With Diamonds*, e eu pirei de vez. Puxei a Valdete pelo braço, tomei

ela do Teco e ele ficou lá encostado na parede, puto da vida.

Eu sempre te amei, Valdete, eu disse com voz tranqüila e pausada, sempre te achei uma garota muito legal. É mesmo, Nando?, ela respondeu me olhando no olho esquerdo, já que o direito estava completamente fechado, por causa do murro do Robertão. Juro, eu disse. Mas você não gosta da Soninha?, ela perguntou. Ih, Valdete, não fala nesse nome, a Soninha é uma magrela sem graça. Mas você brigou com o Robertão por causa dela hoje de manhã. Dizem até – será verdade? – que você guardava no meio de seus cadernos uma... uma... peça íntima dela. Peça íntima? Ah, sim, você quer dizer uma calcinha. Valdete, era uma calcinha da Sueli, fiz aquilo só pra irritar o Robertão, aquele panaca. Não tenho nada com a Soninha. Da Sueli? É, da Sueli, minha irmã, coitada, agora ela ficou sem a calcinha branca de coraçãozinho...

Eu estava meio tonto e meio lúcido e vi que a Valdete riu maliciosamente, então perguntei: você vai ao baile do Náutico depois da

festa? Vou, ela respondeu. Então vamos, eu disse, e quando saímos juntos o Teco fez uma puta cara de espanto e gritou: hei, cara, onde vocês vão? Não enche, cara, olha a Valquíria aí sozinha, ó, pega ela aí e vem junto. A Valquíria olhou para ele com uns olhos melosos e ele então pegou-a pelas mãos e nos seguiu resmungando alto.

Quando chegamos no Náutico o Brazilian Boys estava mandando tudo num rock da pesada, mas antes de começar pedi ao Teco umas bolas e enchi a cara, pois estava mais lerdo que propriamente vivo por causa do fumo. A Valdete também quis umas duas e em poucos minutos enxugamos todo o litro de rum. Saímos para o pátio e eu juntei a Valdete atrás de umas árvores, mas ela só deixou pegar nos peitinhos, e mesmo assim só com os dedos, não quis deixar chupar, e quando passei as mãos por baixo de sua minissaia procurando a bundinha, ela arrepiou toda e começou a caminhar para o salão do clube. Pô, Valdete, assim não dá, eu disse, não vê que eu estou perdidamente apaixonado? Não sou a Soninha, ela disse, e

ninguém vai me fazer de boba. Valdete, meu amor, e a liberdade? E o amor, meu bem? Ah, Nando, pára com isso, vem dançar, vem...

O Teco tinha sumido com a Valquíria e eu comecei a sarrar a Valdete enquanto dançava, metendo as pernas entre as coxas dela e soprando bem de leve dentro de seu ouvido. Ela gemia suavemente e deu um gritinho quando mordeu sua orelha, mas aí eu já estava pra lá do mundo conhecido e comecei a ficar tonto, tonto, tonto. A Valdete então encostou sua barriguinha no meu pinto, ficamos ali nos esfregando no meio de toda aquela gente dançando, a luz meio apagada, e então não agüentei: quando ela aumentou os gemidos eu gozei e minhas pernas bambearam. Você está bem? perguntou a Valdete. Tô, eu disse, tô ótimo, mas aí tudo escureceu e ela foi me arrastando pra fora. Meu Deus, eu disse, estou morrendo. Ela me deitou num banco à beira do lago e foi aí que eu vomitei tudo: o rum, as bolas, a comida e a alma, e enquanto ela saía desesperada procurando o Teco eu olhei para a luz do poste com meu único olho perfeito e pensei, antes de desmaiar,

que a vida não tinha mesmo nenhum sentido. Era uma bela frase.

O Teco me lavou a cara com água buscada no lago e eu acordei. Ih, cara, você está horrível, todo inchado, ele disse. É melhor ir embora. Eu estava vendo tudo embaçado, a Valdete torcia os dedos nervosa e a Valquíria fazia uma cara de nojo. Caras, ele tá cheio de vômito, que porco! disse a Valquíria sem nenhuma piedade. Cala a boca, Olívia Palito, eu ainda não morri, eu disse, recuperando minha dignidade. Você güenta ficar aí? perguntou Teco preocupado. Nunca estive tão bom, cara, pode ir dançar, eu fico por aqui. E aí eles se foram, a ingrata da Valdete também foi com eles e eu fiquei ali sozinho com minha tristeza e minha solidão. Não existe mais solidariedade humana, pensei com meus botões sujos de sangue e vômito.

Consegui caminhar até a beira do lago e enfiei minha cara na água. Aquilo me fez bem, e então, lúcido, eu caminhei por entre as palmeiras refletindo profundamente sobre a transitoriedade da vida humana sobre a terra. Somos

poeira de estrelas, somos uns vermes, filosofei, espantado com minha capacidade reflexiva. Nada restará de nós no final dos séculos.

Vomitei mais um pouco e logo parei de sentir náuseas. Estava quase pronto para outra quando, horror dos horrores, vi no meio das folhagens uns diminutos pés de cogumelo. Santo Deus, aquela noite seria mesmo memorável. Sentei-me ali e fiquei olhando os cogumelos, sem coragem para tocá-los, mas o que mais poderia eu esperar daquela noite? E então, fechando os olhos e o nariz, colhi os cogumelos e os mastiguei lentamente, fazendo esforço para não vomitar. Tinham cheiro de mijo, mas desceram bem.

Caminhei de volta para o banco onde Teco tinha me deixado, tirei o paletó, cobri o rosto com ele e fiquei ali esticado, as pernas caídas e a cara pra cima, esperando a grande viagem. Não demorou muito. A música foi chegando de mansinho, suave e distante, mas logo foi aumentando, entrando por meus ouvidos, por meu único olho perfeito, pelos poros, por todos os meus buracos. Mesmo de olho fechado

eu podia ver um incrível caleidoscópio de cores, meu corpo começou a voar, a voar, a voar, e eu ouvia vozes distantes, sirenes, gemidos, respirações suspensas, cores e raios rasgando os céus. Eu acho que ele está morto, disse alguém muito longe. Alguém conhece este rapaz? Nossa, é o Nando, gritou a puta da Soninha. Acho melhor chamar um médico, falou uma voz histérica de mulher. Não, por favor, me chamem o Teco, me chamem o Teco, eu pensei, mas não falava nada, e então o céu se abriu, eu vi o rosto de Deus, senti uma paz incrível, fiquei leve como uma pluma e acho que apaguei.

Acordei no outro dia na casa do Teco. Que dia é hoje, onde estou? Eu morri?, perguntei para o sujeito gordo que me enfiava uma agulha na veia. Não morreu não, mas foi quase, disse o homem. Era um médico. O que é isso? eu perguntei apontando para a agulha. Glicose, ele respondeu. Ah, então é só ressaca, eu disse aliviado, e desmaiei de novo. Já era noite quando chegou o Teco e disse: seu pai está sabendo, veio aqui mas você estava dormindo, então ele disse que amanhã vem te buscar. Que

horas são? eu perguntei. Meia-noite, ele respondeu. De que dia? Ora, de sábado, amanhã é domingo, cara. Então tudo aquilo aconteceu ontem? eu perguntei decepcionado. É, cara, ontem e hoje de madrugada. Você pirou? Olhei para ele com meu único olho são, balancei a cabeça e, antes de apagar de novo, disse apenas que tudo aquilo era muito decepcionante. Para mim tinham se passado dias, meses e anos depois daquela loucura toda. Mas tudo tinha acontecido apenas ontem, e isto significava que eu tinha só dezoito anos e a merda de uma vida inteira ainda pela frente.

Domingo pela manhã eu já estava de pé, sentia um pouco de náusea mas já podia andar. A mãe do Teco tinha lavado minhas roupas e pude sair dignamente para a amarga e medíocre vida no mundo exterior. O sol quase me cegou, eu balancei nas pernas, encostei-me no muro da rua como um miserável bêbado e o Teco gozou: Ih, cara, tá parecendo o André Louco. Disse um palavrão qualquer e fui em frente. Te vejo à noite, cara, eu disse para o Teco, e a Valdete? Sumiu do mapa, disse Teco,

e eu concluí então que as mulheres são mesmo ingratas e indóceis. Pobre homem. Pobre humanidade.

Saí cambaleando pela rua até o ponto de ônibus, encostei-me no poste e fiquei esperando. O primeiro passou lotado e eu preferi esperar o seguinte. Não agüentava mais ficar de pé. Então, enquanto esperava, procurei um banco na praça. Ficava em frente a uma banca de jornais e meu único olho não procurou o que existia lá. Havia uma revista *Manchete* aberta na página central e no meio da página uma fotografia de um velhinho de rosto calmo e sereno. Era o novo presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici. Olhei para os olhos dele e pensei comigo mesmo: com essa cara deve ser um homem muito bom. Sim, parece um bom homem, repeti, e, recuperando minhas perdidas forças, ergui-me resolutamente, apoiei-me firmemente sobre as pernas, dei um passo adiante e segui em frente.

VERDES ANOS

A festa havia acabado e Teco estava puto da vida, tão emputecido que conseguia andar sem tropeçar nas pedras, e olha que estava fedorento de bêbado. Eu também não estava muito bom das pernas, mas conseguia enxergar as coisas e vi logo que ele não ia agüentar muito. Tá bem, disse Teco, você é o maior, então mostra o caminho. Naquele tempo a gente era amigos, hoje nem sei por onde anda, vai ver que se perdeu por este mundo sem eira nem beira. Mas naquele tempo a gente tinha uns dezoito anos e passava a vida bebendo e bolinando as garotas. A gente era tão amigos que de vez em quando um passava a namorada para o outro, dias depois comentávamos o comportamento dela, a mim ela beija assim, ah, mas ela não

deixou você pegar nos peitos, deixa de ser besta Teco, então você não pegou na calcinha dela? porra, essa não.

Mas naquela noite a festa tinha acabado e nem eu nem Teco tínhamos conseguido pegar nas meninas, acho que aquela era mesmo a noite do azar. Era um desses sábados de aleluia em que a polícia solta seus cachorros na rua, porque tem baile e música por tudo quanto é biboca e todo mundo fica com o pau e a xurranha coçando pra se roçar. Por isso disse a Teco, olha, vamos procurar outro programa aí. Ele respondeu vamos, tropeçou na calçada e caiu estatelado no chão, parecia um palhaço. Quando fui ajudá-lo a levantar-se soltou um urro e vomitou as tripas. Daquele jeito não ia dar. Porra, ele tinha bebido por três e estava bem roxo. Falei pra ele te leve em casa e ele, bem na minha cara: te foda, veado, vai pra puta que pariu. Daquele jeito não ia dar.

Eu estava já meio impaciente, numa hora daquelas não havia tempo a perder, o pinto doido pra se roçar numa barriguinha e o Teco ali, escornado feito um cão. Com um pouco de

trabalho consegui empurrá-lo até a praça, dei-tei ele num banco de jardim e dez minutos depois roncava como um santo. Pus uma folha de jornal na cara dele e pedi desculpas, mas amigo, meu velho, é pra essas coisas, não ia ser uma bebedeira daquelas que ia atrapalhar minha noite. Desejei boa-noite ao cachorro porco ali deitado e me toquei para onde havia música. O Teco que me perdoe, mas sendo meu amigo não ia querer desmarcar o contratado. De manhã ele ia acordar ali na praça, quem sabe já toda cheia de gente, e ia ser um susto de rachar o cu.

Se eu não tivesse bebido mais talvez não tivesse acontecido tudo aquilo. Eu não precisei andar muito para chegar no clube dos tecelões, fui chegando e pondo banca de sabido. Porra, já passava de uma da madrugada, o baile ia acabar dali a uma hora e queriam me cobrar os tubos só pra dar uma bimbada de pé, no meio do salão. Com um pouco de conversa dobrei o porteiro, dei-lhe uns trocados despercebidamente, como nos filmes de detetive, e logo lá estava eu, cambaleante, rondando as mesas.

Tinha de tudo naquilo ali: loura, morena, preta e bicha. Esta última espécie não me interessava, mas as outras, sim.

Passei pelo balcão e pedi um cuba libre. A mistura desceu devagar pela garganta abaixo. Eu começava a ficar alegre. Fiquei andando pelo salão como uma besta quadrada e depois voltei para o balcão. Pedi outro cuba e não demorou muito para começar a sentir uma coragem do diabo. No terceiro cuba eu já andava pelo salão beliscando a bunda das garotas. Aquilo tudo ainda ia acabar bem. O diabo é que não conseguia me fixar numa delas, ficava por ali andando sem rumo, mexendo com todas. Um grandalhão idiota arreganhou os dentes pra mim quando olhei para sua garota e mostrei-lhe a língua. Porra, acha que é dono do mundo, seu besta?

Tudo começava a ficar meio sem graça quando pedi o quarto cuba. Mas de repente uma crioulinha dessas de bundinha dura e peitos pequenos chegou no balcão e disse, ei, você não sabe dançar? Respondi que dançava melhor que o Fred Astaire, minha querida, e

ela, uai, Fred o quê, você é bobo? Deixa eu te ensinar quem é bobo, minha flor, fui logo dizendo e ela mostrou os dentinhos brancos, rindo toda aberta e eu pensei é hoje, é hoje que tiro a barriga da miséria. Deixei lá o resto do cuba e peguei a garota pela cintura, você hoje vai dançar como nunca dançou em toda a sua vida, sua gostosinha, e ela ria e ria sem parar, parece que só sabia rir.

Dançava pregadinha na gente, abria as pernas de um jeito esquisito e eu enfiava a perna toda no meio daquilo, aí ela apertava e gemia no meu ouvido, porra, e eu lhe dizia que ia lhe ensinar a dançar como o Fred Astaire, qual, me deu um banho de dança e logo eu tava ali de pau duro, bambo como um idiota, fungando no pescocinho dela e dizendo, meu amor, me perdoa, você dança como a Rainha de Sabá, e ela quem? A Rainha de Sabá, repeti, e ela, deixa de ser bobo, eu vi este filme e esta rainha aí não dançou uma só vez. Me chamou de mentirozinho e mordeu minha nuca, nossa senhora, eu tava ali que não agüentava mais, aí descí as mãos e passei na bundinha dela, ela gemeu e disse

baixinho para ninguém escutar: ô rapaz, tá pensando o quê, tira a mão daí, mas continuou dançando e eu cada vez mais doido.

Ela continuou abrindo as pernas e se esfregando, eu bêbado como um gambá falando idiotices, pedi a mão dela em casamento, prometi construir para ela um castelo no alto da montanha, disse que lhe dava meu jogo de boliche em troca de um beijo na bunda, perguntei-lhe se queria ver uma pinta que eu tinha num lugar secreto do corpo, e a garota: pinta? eu te mostro duas em dois lugares mais secretos ainda, porra, quando ela falou duas pintas e dois lugares secretos eu arrepiei todo, imaginando aqueles lugares e eu olhando tudo com meus olhos bêbados.

Mas aí o salão começou a girar e eu disse, ai, vou morrer de amor e embevecimento, e ela, bobo, bobinho, e tudo girava e aí eu vi que estava bêbado mesmo, acho que pior que o Teco, coitado, lá naquela praça escornado num banco. Saímos cambaleando do salão para tomar um ar lá fora, e aí ela disse, olha, tá chovendo, e eu quê que tem, amor da minha vida? Vamos

dançar na chuva como Fred Astaire, mas alguma coisa ali estava errada, acho que Fred Astaire nunca dançou na chuva, o nome do cara não me vinha à cabeça e nada daquilo tinha importância, eu queria era dançar pelado na chuva e o resto era conversa fiada.

Ela começou a rir de um jeito esquisito, você é doido, doido, doidinho, e eu a peguei pela mão e comecei a correr, não tinha ninguém na rua naquele sábado de aleluia, tirei a camisa e como se ela fosse uma bandeira rota, molhada, rasgada, comecei a cantar o Hino Nacional, ouviram do Ipiranga às margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante, e o sol da liberdade em raios fúlgidos, quando disse sol ela começou a rir, e me soltou e caiu sentada no chão, o vestidinho ensopado e pregado na pele, estava sem sutiã e os biquinhos pretos dos peitos furavam o pano, porra, eu estava ficando louco com aquela garota.

Pulei em cima dela e ela gritou, doido, doidinho, não parava de gritar e gemer e eu porra, você é a mulher mais linda que conheci em toda a minha vida, se não casar com você me

suicido com um tiro na cara, palavra de homem, e lhe chupava os peitos por cima do vestido molhado, e ela doido, doidinho, acho que também tinha bebido um pouco.

Andamos até a praça procurando o Teco, quem é Teco? perguntou, cansada de correr na chuva, e eu respondi: um idiota que deixei dormindo aqui no banco, é o meu melhor amigo, mas o Teco tinha sumido, o filho da puta tinha me abandonado e ali estávamos eu e ela como dois bestas, acho que esse Teco deu no pé, ela disse. Também para que nos serviria o Teco? disse subindo no banco, e ali mesmo fiz um discurso, bundas e peitos do meu país, do alto desta pirâmide mil séculos vos contemplam, e tirei a calça e a cueca e fiquei ali todo nu, você é doido, doidinho, ela disse tirando o vestido e a calcinha, era dessas meninas magras mas cheias de uma carne doce e viçosa e serena, saltei do banco e me ajoelhei aos pés dela. Nosso Senhor Jesus Cristo, ajudai-me nesta hora de sacrifício, aflição e amargura, e ela ria, você é doido mesmo.

Já tinham desligado a fonte luminosa, mas

a água corria na piscininha da fonte, a gente já estava mesmo molhado, a chuva não parava e eu disse, vamos lá, pulamos na fonte e começamos a espadanar na água, os peitos dela estavam arrepiados e eu chupava aquilo e ela rindo, meu deus, como ria, e toda molhada, os dentinhos brancos e a pele escura. Mas aí me deram um murro na cara, ela parou de rir e o Sargento gritou me mandando mais um sopapo: filhos da puta, é por isto que este país não vai pra frente, os homens de bem trabalhando e dois vagabundos como vocês se esbaldando em contubérnio com a devassidão. Porra, contubérnio com a devassidão é a puta que pariu, quando a gente bebe fica com uma coragem desgraçada, e o Sargento cala a boca seu veado, aí eu já não entendia nada, nós dois ali nos enchafurdando na pornéia devassa e o veado do Sargento me chamando de bicha.

Mas me contive e me levantei muito digno, alto lá, Sargento, sabe quem eu sou, quero ver meu advogado, e ele me mandando um coice de mula na cara, vai ver advogado daqui a pouco, imoral, e me arrebentei todo de novo dentro da

fonte luminosa. Cabo, pega esse puto aí e bota na viatura. A moça também? perguntou o Cabo, claro, seu idiota, então quer deixar ela pelada aí no meio da rua? A coisa começava a ficar preta, eu peguei minhas roupas no chão e entrei no carro, minha cara doía e eu pensei em que merda de país vivemos, aqui qualquer cidadão respeitável pode ser agredido em plena rua por um policial corrupto.

Ela começou a chorar e eu sem poder fazer nada, o que vai ser de mim quando souberem de tudo? ela perguntava fazendo beicinho, e o Cabo: cala a boca sua puta, quer que lhe comam o rabo para calar a boca? e eu ali calado, já não estava tão bêbado, e herói, sabemos todos, acaba morto, de modo que fui deixando as coisas correrem. Aquele sábado de aleluia ainda ia ser grande: no caminho prenderam um preto que mijava num poste como um cachorro, não adiantou nada explicar que não agüentava mais e a rua estava deserta, vai mijar na delegacia e responder a processo por atentado ao pudor, e cala a boca, escravo, e logo depois acharam um cara de terno e chapéu-coco fazen-

do serenata pra noiva, com violão e tudo, puxa, ainda tem dessa gente no mundo. Perguntavam ao cara se tinha alvará do delegado para fazer a serenata, e o idiota com cara de bobo: alvará? Então vai cantar na delegacia, por pouco não quebram o violão na cabeça do detido, e ele submisso, Sargento eu não sabia, se soubesse tinha pedido autorização. Pra quê: levou um murro no focinho e ficou ali quietinho, sem cantar e falar um til.

Quando ela começou a entrar na delegacia abriu um berreiro dos diabos, aí já estávamos de roupa, os botões abotoados de um jeito esquisito, era meio ridículo a gente entrando ali como dois pintos molhados, eu morrendo de medo e ela num berreiro sem tamanho. Mas aí não sei por que me deu uma pena danada, passei o braço nos ombros dela e disse: calma, meu amor, tudo vai acabar bem. Ela parou de chorar de repente e soluçou me olhando com os olhos arregalados, parecia uma criancinha, mas aí o Cabo me chutou a bunda e foi gritando tira a mão seu veado, tá pensando que aqui é casa da mãe, delegacia é lugar de respeito!

Me jogaram numa cela correcional onde havia oito pessoas: dois homossexuais, um deles chamado Anita, três ladrões, dois homicidas e um velho acusado de estuprar a própria neta. Cumprimentei a todos com respeito e tentei dormir. O cheiro de urina e fezes me sufocava. Minutos depois jogaram na cela o mijão do poste e o seresteiro de chapéu-coco. Aquela noite prometia coisas. Anita cochichou qualquer coisa no ouvido do velho sátiro e escorregou para o meu lado, dei um berro e chamei pelo Sargento. O Cabo chegou às grades e perguntou que zona é essa aí? e eu, senhor Cabo, quero sair daqui, e ele porra, quer levar um cacete? Anita riu e respondeu por mim: eu quero, eu quero, e o Cabo ora vão se foder, quero dormir, e nos deixou ali entregues ao medo e à solidão.

Pensei em papai, em mamãe, em meu avô austero, no corpo de Teco esticado no banco do jardim, como o puto conseguira sair dali?, em minhas namoradas, em toda a minha vida pregressa, e nada encontrei. Eu era o mais triste e solitário dos animais na face da terra, eu era

o mais miserável dos mortais, e se morresse ali, estuprado por Anita ou por qualquer um daqueles coitados, ninguém choraria por isto. Sentei-me e encostei-me à parede, pus a cabeça entre os joelhos, deixei que as horas passassem. A manhã chegou e eu ainda estava ali, gelado, agora lúcido, tossindo e espirrando sem parar. O velho sátiro me olhava com chispas lúbricas nas pupilas vermelhas, Anita cochichava com sua companheira e os ladrões perguntavam aos homicidas se por acaso tinha cigarros.

O Cabo chegou às grades e perguntei pela moça, que moça? ele perguntou, aquela que veio comigo ontem, disse, e ele ah, a Cândida, só então eu soube que se chamava Cândida, era um nome tão doce, e o Cabo me disse: não sei não, acho que o delegado mandou a viatura levar a garota em casa, é menor e você vai se foder todo. Eu? É evidente, vai ter que casar. Aí esfriei. Porra, seu Cabo, você tá doido? e ele: mais respeito, guri, quer levar um cacete? e Anita lá do seu canto: seu Cabo. Cabinho, me enfia o cacete, e o velho sátiro riu e tinha os dentes podres e escuros.

Quando deu meio-dia trouxeram uma comida suja e rala, não deu pra todo mundo e reclamaram da miséria. O Sargento chegou às grades e perguntou pelos ladrões, abriu a cela e mandou que o seguissem. Voltaram meia hora depois com a boca sangrando, as mãos e os pés inchados de tanto apanhar com palmatória, gemendo e chorando como bebês, o Sargento aí olhou para mim e para o velho sátiro e disse: um de vocês vai apanhar no saco, vão apanhar tanto no saco que vão passar anos e anos sem meter. O velho uivou desesperado, estava ali há dias e sabia o que era aquilo, e o Sargento disse: Cabo, abra a porta e mande sair o velho. Suspirei aliviado e quando o Sargento virou as costas ouvi ele dizendo que o menino vocês deixem aí, daqui a pouco eu consigo quem lhe coma o cu.

Putaquepariu! Aquela agonia durou até três da tarde, eu ali com um frio desgraçado, uma fome do cão, tossindo e caindo de ressaca e sono e ninguém aparecia para me livrar da merda. E eis que ali chega o Teco com sua cara de bosta, chega nas grades e ri, porra, então

é aí que você está, e começou a rir como um tarado, punha as mãos na barriga e ria, ria e ria, o sacana ficou ali até que o Cabo chegou e ei, seu putto, acha que aqui é um circo? desculpe seu Cabo, mas o idiota saiu pra caçar as garotas e olha só o estado dele, e aí o Cabo também riu, os dois homicidas começaram a rir também e Anita perguntou porra, e eu, ninguém me enraba não, é?

Saí de lá meia hora depois, o delegado me obrigou a assinar uns papéis, me olhou como se alguma coisa estivesse errada e eu perguntei, ô cara, o que foi? e ele saia daqui, seu insolente, lá fora entrei no carro preto do meu tio e ele com a cara vermelha me disse: você me mata de vergonha, você é a vergonha da família, e o Teco ria no banco traseiro, aí eu disse: porra, velho, você precisava ver a Cândida, tem uma bunda... E ele, cala a boca, desgraçado, você se enchafurda em contubérnio com a devassidão, você se entrega ao vício, ao descalabro, à pornéia malsã e atéia, você está matando sua mãe de desgosto, e aí o carro tinha chegado à prefeitura e o careta desceu, mandou o moto-

rista seguir para casa e me disse: troque de roupa e venha até aqui de novo, vamos conversar.

Teco começou a gargalhar tão logo o coroa entrou no prédio, passei para o banco traseiro e dei-lhe uma palmada na coxa. Teco, acho que estou ficando velho, estou sentindo uma coisa esquisita, e ele rindo como uma besta quadrada. Alfredo, o motorista, perguntou se íamos mesmo para casa e eu, piscando um olho, disse: Alfredo, seu jumento, toca de novo pra delegacia, e ele sem entender, o que o senhor disse? Toca pra delegacia, seu imbecil, e ele sim senhor, ora vejam. Teco perguntou se eu tinha ficado doido e eu ora, deixe de ser idiota, tenho mais o que fazer, Alfredo, preciso de grana, passa aí, peguei o dinheiro, entrei na delegacia e procurei o Cabo, aquele sacana, o delegado tinha saído para o almoço e eu, porra seu Cabo, então você é mesmo um sacana, me deixa aí a noite toda sofrendo com frio e fome, você não tem mesmo coração, você então não sabia quem eu era? O Cabo riu e perguntou: o que é que você tem aí na mão? E eu mostrei: uma grana preta, cabinho corrupto, e ele foi logo abrindo

a gaveta e tirando um papelzinho com o sagra-
do endereço.

Toca pra frente, Alfredo, eu disse, e Teco ali com sua cara de besta redonda, toca pra frente, Alfredo, que a vida é curta e não vamos morrer sem antes enchafurdarmo-nos em contubérnio com a devassidão, para onde, patrão? e eu toca pra frente, Alfredo, sua mula, e ela morava num bairro pobre e modesto, era uma casinha triste e cinzenta, e eu bati na porta e uma criança magra atendeu, ôi boneca, Cândida está? Está dormindo, respondeu, e eu disse não tem importância, eu espero aqui até o final do século vinte, e quando ela acordou e veio com os olhos vermelhos de chorar e de não dormir eu perguntei:

Cândida meu amor... você quer ser minha namorada?

Teco rolava de rir no carro e Alfredo olhava tudo com seus olhos de mula obtusa.

Aquele tempo eu jamais vou esquecer.

PARTE II
O LADO DE FORA

A DATA MAGNA DO NOSSO CALENDÁRIO CÍVICO

Nós acordamos cedo e vestimos os nossos uniformes. Nossos pais nos recomendaram prudência e ouvimos os seus conselhos. Nós penteamos os cabelos com cuidado e pegamos nossas bandeirinhas. Nós caminhamos até a praça e nos apresentamos aos nossos professores. Nossos professores nos recomendaram prudência e ouvimos os seus conselhos. Nós nos formamos em filas e aguardamos tudo em posição de sentido. Nós ouvimos o Hino Nacional e o Hino da Independência. Nós sentimos cansaço e fome e nossas pequenas pernas fraquejaram mais tarde, mas continuamos ali, porque nos disseram que era o nosso dever. Nós esperamos os soldados, os ex-combatentes, os desportistas, os ginásianos, os universitários, os tenen-

tes, os capitães e os coronéis. Nós esperamos o Prefeito, o Governador e o Presidente. Nós ouvimos o discurso das autoridades eclesiásticas, civis e militares. Nós ouvimos a banda e admiramos os músicos que tocavam na banda. Nós vimos as balizas, as bandeiras e as metralhadoras. Nós vimos os cavalos, as viaturas e os tanques de guerra. Nós agradecemos a Deus porque estávamos ali naquela hora, vivos e sadios, porque o Brasil é grande e o futuro já chegou, segundo disse o General. Nós aplaudimos o povo que aplaudia o General. Nós marchamos com os soldados e com o resto dos marchadores. Nós ouvimos os conselhos dos nossos superiores e obedecemos... Nós gostamos disso.

Há dois meses perambulando pela casa, não suportava mais o olhar ansioso da mulher doente que mandava os filhos brincar na rua na hora do almoço, para que não se sentassem à mesa e descobrissem que também naquele dia não haveria comida. Por isso saiu à rua, mesmo sendo feriado nacional, razão pela qual não encontraria aberto qualquer lugar onde pudesse mendigar emprego.

Estava cansado de tudo: de viver, de brincar com as crianças, de conversar com a mulher sobre o passado, o presente e o futuro, de se deitar com ela num leito frio, de possuí-la sem amor e sem desejo, de dormir sufocado pela incerteza, de padecer com o terror dos pesadelos, de acordar toda manhã sob o peso do sofrimento e da amargura. Estava cansado de ter sido, de ser, de continuar sendo ou de vir a ser alguma coisa sobre a face da terra, e no entanto insistia em continuar vivo, à espera não sabia de quê, pois também estava cansado de esperar.

Andar pelas ruas ou pela avenida principal, na data magna do nosso calendário cívico, era inteiramente inútil, e ele sabia disso. Ficar em casa, entretanto, era para ele doloroso e quase insuportável. E foi por isso que quando chegou à avenida principal e viu o Exército perfilado, as crianças enfileiradas obedientemente, as autoridades civis e militares no palanque, e toda aquela música e aqueles tambores e aquelas armas, foi então que descobriu – um pouco tarde demais, talvez – que jamais voltaria para casa.

Porque o seu destino estava selado ali, naquela avenida, onde ele sabia que ficaria para sempre, tão logo pudesse colocar em prática o último plano de sua desgraçada vida. Com um sorriso maldoso no canto dos lábios, esquecido para sempre da mulher, dos filhos, dos seus poucos e velhos pertences, ele acercou-se do palanque, o mais próximo que lhe permitiram os policiais. E ali, retido pelo cordão de isolamento e pelo olhar desconfiado dos guardas, ele ficou durante muito tempo, a olhar com doentia insistência para a face imperturbável do Presidente da República.

O menino gemeu no berço e a mulher correu para ele com o espanto nos olhos. O homem não se moveu de onde estava, junto à porta, e esperou. A mulher curvou-se e franziu a testa preocupada. Pousou as costas da mão direita na testa do menino e disse:

– Está ardendo.

O homem murmurou qualquer coisa ininteligível e a mulher olhou para ele como se tivesse decidido alguma coisa.

– Agora? – perguntou então o homem.

– Sim, agora. Não tem mais jeito – respondeu a mulher tomando o menino nos braços.

– No feriado vai ser uma merda achar um hospital – previu o homem, contrariado.

A mulher pegou uma bolsa sobre o catre e, com o menino nos braços, procurou um xale para cobri-lo. Encontrou um pedaço de pano rasgado e olhou para o homem como se implorasse.

– Precisamos ir assim mesmo, não tem mais jeito de ficar aqui esperando. Olha só como está ardendo, olha só, não tem mais jeito.

O homem tocou na criança como se tivesse medo e assentiu. Pôs um paletó surrado e verificou se os documentos estavam em ordem. Estavam.

– Eu mato um se esses filhos da puta, se esses merdas, se esses...

Não terminou a frase. Olhou a criança uma última vez e, tocando o braço da mulher, empurrou-a levemente para fora do quarto.

Na data magna do nosso calendário cívico ele acordou às oito horas da manhã, olhou o sol entrando pela janela, considerou que viver não

tem nenhum sentido e enterrou com força a agulha nas veias. Pressionou o êmbolo da seringa e antes de afundar no delírio pensou que tudo poderia ser bem diferente se um dia não tivesse optado por trilhar tão inesperados caminhos. Achou um tanto absurdo chegar a esta conclusão logo no dia em que o Brasil comemorava sua Independência e ele cumpria exatamente quarenta e cinco anos sobre a face da terra. Quarenta e cinco anos é uma idade antiga, murmurou ele puxando a agulha, quarenta e cinco anos é uma coisa velha. E, jogando a seringa ao chão, caminhou com passos lentos até a cama, onde se deitou como se iniciasse ali uma longa cerimônia, porque tudo começava agora e o começo de tudo era tão-somente o que restava. Porque viver, dizia ele, é uma coisa antiga, e na data magna do nosso calendário cívico ele comemorava com uma longa e lenta viagem quarenta e cinco anos de uma longa, lenta e amarga vida.

E ele viu dois aviões se entrechocando em pleno ar, e num deles viajava o marechal Humberto de Alencar Castello Branco, o pri-

meiro presidente militar ungido pelo golpe de 31 de março de 1964. E o Marechal, transido de horror, afundava a cabeça nos ombros, e o fogo se espalhava nas quatro direções, e o Marechal gemia contorcendo-se todo, e tudo agora não era mais que um monte de ferragens e o Marechal pouco menos de um montículo escuro de carvão e poeira e nada mais. O que restava agora do comandante militar da gloriosa revolução libertadora do povo brasileiro? Nada. E ele viu a Marcha dos Mortos Contra Brasília, a distorção dos fatos e a ascensão da mentira, e nada daquilo lhe parecia estranho porque assim estava escrito nos livros do demônio. E viu agora o revoltear dos anjos negros sobre o céu de Brasília na mais sombria e trágica das noites, e ouviu os gritos dos torturados e um deles era o seu jovem irmão estudante assassinado no cárcere, e cego, porque seus olhos foram vazados, e surdo, porque seus tímpanos foram perfurados, e impotente, porque seus testículos foram seccionados, e louco, porque seu cérebro foi vasculhado dias e noites seguidos pelos demônios servis ao impé-

rio do terror. E ele viu também que os demônios do terror eram condecorados em virtude de seus atos de bravura em defesa das nobres instituições da pátria, em defesa da moral, da família, da tradição e da propriedade. E ele viu então que estes homens eram gordos e fortes e soberbos, homens que, quando riam, mostravam afiados e longos dentes – e esses dentes cresciam quando necessário, assim como cresciam suas unhas, suas garras, seus olhos injetados de sangue, seus cabelos, e eles se transformavam em animais nojentos, em dragões vorazes, em serpentes venenosas, em lagartos, escorpiões, aranhas, peçonhentos seres merecedores de medalhas.

A primeira coisa da qual se lembrou foi que jamais se acostumara com as alturas. Por isso evitou olhar para baixo, enquanto o terror lhe invadia o corpo como a maior das pragas. O andaime, frágil e hesitante, parecia leve demais para suportar o peso do medo, mas ele insistiu. Praguejou, contrariado por estar tra-

balhando no feriado nacional e ainda por cima num serviço daqueles, e olhou para cima. A construção subia como se quisesse furar o céu e lá no topo dezenas de homens de macacão e capacete olhavam para baixo com expressões espantadas.

Olhou para baixo e viu, na esquina da rua, na confluência com a avenida, o desfilar das tropas armadas. Lembrou-se da infância e sorriu. Naquele tempo queria ser soldado, porque achava bonito o uniforme verde-oliva e o fuzil que se carregava ao ombro durante as paradas militares.

– Puta que pariu – gritou alto. – Que idiota que eu era.

A altura causava-lhe vertigem e ele se indagou por que diabo aceitara um emprego daqueles. Apertou o cinto de segurança, as mãos trêmulas. Há pouco deixara cair um martelo. Olhou novamente para cima e viu que os putos insistiam em dizer coisas que não ouvia. Teve a impressão de que tentavam lhe dizer alguma coisa, mas como não entendia nada voltou ao trabalho.

Minutos depois olhou para baixo e viu um grupo de pessoas acenando de forma estranha. O andaime balançou e ele começou a desconfiar que algo estava errado. Um segundo arranque quase o jogou de encontro a uma viga do arcabouço gigantesco, e só então ele entendeu tudo. Gelou de pavor, e, num gesto desesperado, puxou a corda de comunicação pedindo para baixá-lo ao solo.

– Você tem duas escolhas – disse o Professor. – Ou faz uma literatura compromissada com as massas ou não faz. Se não faz, pode escolher vários caminhos, pois aí as opções até que não são poucas. Uma delas é discorrer sobre o próprio umbigo, o que não deixa de ser gratificante e confortador. Além do mais, quem não gosta de umbigos? Se você não quiser falar do próprio umbigo, então pode falar do umbigo daquela mocinha ali, não é? Olhe lá, é o umbigo mais bonito que eu já vi em toda a minha vida. Está vendo?

O Professor já estava bêbado. Insistia, porém, em continuar dissertando sobre os sagra-

dos objetivos da literatura como arte capaz de representar o real, o irreal, o belo e o feio. O garçom passou com a bandeja de uísque e todos nós avançamos em direção a ele. Eu já estava nauseado daquilo tudo e o estômago se revolvía todo, mas ainda assim eu insistia em beber.

– Concordo que é gratificante – disse Hugo cambaleando –, mas não é assim tão fácil.

– Ora, você é uma idiota – resmungou o Professor, vermelho e enrolando as palavras.

O pior nas reuniões desse tipo é quando alguém começa a conversar sobre o assunto que a motivou. Hugo escrevia contos e o Professor fora poeta. Afonso pretendia escrever um livro revolucionário, mas não o iniciara ainda por ter pavor da censura e da polícia. Enquanto a situação política do país não mudasse – argumentava –, continuaria a amadurecer idéias.

– Tenho de viver. Tenho de passar por mil experiências. Aí então – avisava –, ninguém me segura.

Lúcia escrevia poesia panfletária, embora não acreditasse muito no que lhe servia de

inspiração. Sentia-se orgulhosa, contudo, de mostrar-se, ainda que mulher, mais corajosa que nós todos, que tínhamos medo dos agentes do SNI e não falávamos ao telefone sem cuidadosas precauções com o teor e até com o tom das nossas conversas.

– Eu enfrento o Poder constituído – dizia Lúcia –, embora saiba que é terrivelmente perigoso.

E arrepiava-se, com um prazer quase orgástico, enquanto sorvia lentamente mais uma dose de uísque. O idiota do Jaime, nosso companheiro, decidira lançar seu livro logo na data magna do nosso calendário cívico, ou físico, dizia ele, e enfeitara a galeria com bandeirinhas do Brasil e dos Estados Unidos. Tinha vinte e seis anos e aquele era o seu primeiro livro.

– Devemos ser sobretudo honestos – prosseguia o Professor. – Eu não condeno os enamorados do próprio umbigo, embora prefira, no meu caso, enamorar-me daquele umbigo ali, vocês estão vendo? Vocês já imaginaram só passar a língua bem de leve naquele umbi-

guinho e depois ir descendo, ir descendo até a barriguinha, até o ventre, ui meu Deus, e depois descer mais, e mais e mais... Mas, voltando ao assunto, há no mundo lugar para todos, não é? E como democrata, como amante da liberdade e dos bons costumes, não posso condenar qualquer manifestação artística, ainda que alienada e divorciada da realidade...

– Ai, saco! Calem esse homem – gritou Afonso.

– Deixa ele falar, pombas! – disse Lúcia. – E olha, eu vou entrar no assunto. Eu não consigo entender como é possível a um artista voltar-se para dentro de si mesmo enquanto, ao seu redor, a massa faminta uiva marginalizada e reprimida!

– Puta que pariu! – disse Hugo. – Você falou isso aí que eu ouvi?

– Vocês estão obviamente embriagados – disse Afonso. – Querem saber de uma coisa? Eu, evidentemente, não faria esse tipo de arte alienada. Eu preparo a minha crítica ao Sistema, mas não posso externá-la agora em virtude da proximidade histórica, entenderam? Não

posso escrever meu livro enquanto não estiver suficientemente distanciado no tempo e talvez, quem sabe, até no espaço, para assumir uma atitude absolutamente isenta e imparcial. Se a ditadura cair, eu deixo a poeira assentar e escrevo meu romance. Se não cair, eu posso deixar o país e observar as coisas de fora. Mas eu pretendo...

– Ora, seu porra, você tem é medo! – berrou Lúcia.

– O medo é humano – sentenciou o Professor, tropeçando nas pernas. – Eu, por exemplo, sempre fui um sujeito corajoso, mas agora, vejam só, queria ir até ali para passar a mão no umbiguinho dela, estão vendo? Onde está minha coragem? Sou, provisoriamente, um covarde.

Olhamos todos para a frente e verificamos que a excitação do Professor tinha razão de ser. Ela estava num grupo de mulheres absurdamente pintadas que conversavam alto sobre Goethe e Baudelaire, procurando chamar para si a atenção dos fotógrafos e cinegrafistas. O Deputado estava próximo e preparava-se para

fazer um discurso, para o que antes olhava ao redor certificando-se de que haveria platéia. Havia um bom número de ouvintes.

– Mas o que acontece – disse o Professor olhando para o tapete –, é que muitos se dedicam a explorar a miséria alheia sem que, verdadeiramente, tenham consciência do sentido dessa miséria. A miséria, meus jovens, sempre foi um bom assunto.

O deputado retirou um papelzinho do bolso e consultou-o demoradamente. Pressenti que ia vomitar e corri para o banheiro. Assim era a vida naquele tempo.

Saiu de casa decidido a começar uma pequena aventura, embora fosse o início da tarde do feriado nacional. Na data magna do nosso calendário cívico, disse para si mesmo, andarei pelas ruas, olharei as mulheres e me divertirei bastante, porque para isso Deus me criou e me pôs na face da Terra. A frase pareceu-lhe muito brilhante, e ele a repetiu várias vezes. Seria um gênio, se um dia resolvesse escrever.

Gostaria de ter acordado cedo, para esperar na praça ou na avenida o início da aglomeração, quando poderia escolher um bom lugar. A noite anterior, entretanto, fora terrivelmente cansativa, e só agora ele podia sair de casa, desperto, revigorado pela excitação de obter um bom resultado naquela tarde. Por isso saiu à rua sorridente, assoviando o Hino Nacional e marchando como se estivesse lá no meio daqueles idiotas... Viva o Brasil.

Na avenida, procurou se aproximar do cordão de isolamento e viu que a aglomeração superava todas as expectativas da noite anterior. Sorriu satisfeito e foi-se aproximando. Ficou ali alguns minutos observando o movimento dos militares e dos colegiais e perguntou a uma mocinha de seios pontudos, a seu lado, o que significava aquilo.

– O quê? – fez ela espantada.

– Isso aí, ó. O que é que esses indivíduos pretendem? Derrubar o Presidente, entrar na guerra? Olha só como estão armados.

A mocinha fez uma careta irritada e afastou-se. Ele sorriu. Não tinha importância. O

Brasil é grande, disse para si mesmo. Marchemos.

Andou alguns metros e enfiou-se de novo entre as pessoas junto ao cordão. Minutos depois sentiu que um corpo se comprimia de encontro ao seu e aspirou com força o suave perfume que exalava daqueles cabelos quase tocando o seu queixo. Afastou-se um pouco e aguardou: ela deu um passo atrás e colou-se a ele de novo. A vida, disse ele para si mesmo, nos reserva grandes e inesquecíveis surpresas. Repetiu a frase mentalmente e murmurou: – Caramba! Que grande escritor eu não daria!

– O quê? – perguntou ela virando o rosto para ele.

– Eu disse – falou ele – que você tem os olhos mais bonitos que eu já vi em toda a minha vida, e o Presidente da República, aquele idiota que está ali sentado com todas aquelas medalhas no peito, pode mandar cortar a minha língua se estou faltando com a verdade.

Ela sorriu satisfeita e olhou-o de alto a baixo. Fez um gesto de aprovação e ele também sorriu. Não era feia, tinha até uma certa graça.

Os seios pequeninos e as pernas compridas. O Brasil é um país maravilhoso, disse ele para si mesmo, e se eu fosse poeta seria maior do que nosso finado e jamais assaz lembrado Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

E ele viu o anjo do Senhor anunciando a Maria que no sétimo dia do sétimo mês ela pariria o Enviado de Deus à terra dos homens, aquele que redimiria os humildes e lançaria os poderosos no fogo do inferno, onde haveriam de penar, pelos séculos dos séculos, milênios e milênios de martírios impostos a seus servos por ordem de deuses estranhos e desumanos. E ele abria os olhos e fechava os olhos, ouvia e deixava de ouvir um som longínquo, e o som longínquo era o barulho da banda militar tocando o Hino Nacional Brasileiro, viva o Brasil, murmurava ele, e pouco a pouco se lembrava que comemorava agora os seus quarenta e cinco anos de martírio sobre a face da Terra. Mas logo logo ele viajava de novo nas asas do vento, e o anjo do Senhor brandia a sua espada cheia de fogo e dizia: o Enviado crescerá forte

e orgulhoso de sua missão gigantesca e redentora, e aos vinte anos se armará de espadas e chuços e comandará exércitos contra os tiranos que oprimem o povo de Deus. E quanto o Enviado do Senhor teu Deus cumprir trinta e três anos, dizia o anjo, terá vencido todos os exércitos servis aos desígnios do demônio, e o povo do Senhor reinará então sobre a face da Terra. E Maria com os olhos brilhando abria as pernas languidamente e cerrando então aqueles puros e brilhantes olhos inundados de azul e paz gemia: faça-se em mim segundo a vossa palavra. E o anjo deitava sobre ela e ela recebia o anjo dentro de sua carne como se ali naquela noite cheia de luz o espírito de Deus se esparmasse inteiro sobre o seu corpo trêmulo e murmurante.

E ele viu os exércitos caminhando de encontro ao povo. O povo eram garotos quase meninos que gritavam morte ao tirano e os homens daqueles exércitos explodiam bombas e soltavam os cães sobre aquelas crianças que corriam e se atropelavam – e, presas, seus braços eram feridos pelas algemas; confinadas no

fundo dos calabouços, suas partes íntimas era desvendadas e suas peles brancas queimadas pela brasa dos cigarros. E ainda assim gritavam morte ao tirano, viva a liberdade, abaixo a opressão e outras frases desconexas que na data magna do nosso calendário cívico lhe acorriam à memória enquanto se dirigia à janela, chamado pela necessidade de ar e pelas longínquas notas do Hino da Independência. E ele ouvia qualquer coisa assim como já podeis da pátria filhos e outras coisas mais, como amor gentil, ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil, e depois tudo sumia e ele voltava sobre os passos, e agora ouvia de novo, que já raiou a liberdade no horizonte do Brasil, já raiou, já raiou a liberdade. E que liberdade era aquela? perguntava ele. Que liberdade era aquela que ali entre as quatro paredes daquele quarto ele rolava agora pelo chão, chorando de amargura e sofrimento, ele que na data magna do nosso calendário cívico cumpria, solitário, esquecido e mutilado quarenta e cinco anos sobre a face da Terra?

Nós vimos o Presidente da República passar em revista as tropas e admiramos o garbo do Exército Brasileiro. Nós vimos o General fazer seu discurso e prestamos atenção nas palavras dele. Nós ouvimos o General dizer que o Governo, neste dia da Independência Nacional, fazia questão de lembrar que a Pátria e a Nação haveriam de continuar independentes e não cederiam ao avanço do comunismo internacional. Nós ouvimos o General ser aplaudido pelo povo e aplaudimos o povo por nossa vez. Nós ouvimos o Arcebispo dizer algumas palavras breves como fez questão de esclarecer e soube-mos então que ele apoiava as palavras do General. Nós vimos o povo aplaudir o Arcebispo e ele disse que o Brasil haveria de crescer eternamente com a graça de Jesus Cristo e de Nossa Senhora Aparecida, nossa honorável padroeira. Nós vimos o Presidente sorrir muito e acenar para nós e para o povo com as duas mãos, como se regesse uma orquestra. Nós cantamos e marchamos e aplaudimos até cansar, mas não fraquejamos porque aprendemos as virtudes

da resistência, conforme nos ensinaram nossos professores. Nós gostamos disso.

Haveria de ser aquele o último sorriso do Presidente, prometeu ele a si mesmo acariciando o revólver sob a camisa, surpreendendo-se porque resolvera sair de casa armado no feriado nacional, quando o Presidente estava no palanque e toda a sua guarda de segurança esmerava-se em resguardar-lhe a vida. Acreditava, porém, nos golpes do destino, e, se saíra armado sem que tivesse planejado qualquer coisa óbscena, aquele era certamente um aviso da fatalidade. Por isso sorriu amargurado e, sem se lembrar da mulher e dos filhos esquecidos em casa, olhou bem firme no rosto daquele homem que dirigia a Nação. Seria fácil atingi-lo de onde estava, pensou. Bastava que fosse rápido o suficiente para fazê-lo antes que alguém visse ou que um guarda de segurança atravessasse à sua frente. Porque ele bem sabia que nenhum daqueles homens hesitaria em arriscar a vida para salvar o Chefe da Nação. Embriagado pela audácia de sua decisão, mos-

trou os dentes num riso nervoso e ameaçador. A vida daquele homem poderoso estava nas suas mãos. E ele era tão-somente um cidadão miserável que deixara em casa uma mulher desesperada e um grupo de crianças famintas que certamente o aguardariam, à noite, confiantes e esperançosos, quem sabe imaginando até que ele entraria porta adentro com um embrulho enorme contendo qualquer coisa parecida com alimento. Voltou logo à realidade e olhou ao seu redor. O povo perfilava-se para cantar o Hino Nacional e ele, automaticamente, fez o mesmo, para logo depois descontraír-se rindo como um idiota, a mão direita acariciando levemente a coronha oculta do revólver.

A criança gemeu e a mulher olhou para o homem, espantada.

– Como é? – ela perguntou.

– Ele disse que não pode atender.

– Como é?

– É isso mesmo. Não pode atender, disse que é preciso uma guia. Você sabia disso?

– Não.

– Devia saber. E agora?

– Mas mesmo numa emergência dessas eles não...

– Espera aí. Vou ver.

O homem engoliu o ódio e voltou ao balcão.

– Olha aqui, moço, eu vou explicar de novo. O menino está ardendo de febre, se quiser conferir pode ir lá e pôr a mão na testa dele. Aqui tem todos os meus documentos, veja aí. Está tudo em ordem.

O atendente levantou os olhos do jornal e resmungou contrariado, interrompendo a explanação do outro:

– Eu já sei. O senhor já mostrou isso tudo aí. Mas sem guia é impossível. É como eu já disse. Tem de ter guia.

– Certo, tem de ter guia. A lei eu não discuto, se tem de ter guia, então tem de ter guia. Mas é uma emergência, e nesse caso eu acho que...

– Nem assim. Tem de ter guia.

– Está bem. Vou repetir tudo de novo. Eu já passei em três hospitais, aqui é o quarto.

Entendeu? Já sei a história toda. Tem de ter guia. Isso eu não discuto, já disse. Mas o menino precisa ser atendido, não é? Tem lá alguma coisa e a mulher não sabe o que é.

– Eu obedeço ordens, o senhor sabe. E a ordem é não atender.

– Certo, ordem é ordem. Mas preste atenção: hoje é feriado. Amanhã é sábado. Depois é domingo. Guia eu só posso tirar segunda-feira. E o menino precisa ser atendido agora.

– Eu já disse: obedeço ordens.

– E se o menino morrer?

O atendente dobrou lentamente o jornal e olhou firme para o homem. Ficou alguns segundos em silêncio e suspirou.

– Se morrer? Bem, se... Ora, não é coisa assim tão grave, é?

– Pode ser. O senhor querendo pode ir lá ver. Está ardendo...

– Uma gripezinha, passa logo. Por que não volta para casa? Hoje é feriado nacional, tem uma parada aí, aglomeração, isso não faz bem para quem está gripado.

O homem engoliu em seco. O filho da puta

daquele sujeitinho não entendia nada. Estava perdendo a paciência, mas sentia-se impotente para continuar aquilo. Voltou para junto da mulher.

– Não tem jeito não. Também aqui não vão atender o menino.

O menino gemeu de novo e a mulher sacudiu-o levemente. Olhou para o homem outra vez e perguntou:

– E o que é que nós vamos fazer?

E ele subia à tona das águas e depois afundava de novo, via a luz e depois a escuridão, a coragem e logo depois o medo, e ele buscava então a seringa, e com as mãos trêmulas enfiava a agulha na veia, e arfava, e fechava os olhos, e respirava fundo, e abria os olhos, e se retesava todo, e relaxava, e agora novamente cheio de coragem ia até a janela, de onde olhava para baixo e via no fundo do abismo as pequenas figuras militares marchando debaixo de um sol multicolorido, e a banda seguida de colegiais e bandeirinhas marcava o compasso, e as vozes infantis subiam vinte andares e ele ouvia tudo

e sentia-se novamente morrer. Se o penhor dessa igualdade conseguimos conquistar com braço forte, em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte. E era a Morte quem ele via agora, e não a Liberdade. E a Morte era feia e velha e negra, e ele esforçando-se para sorrir dizia: olá, dona Morte, então vieste me visitar na data magna do nosso calendário cívico? E a sombria figura negra voava diante dele como se fosse feita de pluma, e gargalhava e o gargalhar que saía daquela garganta escura era como o grasnar de uma dezena de corvos, e ele gritava tomado de pavor: meu Deus! e logo depois caía de bruços sobre a cama. A quem chamara? Que deus estranho e inexistente invocara do fundo do seu medo, da sua angústia, da sua fraqueza? E levantava-se então, cheio de coragem, e ria e ria sem parar, e a horrenda figura escura saía pela janela e descia para o fundo do abismo, e estatelava-se lá embaixo, onde o General abarrotado de medalhas gritava a plenos pulmões: jamais haveremos de permitir que um dia as nossas mais sagradas instituições sejam destruídas

infamemente pela horda comunista que se infiltra agora em todos os setores sociais da nossa pátria.

E de repente ele emergia do delírio e se tornava lúcido e gelado e frio, mas logo depois se afundava no passado e no presente e no futuro. E quando recordava o passado deixava que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto se a lembrança era triste ou amarga ou qualquer coisa parecida com esquecidos sentimentos, ou então crispava o rosto de terror se a lembrança era dura ou trágica ou qualquer outra coisa parecida com jamais esquecidas recordações. Recordações nascidas no fundo de um cárcere frio, gelado e morto. E vinham-lhe à memória diálogos e cenas que só haveria de esquecer com a morte. E agora eis que lá estava amarrado a um poste, e na sua frente o irmão jovem encarava o Coronel e o Coronel lhe ordenava: vire a cara, imbecil, não me olhe nos olhos que já lhe arranco a língua! E o irmão estudante ria contorcendo a boca num esgar irônico, e recuava um pouco a cabeça, e apertava os lábios, e avançava rapidamente a cabeça,

e cuspiam com força na cara do Coronel, e a saliva grossa escorria pela cara do Coronel e o Coronel com os olhos arregalados de espanto gritava como se estivesse morrendo: eu já lhe mostro, seu filho de uma grande puta!

Puxou a corda outra vez e ninguém respondeu ao apelo. Gritou aterrorizado e puxou-a pela última vez, com força. A corda desabou sobre seu corpo e ele descobriu então que nada havia no fim da corda, porque o fim da corda terminava agora em suas mãos. Nada o ligava ao solo ou ao alto do edifício. O vento lhe trouxe os acordes do Hino da Independência tocado por um grupo de bandas militares e ele olhou para baixo. Na confluência com a avenida, um grupo de pessoas aglomerava-se junto ao acordão de isolamento. Passou um pelotão militar armado de metralhadoras e logo atrás um tanque de guerra.

O andaime sacolejou novamente e ele olhou para cima: os companheiros gritavam qualquer coisa. Aterrorizado, olhou de novo para baixo e viu a multidão sem face que o fitava com

alguma curiosidade. Sentiu o sangue fugindo do corpo e agarrou-se às cordas. O andaime balançou mais uma vez e foi a última vez que balançou. No longo caminho do céu para a terra, esqueceu-se do medo, do terror e da fome. A multidão ouviu o grito e abriu-se num enorme leque, dando lugar para o corpo e para a teia de cordas que o acompanhava. A banda começou um novo hino e no mesmo instante em que o corpo atingia o chão espocou a primeira salva das vinte e uma que saudariam o Presidente da República.

Descarreguei na privada todo o meu vômito. Escorei-me à porta, aliviado, e li a primeira frase na parede, logo acima do vaso, à esquerda: Morte ao tirano. Logo abaixo, outra: Dei a bunda e não doeu. E você, já deu? Limpei-me da melhor maneira possível e voltei para o salão. O Deputado não conseguira iniciar o seu discurso e guardara o papelzinho. O Professor continuava bêbado:

– Suponhamos – dizia ele para Afonso – , que você realmente deseje fazer uma literatura

compromissada com a maioria reprimida e marginalizada, com essa massa de seres famintos e miseráveis que está logo ali na praça, aplaudindo o nosso amado Presidente. Você o faria por quê? Por esta massa de imbecis?

– Eu o farei – respondeu Afonso com a voz pastosa –, porque não posso aceitar a injustiça e a discriminação da maioria em favor da minoria. Porque a literatura, seu professor de bunda, tem de ser um retrato fiel da realidade, e a realidade é esta: a de que o homem cada vez mais massacra o homem como coletividade em prejuízo do homem como indivíduo. Ou seja: uma minoria se aglomera no topo da pirâmide enquanto, na base da mesma, a maioria é esmagada pela bota do Exército.

– Puta que pariu! – disse o Professor engasgando-se. – Quanta verborragia!

– Ora, pombas! – falou Hugo caindo numa cadeira próxima. – E se essa maioria, com o nosso apoio intelectual, tão precioso, se desloca um dia para o topo da pirâmide, o que ocorre com a minoria despojada das riquezas que acumulou? O que acontece, hein?

– É fuzilada – disse Lúcia. – E merece.

– Quer dizer, então – observou o Professor –, que as maiorias se instalam no Poder e logo sobressaem, delas mesmo, novas minorias, que expulsam do topo os que lá haviam chegado. Entenderam? Ora, vocês já leram essa porra em algum lugar. Eu prefiro voltar ao meu umbigo. Mas meu Deus, onde está ele, onde?

– A desgraça da humanidade foi ter sido criada – disse Hugo levantando-se da cadeira. – E eu vou é procurar uma buceta para me enfiar nela, porque nada na vida tem sentido além do prazer. E vocês vão todos para a puta que pariu.

– Meu pai é um homem rico – engrolou Afonso do fundo de sua semiconsciência. – O filho de uma vaca exporta café e joga na Bolsa de Valores. Mas nós já fomos pobres, ouvi dizer que ele passou fome na infância. Então vejam vocês...

– Santa Mãe de Deus! – gritou Lúcia horrorizada. – Ele vai começar a história de novo. Pelo amor de suas mães, dêem um jeito nele! Amarrarem-no, amordacem-no, façam alguma coisa!

– É uma grande história – discordou Hugo, desistindo de ir embora. – O Afonso devia escrevê-la.

– Por que você não a escreve, Hugo? – implorou Afonso com as mãos estendidas. – Você é o único que entendeu a coisa, pelo amor de Deus, escreve essa merda pra mim.

– Me dê uma mulher agora, nesse momento, e eu escrevo para você até uma nova versão da Bíblia, revista e ampliada! Escrevo qualquer coisa, mas por amor de Deus, eu quero agora uma buceta!

O Deputado sacou de novo seu papelzinho. Se lhe dessem oportunidade, faria o seu discurso ali mesmo. Afonso silenciou subitamente e Lúcia apoiou-se no corpo de Hugo. O Professor tinha desaparecido.

– Fica calmo, Hugo – disse Lúcia. – Depois eu lhe dou a minha.

– Você escreve? – perguntou Suzana.

– Não – respondeu ele, orgulhoso de si mesmo. – Como você se chama mesmo?

– Suzana. É que você tem umas tiradas de

escritor, sabe? Fala cada coisa bonita! E você, como se chama?

– Pode me chamar de Olavo. Não é Bilac não, só Olavo. E chega.

– Chega o quê?

– Chega o Olavo só. O resto não importa. O que importa, minha bela, é que hoje é a data magna do nosso calendário cívico, e devemos por isto nos divertir em louvor do nosso querido Brasil.

Ela recostou-se nele mais um pouco e suspirou. Ele beijou-lhe a nuca e olhou para o desfile dos fuzileiros navais. Aquilo não tinha sentido.

– Nós não vamos esperar o final disso aqui, vamos? – perguntou ela.

– Suzana, meu amor, você está vendo aquele velhinho ali no palanque? É o Presidente da República, um homem que tem os seus deveres, os seus inadiáveis compromissos. Está vendo aquele outro ao lado dele, aquele de farda?

– Aquele cheio de medalhas lá no canto?

– É, aquele mesmo, aquele ao lado do

Arcebispo. Pois tanto o Presidente quanto aquele de farda, o General, como também o Arcebispo, são homens ocupados, escravizados por seus compromissos. Entendeu? Eles sim, têm de ficar aqui. Nós, não. Eles bebem o sangue do povo, mas te garanto que não têm tempo nem pra dar, você me desculpe, uma cagadinha. Nós, não.

– Nós o quê?

– Bem, nós... Nós nos divertimos, entendeu? É isto mesmo, nós temos é que nos divertir.

– Pois então vamos, ora!

– Suzana, meu amor! Que decisão majestosa! Um dia haveremos de retornar à Monarquia, sagrar-me-ei Monarca Absoluto e te tornarei a rainha deste vasto império brasileiro. Puta que pariu! Nós nascemos com o cu virado para a Lua!

– Mas que linguagem, meu Deus!

– Me perdoa, meu amor! Mas isto tudo é demais para um pobre cristão.

Tomou-a pelo braço e puxou-a da multidão. Ela sorriu e abraçou-o. Beijou-a na boca e, olhando para o céu, cruzado agora por uma

esquadrilha de caças de guerra, soltou-a, correu três metros e saltou:

– Iupi-Urra! Viva o Brasil!

E agora ele já não ouvia música nem rufar de tambores, ouvia tão-somente algumas vozes, talvez o General discursando, ou quem sabe o Presidente, e ele se afastava da janela e caía de novo sobre a cama. E no fundo de sua memória o Coronel esbofeteava com força o rosto de seu irmão estudante, e um homem de farda se aproximava e perguntava submisso e visguento: o que fazemos com o filho de uma cadela, Coronel, damos logo um corretivo? E ele ali amarrado vendo o Coronel se imobilizar, e pensar um pouco, e coçar a cabeça, e olhar para o chão, e olhar para o estudante e dizer: sim, é isto mesmo, apliquem um corretivo no pirralho, mas vejam lá, não vão exagerar que precisamos desamarrar a língua do garoto e daquele grandalhão ali. E aí começou tudo e o Coronel saiu da sala, e ele ali amarrado viu os homens sem farda esmurrarem o rosto do ir-

mão. E viu os homens sem farda tirarem as roupas do garoto e o garoto reagir e levar um soco no rosto, e viu então que os homens se deitavam sobre o garoto nu, e ouviu ali de onde estava, ali onde estava amarrado e impotente, ouviu o garoto gritar de dor e vergonha, e o homem entrava e saía de dentro do garoto, e o garoto gritava e ele ali amarrado. Ele viu que depois levantaram o garoto e chutaram-lhe o ventre, e o garoto não gritava mais porque nada mais via, e os homens cuspiam sobre o garoto que agora era apenas uma bola de carne esparramada no chão, ali a dez passos de onde ele estava amarrado e impotente e calado, porque jamais poderia falar alguma vez em toda a sua vida tudo aquilo que sabia e não podia contar, para que cenas como aquela não se repetissem dias e dias depois com outras pessoas às quais ele queria tanto como queria ao garoto que era seu irmão e agora gemia ali enquanto todos aqueles homens pisavam sobre ele. E ele viu que chegou o Coronel e eles pararam, e o Coronel pediu que eles levassem o garoto ao médico e solícitos eles obedeceram, e aí o Coronel se

aproximou dele, ali amarrado contendo o seu ódio, e olhando-o bem nos olhos perguntou: o seu irmão pode morrer, não está vendo? E antes que pelo menos pudesse pensar em responder um dos homens sem farda entrou correndo e chamou o Coronel com voz preocupada e o Coronel foi até ele e ouviu os lábios daquele homem pronunciarem qualquer coisa em voz baixa, e dali de onde estavam amarrado e impotente, ele pôde ler naqueles lábios que se moviam em silêncio uma única e repetida frase: o garoto morreu, o garoto morreu, o garoto...

Nós marchamos diante do Presidente e o Presidente sorriu. Nós não nos aguentávamos de pé, mas conseguimos fazer uma boa figura apesar do cansaço e da fome e o Presidente sorriu. Nós sabemos que o esforço valeu a pena e que por isto seremos recompensados na Escola. Nós sabemos que o Presidente é um homem sério e que ele jamais sorri, mas hoje ele sorriu e isto quer dizer que tudo está bem. O Instrutor também sorriu para nós e nós sorrimos para o Instrutor. O Instrutor disse que mais tarde

haveria sanduíches e Coca-Cola na Escola para todos nós e nós agradecemos ao Instrutor pelo aviso de que haveria sanduíche e Coca-Cola para todos nós. Nós vimos o Presidente fazer um gesto simpático e um homem forte caminhou em nossa direção. Nós vimos o homem forte puxar um de nós pelo braço e o Presidente sorriu outra vez. Nós vimos o Presidente falar alguma coisa boba e o povo aplaudiu. Nós vimos o homem forte voltar para junto de nós e de novo nós éramos nós e nosso companheiro, o que seria para sempre famoso e invejado, porque fora tocado pelo Presidente. O povo aplaudiu o Presidente e nós fizemos o mesmo, conforme as ordens do nosso Instrutor. O General começou então outro discurso e nós ouvimos com atenção. Nós ouvimos o General dizer acreditem no Brasil, que, como uma nova Fênix, ressurgiu das cinzas, em 31 de março de 1964. Nós ouvimos o General apregoar o combate aos extremismos, principalmente ao que resulta da aplicação das doutrinas marxistas-leninistas. Nós ouvimos depois o discurso do Arcebispo. Nós ouvimos o Arcebispo exortar a

nação brasileira à reflexão cristã. Nós rezamos sempre pelo Presidente, pelo General e pelo Arcebispo. Nós sabemos que Deus é grande e que no alto dos céus ele zela sempre pelo futuro grandioso do Brasil.

Sentiu que as mãos tremiam, mas não iria hesitar agora, quando tudo já estava planejado e conseguira se aproximar tanto do cordão de isolamento. Apertou então a coronha do revólver ainda sob a camisa e viu passar diante dos olhos todos os instantes da sua vida. Aquilo era como morrer, mas não tinha importância. Haveria de morrer dignamente, mas pelo menos no final dos seus dias – aquele dia – teria coragem de não perder a dignidade. Olhou aquele povo à sua volta, aquelas pessoas que aplaudiam, olhou os soldados que desfilavam, os escolares, os ex-combatentes, as autoridades no palanque. Merda, disse para si mesmo, o Brasil é merda pura. Pensou que a mulher e os filhos haveriam de esperar por ele inutilmente noites e noites seguidas e não conseguiu sentir ternura ou afeição. Estou morto, pensou então, nada

mais me resta senão matar esse filho da puta. Enrijeceu o corpo, contou até dez, tirou o revólver do cinto, e, mirando bem, apertou o gatilho.

– Você vai providenciar um médico para a criança – disse o homem ameaçador.

– Puta que pariu! – gritou o atendente deixando o jornal. – Quem você pensa que é, o Presidente da República? Já disse que não tem jeito.

O homem saltou o balcão e agarrou o atendente pelo braço direito. A mulher, do outro lado, não conseguiu dizer nada. Apertou a criança de encontro ao peito e aguardou.

– Você vai encher essa papelada aí já-já – disse o homem, torcendo o braço do atendente. – Você vai fazer o que estou mandando, está ouvindo?

– Você tá louco, seu? Não vê que isso vai dar um barulho dos diabos?

– Tem um médico aí dentro, não tem?

O atendente não respondeu.

– Tem um médico aí, não tem? – repetiu o homem apertando o braço do outro.

– Ui! Sim, tem, tá lá dentro.

– Como faço pra chegar lá?

– Primeiro faço a ficha aqui. Depois é só entregar lá.

– Pois então faz as fichas.

– Mas eu posso ser demitido por causa disso!

– Puta que pariu! Você se foda! Eu quero é que me encha essa ficha agora!

O atendente obedeceu. O homem saltou o balcão para o lado de fora e abraçou a mulher. A criança não gemia mais, parecia dormir. A mulher embalava-a levemente.

– O que está acontecendo aqui?

O policial aproximou-se desconfiado. A mulher arregalou os olhos e pregou-os no marido. O homem olhou para o atendente ameaçador e ficou calado.

O atendente largou as fichas e foi até o balcão. Olhou o homem, a mulher com a criança, o jornal amarrotado sobre a mesa e balançou a cabeça.

– Tudo normal – disse, voltando às fichas.

A mulher suspirou aliviada e o homem quase sorriu. O atendente lhe entregou as fichas e falou:

– Segue direto pelo corredor e vira à direita. Segunda porta.

A mulher correu com a criança, o homem atrás com as fichas. Seguiu pelo corredor, virou à direita e entrou na segunda porta. O homem de branco mandou sentar e perguntou o que era. A mulher aproximou-se cheia de esperança e disse:

– O menino, doutor...

O médico empurrou o pano que escondia o rosto da criança e olhou-a sem tocar. Olhou para a mulher com algum espanto, para o homem que sentara junto à mesa, com a cabeça baixa, e disse:

– Essa criança está morta.

Ridiculamente apoiado no tampo da mesa, o Deputado conseguiu finalmente começar o seu discurso:

– Minhas senhoras. Meus senhores. Estu-

dantes do meu país. Nesse momento glorioso e magnífico, em que mais uma vez a cultura brasileira é presenteada com mais uma jóia do saber universal, eu me sinto no dever de me manifestar, em nome do nosso grande Chefe, que no momento aqui não pode estar, porque preside as cerimônias comemorativas da data magna do nosso calendário cívico. Mas aqui estou para me manifestar, para que este dia não esvaneça tão cedo das memórias de nós todos aqui presentes. O nosso grande país, senhoras e senhores, sempre se sobressaiu, no concerto das nações em qualquer momento histórico, em virtude da pujança inominável dos seus artistas, estes semideuses cujas elucubrações poéticas e metafóricas superaram sempre qualquer criação advinda da mais fértil imaginação criadora alienígena. E mais, senhoras e senhores: o nosso país, que comemora hoje, mais uma vez, a sua grandiosa independência, apresenta notáveis índices de desenvolvimento desde a gloriosa e libertadora Revolução de 1964. Vejam bem como o nosso povo aplaude o nosso Presidente, ouçam bem que até aqui nos chega

o clamor popular que se eleva para agradecer o milagre da prosperidade que se abateu sobre a nossa grandeza. Vejam bem, senhoras e senhores, como...

Éramos jovens. O Deputado continuou sua algaravia monótona e nós nos afastamos lentamente. O Professor chegou pouco depois, acompanhado e amparado pelo umbigo que tão criteriosamente perseguira com o olhar desde o início da festa. Afonso, completamente embriagado, saiu com Hugo, os dois amparando-se um no outro. Lúcia sorriu com tristeza e virou as costas. Não vi quando saiu, talvez sozinha. O Deputado continuava seu discurso quando corri outra vez ao banheiro, onde vomitei copiosamente. Os olhos vermelhos e a boca azeda de vômito, olhei outra vez para a parede: Morra o tirano, dizia ela.

– Numa reunião como essa, de intelectuais – prosseguia o Deputado –, nunca é demais falar na Censura, tão combatida pelos mais esclarecidos. Sim, a Censura é um mal, quando mal exercida. Concordo com os senhores. Sou frontalmente contrário à censura às obras lite-

rárias. Estas, por estarem veladamente situadas em estantes, não despertam a atenção geral. Nosso país é um país de analfabetos, senhores. A literatura não oferece perigo.

Eu dei e não doeu. E você, já deu?

– Tal não ocorre, outros sim, com o cinema, freqüentado maciçamente como meio de entretenimento popular e apreciado por todas as classes culturais, atingindo, por conseguinte, uma variada faixa de idades. Aí sim, a censura é conveniente, e não apenas isso, mas necessária também. E não a censura pífia por aí aplicada, mas uma censura rígida, que coíba a imoralidade declarada e escancarada que golpeia o cinema nacional, em nome não se sabe de quê. Essa imoralidade não pode ser tolerada, aceita, proclamada ou legalizada. Não existe liberdade de pensamento e de criação em um país onde a moral dos homens inveje a dos cães.

Comi a buceta de sua mãe, o cu de seu pai e a boca de sua irmã.

– Para que haja liberdade total do desregramento, da podridão, da pornéia cinematográfica, o sr. Ministro da Justiça fará por bem

mandar designar salas especiais de projeção exclusivas para o exercício da imoralidade, da obscenidade, do fartum cinematográfico, como acontece em vários países. A elas comparecerá quem desejar se enchafurdar no monturo, quem se agradar no contubérnio com a devassidão.

Fodi com a cachorra da sua mãe.

E depois fodi com a sua mãe.

– As coisas do sexo resultam mais valorizadas quando velada pela discrição, pela intimidade, pela privatização, pelo enleio a dois. O bom, o belo, a intelectualidade, em época alguma da História da humanidade, sintonizaram com o imoral, o impudico, a prevaricação dos costumes. Não queremos, pois, e nem devemos, desejar a liberdade total dos atos da Censura, o que nos lançaria, sem dúvida, no báratro do barbarismo moral, na incivilidade, na desordem sexual.

Morra o tirano.

Voltei ao salão cambaleando. O Deputado terminara o seu discurso debaixo de aplausos, embora ninguém soubesse realmente, ao final

daquilo, se ele defendera ou condenara a Censura. Aproximei-me e, boquiaberto, cumprimentei-o apertando-lhe a mão direita com tudo o que me restava de forças nas duas mãos.

– Esplêndido! Esplêndido, sr. Deputado. Simplesmente esplêndido!

O Deputado desvencilhou-se com um riso amarelo e fui amparado por dois braços estranhos. Um homem de terno escuro aproximou-se do Deputado e segredou-lhe ao ouvido:

– Tentaram matar o Presidente. A polícia está dispersando o povo a cassetete e bombas de gás. Metralharam o autor do atentado e ele morreu imediatamente. É bom vir comigo. O General foi ferido.

E ele via o garoto que era seu irmão brincando com os companheiros quando era ainda uma pequena e frágil criança. E o que era quando morreu no fundo do calabouço senão ainda uma criança frágil, só que um pouco mais crescida, um pouco mais rebelde? E ele afundava de novo no delírio, e tonto de angústia e sofrimento erguia-se da cama e andava sem

destino pelo quarto e ouvia de novo as vozes pronunciando palavras que não lhe eram estranhas, e qualquer coisa lhe dizia que aquelas palavras saíam da boca de um general. E de repente ele caía outra vez na cama, mas tão logo começava a se afundar de novo no delírio, o pipoquear das metralhadoras buscou-o no fundo do poço. E ele ouviu gritos de mulheres e crianças, ouviu berros de terror, berros de quem tivera a carne atravessada por uma bala. Ouviu o barulho abafado de pés pisoteando corpos, e no meio da metralha e dos berros e dos ruídos um choro de criança, e ele se levantou tonto e desconcertado daquela cama que não mais o prenderia ali naquele quarto, e ele viu então o corpo infantil de seu irmão brincando com outras crianças tantos e tantos anos passados, e ele viu aquele garoto que era seu irmão crescendo e se tornando um jovem quase forte, não fosse toda aquela magreza, aquelas espinhas no rosto, e ele agora via o garoto cuspidando na cara do Coronel e depois os homens sem farda entrando e saindo daquele corpo inocente, e ele naquele poste amarrado, e logo depois o Coro-

nel e aquele civil movendo os lábios para dizer qualquer coisa parecida com o garoto está morto, Coronel. E ele saltava da cama como um possesso desvairado e corria à janela, e entre o delírio e o sonho e a lucidez olhava para o fundo do abismo e o povo era uma massa cinzenta que se abria para dar passagem à metralha, e ele se debruçou na janela e ficou ali parado olhando o seu povo fugindo da praça na data magna do nosso calendário cívico, e ele nem sequer olhou para trás antes de passar a perna pelo peitoril da janela e despencar lá de cima chorando e gritando Viva o Brasil!, e enquanto rasgava o espaço via diante de si o rosto macerado do garoto morrendo de dor e vergonha.

Suzana levantou a perna esquerda e Olavo viu que ela tinha uma pequena pinta negra na parte interna da coxa. Ela riu e ele ficou olhando a maneira como ela rolava na cama, toda nua. Suzana ficou de costas e Olavo admirou as nádegas firmes que ela comprimia maliciosamente uma de encontro à outra.

– Viva o Brasil! – gritou ele, correndo para a cama.

Suzana riu gostosamente e perguntou se ele não ia mandar o presidente entrar logo.

– Entrar onde, meu bem?

– No Palácio da Alvorada, ora! – disse ela, abrindo as pernas.

– Upa! – falou Olavo, enfiando a cabeça entre as pernas de Suzana. Sentiu o odor suave que exalava das coxas longas, da musculatura sólida, e passou a língua bem de leve pelos lábios vaginais de Suzana.

– Agora não, meu bem. Além do mais, você sabe, quem sou eu para mandar entrar o presidente?

Suzana fechou as pernas em torno da cabeça de Olavo e quase o sufocou.

– Um ultimato! Ou você me promete dar um jeito logo nesse presidente pusilânime ou te mato agora...

– Morro, mas não cedo a ordens impatrióticas! Morro pela grandeza do Brasil, na data magna do nosso calendário cívico! Viva a democracia!

Suzana riu e soltou-o. Olavo abraçou-a e beijou-lhe os seios. Ela fechou os olhos e relaxou o corpo. Olavo desceu as mãos até sua vagina e viu que ela estava úmida. Ela gemeu pedindo que ele não demorasse mais e ele consentiu em penetrá-la. Quando o fez, não soube por que, lembrou-se do semblante severo do general cheio de estrelas.

Nós vimos o Presidente voltar ao palanque. Nós vimos o General conversar alguma coisa no ouvido do Presidente. Nós vimos o Presidente franzir a testa e olhar para o povo à sua frente. Nós ouvimos o barulho de um tiro e vimos o General caindo com um grito estranho. Nós vimos o Presidente sumir no meio dos homens de terno preto e a polícia cercar o palanque. Nós vimos o povo correndo e gritando e ouvimos uma rajada de metralhadora. Nós vimos um homem negro cair varado de balas. Nós vimos uma mulher atravessar na frente dele e cair também, cheia de sangue. Nós vimos uma criança como nós caída na calçada, com um buraco no peito. Nós vimos a polícia

militar batendo nos homens, nas mulheres e nas crianças. Nós ouvimos o comandante gritar para todo mundo: vamos, dispersem, dispersem, filhos de uma égua. Nós vimos os tanques de guerra atropelando homens para cercar o palanque. Nós vimos os homens de metralhadora apontando as armas para nós. Nós obedecemos ao Instrutor, que nos ordenou marchar calmamente até os ônibus. Nós passamos por uma rua estreita e havia uma multidão em torno do corpo de um homem esparado no chão. Nós vimos um homem cobrir o corpo do outro com um monte de jornais. Nós vimos um homem e uma mulher saindo de um hospital e a mulher carregava um embrulho que parecia um menino e chorava. Nós vimos outra mulher acompanhada de quatro crianças como nós e também ela chorava e parecia procurar alguém. Nós vimos um rapaz e uma moça abraçados na esquina, e ele beijava a moça e a moça beijava o rapaz, e de repente o rapaz saiu correndo e gritando e o que ele gritava era Viva o Brasil! Nós vimos o carro preto do Presidente passar em alta velocidade, precedido por um

batalhão de outros carros uivando suas sirenas. Nós vimos um rapaz magro apoiado num muro e ele vomitava e chorava e com um carvão escrevia no muro a frase Morra o Tirano. Nós perguntamos ao Instrutor o que significava aquilo e ele respondeu: vocês são crianças e não precisam saber dessas coisas, um dia tudo se esclarecerá. Nós insistimos e o Instrutor nos repreendeu irritado e disse: tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Nós desistimos de perguntar e seguimos em frente. Nós não sabíamos de nada, mas desconfiávamos de muita coisa. Nós seguimos em frente, com nossas dúvidas, nossas incertezas, nossas pequenas esperanças.

NÃO PASSARÁS O JORDÃO

*Eis aí morro eu nesta terra,
não passarei o Jordão;
passá-lo-eis vós,
e possuireis este belo país.*

Deuterônimo, 4,22

Eu preparava os livros e os cadernos quando a campainha tocou. Era ainda muito cedo e não havia ninguém para atender. Desci as escadas e fui abrir a porta, embora ainda estivesse de camisola. Devia ser o leiteiro, o padeiro, quem sabe? Mas quando abri a porta, apenas um pouquinho para ver quem era, fui empurrada para trás. Um homem alto com uma cicatriz no rosto forçou a porta e me segurou pelo braço. Eu quis gritar, chamar alguém, mas ele me impediu apontando-me uma arma. Ainda me segurando pelo braço, obrigou-me a sair. Eu já esperava por isso – quantas vezes estremecera apenas ao imaginar tal cena –, mas não podia acreditar que fosse assim tão cedo.

– Ela tem 22 anos, é loura e magra. Preste bastante atenção no retrato.

Sim, eu não podia esquecer. A julgar pelo retrato, ela era mesmo muito bonita – muito melhor, mesmo, do que aquelas das quais costumamos dizer que são boas. Talvez fosse virgem, pensei comigo, e seria muito interessante o tipo de trabalho que poderíamos realizar com ela.

– Ela sai para as aulas muito cedo. Costuma sair às seis e trinta. É bom que vocês estejam a postos bem antes. Certo?

Sim, às seis da manhã. Foi nesta hora que chegamos lá. Estacionamos o carro bem em frente à casa – uma casa grande, com três pavimentos e um jardim frontal.

Deviam ser muito ricos, pensei, logo me perguntando por que diabos uma moça assim podia se envolver com subversivos.

O homem me segurava pelo braço com força, enquanto me empurrava pela rua. Passavam algumas pessoas, mas elas se mantiveram sempre à distância. Dentro do carro havia outro homem, que apontava uma metralhadora para fora. Havia mais dois homens no banco

traseiro, e todos eles me olhavam e sorriam. Quando o outro me jogou dentro do carro, um deles me tocou o seio.

Era muito mais bonita que a moça do retrato. Não pudemos esperar que saísse, eram quase sete horas e logo a rua estaria cheia de gente. Por isso mandei que ligassem o motor do carro e me dirigi até a casa. O portão estava aberto, seria fácil. Atravessei-o e apertei a campainha. Não demorou muito e, para minha surpresa, ela própria atendeu. Estava de camisola, nada por baixo, além da calcinha e do sutiã. Abriu a porta apenas o suficiente para mostrar a cabeça e foi aí que a empurrei para dentro. Era mesmo muito bonita.

Não me dizem para onde me levam. Não perguntei, não consigo dizer nada. O da cicatriz, o que chamou à porta e me obrigou a vir, não disse uma palavra. Está no banco da frente, não olha para trás. E aqui, no banco traseiro, sinto que vou desmaiar. Me algemaram os pulsos e nada posso fazer contra os outros dois. Um deles não se cansa de tocar meus seios, meu Deus, enquanto o outro me aponta um revólver. Estão girando com o carro por toda a ci-

dade, já passamos duas vezes pelo mesmo local. E de repente me tampam os olhos com um capuz. Tudo escurece e eu nada sinto, além das mãos grossas deste homem que me aperta os seios e, encorajado, talvez, porque nada vejo, levanta minha camisola e crava as unhas em minhas pernas.

– São todas iguais – disse o homem de verde olhando para a moça. – Umas putas sujas que só descobrem sua condição quando é tarde demais.

O homem de verde caminha em torno dela, que treme e o olha com os olhos apavorados: está apenas com uma camisola de náilon amarela e muito fina, o que deixa a descoberto todo o seu corpo. O sutiã está rasgado. Tem manchas roxas no ventre e nas coxas.

– Pois bem, mocinha. Acho que não precisamos lhe dizer mais nada, não é mesmo? Você certamente vai colaborar. Certamente você já sabe como é o nosso sistema, vocês sempre sabem tudo. Vocês acham que sabem de tudo, não é mesmo, sua puta? Vocês vivem espalhan-

do por aí como trabalhamos, vocês vivem apregoando tudo pelos quatro ventos, embora nunca tenham passado por qualquer experiência igual. Vocês sabem demais, não é mesmo?

Ela não responde, apenas olha. Não consegue parar de tremer. E o homem de verde girando em torno dela, olhando o seu corpo, gritando, insultando.

É um velho. Um velho imundo, que me insulta como se eu fosse uma mulher qualquer, mas devo fingir que nem ao menos sei por que me buscaram. Não me disseram nada, não me explicaram nada. Passaram as mãos nojentas por todo o meu corpo, me feriram, não me explicaram nada, enquanto me conduziam sem rumo pela cidade. E agora estou aqui, aqui neste lugar que não sei onde fica. E este homem velho que me insulta, e nada me explica, nada me pergunta, apenas me insulta, como se eu fosse a mais miserável das criaturas.

São todos iguais. Não percebem, não são capazes de perceber com o que estão tratando, com quem estão tratando. Tentam se passar por ingênuos (inocentes

úteis?), tentam se fazer de inocentes. E são todos iguais, embora jovens. Iguais, todos iguais.

Enquanto me conduzem por um corredor escuro tenho a sensação estúpida de que estou vivendo um pesadelo. Um pesadelo pelo qual eu talvez já esperasse há muito tempo, é verdade. Mas que eu não fraqueje, que consiga suportar, é tudo o que peço. Quando descubro, então, que não há a quem recorrer. Estou só, e não me resta sequer a antiga fé há muitos anos perdida. Estou só e talvez sejam estes os meus últimos momentos.

O corredor não termina e enquanto ando recorro as instruções recebidas. Mas não consigo concentrar os pensamentos numa só coisa, uma multidão de idéias me toma o cérebro como se quisesse queimá-lo. Lembro-me dos relatórios, das narrativas dos que se salvaram e sinto alguma coisa se revolver em meu estômago, o sangue refluindo, as pernas subitamente fracas e sem ânimo para andar. Sinto medo. E de repente nada mais me resta senão o terror, o terror inominável diante do que me espera.

– Seu nome.

– Cláudia.

– De quê?

Digo meu nome. Idade. Filiação.

– Endereço.

Digo o endereço dos meus pais. O homem anota tudo num papel. Confere com outro.

– Confere.

Faz perguntas. Respondo. Faz mais perguntas. Respondo. Respondo. Respondo.

Mostra um retrato. Um homem que nunca vi em toda a minha vida. Tem cabelos e barba compridos, uma boina preta sobre a cabeça. Usa uma espécie de uniforme.

– Reconhece?

Respondo: não. Ele insiste. Aproxima a fotografia, bem diante dos meus olhos.

– Reconhece?

Repito que não.

– Procure se lembrar. Chama-se Juan. Chama-se Juan, não é mesmo?

Juan. Juan. Sim, Juan. Mas qual Juan? Insisto: não conheço Juan. Não conheço nenhum Juan.

– Você se lembrará.

Diz algo assim como “não vamos perder tempo com besteiras” e passa adiante. Retira alguns papéis de uma gaveta. Estou cansada e quero me sentar. Não permitem. Estou de pé, diante da mesa. Há uma luz forte sobre os meus olhos.

– Antônio de Oliveira Mayer. Você se lembra deste nome?

Sim, eu me lembro. Digo a ele que me lembro. Ele sorri.

– Ora, muito bem, estamos progredindo. Era seu amiguinho?

Não entendo o que quer dizer.

– Não se faça de inocente. É melhor dizer tudo.

O que será tudo? Digo o que sei. Antônio era meu colega de classe. Um bom aluno. Discutia com os professores. Não, não, não era bom aluno porque discutia com os professores. Mas era o que se diz um bom aluno.

– Discutia, hein? O que ele discutia?

Discutia tudo. Literatura, Política, Ciência, Economia, Filosofia.

– Mais o quê? Mais o que ele discutia?

Tudo. Era um sujeito meio rebelde.

– Rebelde! Vocês são todos uns idiotas!

Não sei o que quer dizer. Não conhecia Mayer direito, mas ele não era dos nossos. Era um sujeito rebelde, um estudante estranho que exagerava ao discutir com os professores. Descuidado e tolo.

– Vocês saíam juntos?

Não, nunca.

– Conversavam?

– De vez em quando.

– O que conversavam?

Sobre tudo.

– Sim, tudo. Mas tudo o quê? Acha que somos idiotas?

Assuntos particulares, estudos.

– Que tipo de assuntos particulares? Que tipo de assuntos relacionados com estudos? Discutiam idéias? Engels, Marx? Economia? Falavam sobre o governo? Sim, o governo. O que você acha do governo? Diga, o que você acha do governo?

Não adianta explicar que era toda conversa

comum entre estudantes. Do governo? Não acho nada do governo.

– Nada? Não acha nada? Ora, mas que gracinha! Vamos, não seja idiota.

O que sei. Digo o que sei. Não sei o que ele sabe, não sei o que eles sabem sobre mim e sobre os outros. Mas eu mesma nada sei sobre Mayer.

– Está bem, você não quer colaborar. Nós vamos sentir muito. Você não devia fazer uma coisa dessas com a gente.

Chama outro homem. Ordena-lhe algo que não consigo ouvir. O homem volta rapidamente. Faz um sinal. O outro assente e cruza as mãos sobre a mesa. Tem um anel de grau num dos dedos. E torce as mãos como se estivesse nervoso.

– Quando foi que você viu Mayer pela última vez?

Não me lembro. Há muito tempo não vejo Mayer. Ele, que não faltava nunca às aulas, tinha desaparecido há alguns dias.

Dois homens entram na sala. Trazem Mayer. Arrastam-no. Sinto o vazio no estômago. Mayer não consegue andar, tal o estado em que se

encontra. O rosto desfigurado, as roupas em pedaços, está quase nu. Tem uma plasta de sangue seco presa ao nariz. Os lábios rachados. Eles o massacraram, digo para mim mesma. Eles o massacraram e nada impedirá que façam o mesmo comigo.

– Muito bem, rapazinho. Estamos aqui de novo, hein?

Mayer olha para ele com um dos olhos apenas. O outro está fechado em consequência de uma enorme inchação. Balbucia alguma coisa ininteligível.

– Você conhece esta moça, não conhece?

Mayer assente com um gesto. Tenho pena dele, mas só consigo pensar em mim mesma. Sinto as pernas cada vez mais fracas. As instruções se embaralham em minha cabeça. Tinha chegado a hora?

– Vocês se encontram muito?

A pergunta foi dirigida a Mayer, que balbucia mais alguma coisa. Não posso entender o que ele diz.

– Mas que diabo! – grita o homem. – O que vocês fizeram com o bastardo?

Um dos homens parece assustado. O da mesa se levanta e se dirige até Mayer. Pega sua cabeça, olha bem para o rosto amassado. Tenta abrir sua boca. Quando o consegue escorre dela um fio de sangue.

– Seus idiotas! Vocês estão querendo matá-lo, seus imbecis? Vocês não ouviram as instruções?

Um dos homens parece desconcertado.

– Ele não queria falar...

– Não queria falar? E agora, como é que vai poder falar alguma coisa? Fora daqui! Fora daqui, todos os três!

O homem pega o telefone, por um instante quero acreditar que se esqueceu de mim. Disca um número, aguarda.

– Alô? Quem... Sim, sim, estou ouvindo. Sim, claro. Claro, claro. Sim, já sei. Agora, por favor, quer me chamar o doutor Ferreira? Sim, o doutor Ferreira, não está ouvindo?

Já tiraram Mayer da sala. Arrastando, como o trouxeram.

– Doutor Ferreira? Venha urgente ao setor 12. Sim, ao setor 12, o senhor está surdo? Não,

não é isso. Os idiotas exageraram um pouco com o rapaz. Sim, com o Mayer. Hein? Não, não é nada disso. Mas acho que agora ele não poderá falar nada. Não, não. A menos que escreva, evidentemente. Presumo que ele ainda saiba ler e escrever.

Uma pausa. O homem escuta. Parece nervoso. Aperta o fone com força, sua. Olha para mim, para os outros. Faz um sinal. Os homens caminham em minha direção. Me empurram para fora e pela primeira vez eu desejo, quase imploro, que me deixem ali, ali naquela sala, onde me submeteria dócil a todos os insultos e a todas as perguntas, contanto que não pusessem em mim suas mãos sujas e sangrentas.

Como uma fera faminta e solitária na sua jaula, o homem anda de um lado para o outro e resmunga, rosna e rugem. Mede com passos rudes a distância entre as duas paredes – vai e volta, febril, insatisfeito com a distância medida, o ritmo dos passos e o método de medição. A bota preta e reluzente bate com força no piso

de tábuas largas e bem enceradas. É uma bota grande e pesada, apropriada para o grande pé de seu dono. Mas eis que a fera se cansa, pára, cheira o ar, medita, dirige-se à mesa e senta-se. Uma grande ruga corta a sua testa curta e larga. Os lábios muito finos apertam-se rigidamente, brancos, como se não tivessem sangue.

Políticos, resmunga o homem com desprezo. Políticos! Um senador ridículo com seu chapéu e seu sotaque espanholado brada no Congresso por direitos humanos, como se fossem humanos os sádicos desvairados que seqüestram, roubam, assassinam e praticam os mais horríveis crimes em defesa de ideologias estranhas à índole do povo brasileiro – esse povo resignado, resmunga o homem, esse povo que sofre, mas tem esperança num futuro melhor, eis que seus governantes se esmeram na luta para o desenvolvimento.

O homem é incapaz de entender por que motivos, cáspite, certos políticos pedem moderação nos interrogatórios e respeito à integridade física das pessoas, como se fosse possível usar linguagem de anjos para lidar com

feras. Feras com feras se entendem, filosofa o homem, e ele quase ri, torcendo o lábio, orgulhoso com sua notável descoberta: feras com feras se entendem. Políticos! Que pode saber um político além de seus negócios escusos fechados na escuridão de seus gabinetes?

O homem se levanta. Agora anda em círculos – bate as botas contra o piso e ouve com prazer o estalar dos tacos contra a madeira. Esfrega as mãos de encontro uma à outra, sua, afrouxa o nó da gravata, solta o colarinho. Retorna à mesa, pega um papel quadrado que recebeu há pouco, um papel branco e com poucas palavras impressas, o timbre *Confidencial* atravessando-o em diagonal.

Moderação! Como se pudéssemos ser moderados com esse tipo de gente! Moderação! Meu Deus, o que querem? Que os tratemos como crianças? Que os convidemos para jantar conosco, e os interroguemos enquanto bebemos vinho? O que querem? Que lhes submetamos questionários escritos, e eles respondam com cruzinhas, como numa prova de múltipla escolha?

Estranhos ao sistema, pensa o homem, que-rem agora interferir no trabalho dele – trabalho que procura executar da melhor maneira. Afinal, existem métodos – e, se funcionam, por que mudá-los? Extrair confissões é uma arte e o homem orgulha-se da forma como a pratica. A arte de impedir que sejam perturbadas a paz e a ordem públicas. Através das confissões, pode-se chegar a outras pessoas igualmente perniciosas à vida em sociedade. Pode-se garantir a paz. Pode-se garantir a tranquilidade necessária para que os homens de bem continuem amando a Deus acima de todas as coisas, cumpram com seus deveres e peçam perdão por seus pecados.

Políticos! Direitos! Olhando pela fresta da janela como um lince, o homem contempla o planalto central lá fora, a poeira do cerrado cobrindo os gramados secos, a amplidão do horizonte, os carros passando pelas ruas vazias de gente. Na solidão de sua sala, perplexo com as novas recomendações, o homem contempla absolutamente desolado o papel secreto que lhe chegou às mãos.

Intervenção do senador Paulo Brossard, do Movimento Democrático Brasileiro, no Senado Federal, no dia 30 de setembro de 1975, terça-feira:

Causou funda e penosa impressão a maneira como ao Poder Judiciário se referiu o Senhor Presidente da República, em recente oração proferida na convenção da Arena. Do Poder Judiciário pode-se dizer que tem virtudes e defeitos. Dizendo isto, creio que não se está a dizer novidade surpreendente. Dado que integrado por homens há de ter defeitos e qualidades próprias do ser humano.

Do Supremo Tribunal Federal já houve quem dissesse que foi o órgão que mais falhou à República. (...) O que surpreendeu é que o juízo fosse emitido pelo Chefe do Poder Executivo e nas circunstâncias em que o foi.

(...)

Quem sou eu para julgá-lo? Outro dia, por unanimidade, o STF entendeu que a censura à Imprensa, quando exercida em nome do AI-5, fica excluída de apreciação judicial. Vou ler o que foi publicado pelo *O Estado de S. Paulo*:

“STF: Censura prévia não pode ser julgada – O Supremo Tribunal Federal decidiu ontem, acompanhando voto do ministro Thompson Flores, que é insuscetível de apreciação judicial a censura prévia de qualquer publicação literária ou artística, quando a medida a cargo da Polícia Federal decorrer da aplicação de Ato Institucional.”

Há um outro problema, mas este é da área específica do Poder Executivo e está aí a clamar por providências governamentais. Não sei de que palavras eu deva usar para sensibilizar as altas autoridades da República, mas há um fato que ocorre e se repete, dia-a-dia, em nosso País, e que já não é mais em nome da lei, mas em nome da cristandade que venho à tribuna para reclamar contra a sua ocorrência. Refiro-me às prisões ilegais e aos maus tratos infligidos a pessoas neste país. Faz algum tempo, vários deles vieram à luz da publicidade. A propósito, *O Estado de S. Paulo* lançou um editorial sob o título: “A pobreza geral de um episódio”. Vou ler, Sr. Presidente, algumas passagens:

Há poucos dias o senador Jarbas Passarinho admitia na tribuna do Senado a existência de excessos injustificáveis no combate à subversão.

Há mais algum tempo o ministro do Supremo Tribunal Federal, Aliomar Baleeiro, mencionava entre os danos mais graves feitos à coletividade brasileira nos últimos tempos “as prisões ilegais, as torturas, os desaparecimentos – se fulano de tal desaparece não se acha mais nada, nem cadáver, nem cinzas do cadáver – e a opressão à liberdade do pensamento”.

Mais importante ainda foi o testemunho dado por um ministro do Supremo Tribunal Militar, General Augusto Frago, reclamando do modo com que algumas autoridades apontadas como coatoras prestam contas à Justiça Militar sobre prisões efetuadas para averiguações e sobre a situação dos detidos que impetram habeas-corpus, um modo que deixava a desejar quanto ao respeito devido à autoridade daquela corte e à “obediência sem retardo nem fraude às suas decisões”. O ministro General Augusto Frago terminava pedindo

uma reformulação no conceito de segurança nacional, “hoje ainda sujeito a interpretações surpreendentes”; uma reeducação do combate à subversão, especialmente entre militares, “que ainda tratam a guerra revolucionária comunista com incrível misoneísmo”; e a revisão, na forma e no fundo, da Lei de Segurança Nacional prevendo-se “para o processo e julgamento dos delitos políticos normas processuais específicas”.

Depois de tão ilustres depoimentos ninguém poderia mais negar que houvesse prisões arbitrárias, que houvesse torturas, desaparecimento por vias de eliminação e até obstrução à própria ação da Justiça Militar por parte de escalões subalternos dos organismos de segurança.

Sr. Presidente, esse é um fato que trago, não ao conhecimento do Senado, porque não estou a dar-lhe conhecimento de uma novidade, mas à reflexão e à sensibilidade desta Casa do Congresso e trago através de um órgão insuspeito, categorizado, de respeitabilidade como é o grande jornal paulista.

Sr. Presidente, isto ocorre na área específica do Poder Executivo.

(...)

O que é mais grave é que os exemplos proliferam e a onda de abusos, em relação à pessoa humana, que se nota de Norte a Sul, é impressionante; atinge qualquer pessoa, ainda que nem remotíssimamente tenha relação alguma com a chamada segurança nacional, ou com a hipotética prática de atos subversivos. (...) Vou ler, com profundo pesar, notícia estampada pelo *O Estado de S. Paulo*, de 20 de setembro:

“Justiça Militar apura denúncia de maus-tratos”. O Conselho Permanente de Justiça do Exército determinou a instauração de inquérito para apurar denúncias de torturas nos gráficos Laudo Leite Braga e Darcy de Aquino Ribeiro, no advogado José Oscar Pelúcio Pereira, no comerciante Geraldo Campos e na funcionária do Itamaraty Therezinha de Oliveira Silva, acusados de tentativa de reorganização do extinto Partido Comunista Brasileiro no Distrito Federal. O Conselho tomou aquela

decisão após ouvir os indiciados e relaxar sua prisão.

Laudo Leite Braga, assim como os demais, declarou ser inocente, não conhecer os termos do processo e que seu depoimento foi tomado sob pressão física e moral; segundo disse, foi preso no dia 17 de julho, encapuzado e submetido a torturas com choques, pancadas e banhos frios durante oito dias. Depois disso, afirmou, foi internado num hospital que não identificou, para tratamento dos ferimentos.

Darcy de Aquino Ribeiro, preso um mês depois de Laudo Leite Braga, disse que foi detido no seu local de trabalho e conduzido com os olhos vendados e algemado para lugar desconhecido, onde depois de torturado e ameaçado na presença de suas filhas confessou os fatos dos quais o acusam. Declarou que nunca foi nem será comunista, por não aceitar uma doutrina ateuísta.

Aparentando um nervosismo incontrollável, Therezinha de Oliveira, acusada de entregar documentos secretos do Itamaraty sobre o Les-

te Europeu a Laudo Leite Braga, declarou ter sido presa no dia 18 de julho em sua residência, por pessoas que se diziam policiais. Continuou dizendo que foi levada para uma sala, despida, torturada, caluniada e difamada durante seis dias, até que, não agüentando mais, assinou as acusações que lhe foram apresentadas. Negou que tivesse exercido atividade política ou retirado qualquer documento do Itamaraty, por ser funcionária de confiança de seus chefes. Therezinha foi a única dos acusados a citar o DIC e o CODI de Brasília. Segundo afirmou, quando se encontrava na Polícia Federal foi ameaçada de voltar a um daqueles órgãos do Exército, razão por que reconheceu as acusações não verdadeiras.

O advogado José Oscar Pelúcio Pereira disse que durante dez dias foi submetido a choques elétricos em todo o corpo, banho frio e que os policiais simularam a prisão de seu filho de 14 anos e de sua esposa e lhe deram dez litros de água para beber. O comerciante Geraldo Campos também disse que prestou depoimento sob coação física e moral.

Isto ocorre aqui, Sr. Presidente, na vizinhança da Presidência da República, nas imediações do Congresso Nacional, à sombra dos Tribunais Superiores da República, na mesma cidade onde têm sede as embaixadas dos países estrangeiros. Se isto está acontecendo aqui, o que não acontecerá por este país afora? E, o que é mais grave, disse-me neste recinto um homem que tenho como de idoneidade acima de qualquer dúvida, é que outros expedientes foram utilizados contra essas pessoas, as quais, por medo, pediram não fossem publicados.

(...)

Então pergunto ao honrado Chefe do Governo se estas coisas podem continuar acontecendo nesta terra? Se Sua Excelência não sabe que estas coisas acontecem? E não vai tomar uma providência hoje – não amanhã – hoje – para que isto nunca mais venha a ocorrer no Brasil, sob pena de nós estarmos praticando aqui aqueles processos diabólicos que condenamos e que se praticam na Rússia? Qual será então a diferença entre esses dois regimes, se ambos desrespeitam da mesma forma a pobre pessoa humana?

– Desde quanto tempo você recebe este jornal, e como?

Novamente o homem de verde, que não permite que eu me sente e gira em torno de mim como se quisesse avançar sobre o meu corpo. Tem nas mãos um exemplar de *Voz Operária*, jornal do Partido Comunista Brasileiro.

– Recebia pelo Correio – respondo logo. E é a verdade, embora pareça absurdo.

– Desde quando?

– Desde finais de 73, ou princípio de 74.

– Como você o recebia?

– Pelo Correio, já disse.

– E eu ouvi, sua puta! Quero saber como, de que maneira, de que forma você se envolveu com os comunistas, como eles te aliciaram, onde vocês se encontravam, como se comunicavam.

– Não sei de nada!

– Sabe, sim sua puta imunda! E vai dizer, vai dizer agora!

A luz me queima os olhos. Há quanto tempo estou aqui, há quanto tempo não me dão o que comer, o que beber? Há quanto tempo não durmo?

– Comece a dizer agora! Você vai dizer tudo agora!

– Recebia os jornais pelo Correio. Não sei como descobriram meu endereço. Talvez na Faculdade... Assino revistas, jornais. Acho que meu endereço já foi publicado num deles. Sim, na seção reservada aos leitores. Nunca assinei este jornal. Chegava periodicamente, em meu nome. Não sei quem manda, não sei...

– Cale-se!

Me bateram. Me bateram pela primeira vez, um murro na face esquerda. Tudo escurece, sinto uma dor funda e longínqua bem no fundo da cabeça. Foi só um murro, apenas um murro, um golpe repentino que não sei de onde partiu, mas eles começaram. Eles começaram, meu Deus.

– Quem mandava o jornal? Nomes. Endereços.

– Não sei.

– Quem mandava? Diga agora?

– Correio... Correio.

– Nome, sua puta! Nomes, endereços!

Nomes. Endereços. Nomes. Nomes.

– Era Rafael quem mandava? Diga, era Rafael?

– Rafael?

– Sim, Rafael. Era ele quem mandava?

Rafael, Rafael.

– Traga as fotografias. Sim, as fotografias, seu imbecil, traga agora!

Não sei de nada. Recebia os jornais pelo Correio. As instruções. Muita gente, sim, muita gente. Muita gente recebe, é isso. Muita gente recebe pelo Correio, às vezes até contra a vontade. Não há como evitar. O carteiro deixa na porta. Muita gente...

– Quem?

Muita gente.

– Quem, diga? Quem mais recebe? Amigos seus? Colegas da Faculdade? Diga quem, vamos, diga! Dê os nomes, apenas os nomes. Sim, não precisa endereços, só os nomes.

Não sei, não sei, não sei. Não me lembro.

– Vai lembrar...

Me derrubaram. Não quero me levantar, está bom aqui no chão. Frio, mas é bom. Quero dormir.

– Levanta!

Alguém me ajude! Não consigo.

– Levanta!

Me chutam. Na cabeça, na barriga, nos seios, no ventre. Não consigo me levantar, minhas pernas estão bambas e fracas. Roda. Roda, roda, roda. Tudo roda. Roda, roda, roda.

– Levanta!

A luz gira, gira, gira. Gira sobre meus olhos, e eu não vejo nada. Tudo escurece. Alguém gritou. Não sei, não sei. Não fui eu, não fui, não...

– Podem levar. Tragam de volta dentro de dez minutos. Não demorem. Dez minutos, não demorem mais do que isto.

Leve. Leve como pluma, nuvem, pena. Sono. Algodão, seda, nuvem. Vão, viagem, vento. Leve, leve, leve. Me levam para onde? Um corredor escuro. Dói. Minha cabeça, minhas pernas. Meus seios vão arrebentar. As instruções. Roda, roda, roda. Respirar. Respirar fundo. Leve como pluma, nuvem, pena. A porta. Luz. Dormir. Dormir. Mesa. Estou sobre a mesa. Fome. Comer. Náusea, vômito. Carne.

Minha carne. Quente, carne, dormir. Comer.
Sede. Água, rio. Chuva.

– Acorda, vagabunda!

– Chuva, raios, tempestades. Gira, dói, roda, pena, pluma... Pai. Pai.

– Pode deixar aí mesmo. Sim, na mesa.

Tirem a roupa. Dela, idiota, a roupa dela!

– Quero água...

– Dê a ela de beber. E tira logo a roupa dela, anda!

– O doutor disse só dez minutos...

– Cala a boca, idiota! Vamos, faça o que estou dizendo!

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Ministério da Marinha

Instrução Geral nº. 29/75

A todos os Comandantes de Unidades de Defesa,
Segurança e Controle.

CONFIDENCIAL

Sr. Comandante.

Chegaram até nós informações sobre possíveis irregularidades ocorridas em várias unidades, entre as quais a que se encontra sob o comando de V. Sa.

Vimos mais uma vez, portanto, lembrar ao comandante que a última circular emitida por esta força, em

comum acordo com a autoridade suprema, foi bastante taxativa no que se refere ao assunto agora tratado. As novas recomendações relacionadas com o tratamento a ser dispensado aos prisioneiros não têm, é bom frisar isto, o sentido de se constituírem em simples instruções de somenos importância, a serem seguidas ou não, conforme o arbítrio daqueles aos quais se dirigem, ou – o que é bem mais grave – conforme a vontade de seus subordinados, diante de cujo comportamento irregular, estamos informados disto, alguns comandantes estão fazendo vista grossa.

Lembramos mais uma vez, então, da conveniência de serem obedecidas à risca todas as novas recomendações. O Congresso Nacional vem sendo agitado, nos últimos dias, por manifestações acentuadamente hostis ao Governo, ao qual se deseja, ao que tudo indica, culpar por erros e fracassos inexistentes. Os jornais, embora sob relativo controle, estão conseguindo veicular informações extremamente perigosas. Convém tomar cuidado para que informações dessa ordem não sejam conduzidas até aos veículos de divulgação, assim como as que não puderem ser negadas devem ser criteriosamente selecionadas, para evitar distorções indesejáveis.

Como V.Sa. bem sabe, alguns deputados e senadores, tanto do partido situacionista quanto do oposicionista, estão sendo informados, não se sabe como, do que acontece nas unidades como esta que V. Sa. comanda. Seria desejável que V.Sa. averiguasse como estão estas informações escapando do seu controle, ou melhor, como estão sendo estas informações transmitidas a pessoas que, normalmente, não deveriam ter acesso a

elas. Sugerimos que seja realizada, com absoluta prioridade – como de praxe em casos como este –, uma investigação sumária e rigorosa sobre o assunto.

Queremos lembrar a V.Sa. que sempre soubemos nos conservar num certo limite, no que concerne ao tratamento conferido aos prisioneiros. Conforme fomos informados, estes limites estão sendo ultrapassados ou, dizendo mais claramente, violados, em várias unidades, entre elas a de V.Sa. Independentemente de qualquer prejuízo que atitudes como estas podem trazer, se divulgadas pela Imprensa ou levadas, de alguma outra forma, ao conhecimento público, queremos lembrar mais uma vez que jamais, em momento algum, encaramos com satisfação possíveis “excessos”, embora saibamos que tais “excessos” decorreriam possivelmente do esmerado zelo de autoridades como V.Sa.

Torna-se desnecessário lembrar as inúmeras dificuldades com as quais nos defrontamos para formar na opinião pública uma imagem favorável de nossa Administração. Esperamos que seja compreendida esta delicada situação. Encaminhamos a V.Sa., para conhecimento de todos os que estão sob seu comando, a íntegra do pronunciamento feito há dois dias, no Senado Federal, pelo Senador opositor Paulo Brossard, que V.Sa. conhece bem. Como vê, pronunciamentos como este, quando divulgados, como o foi, por vários jornais, em todo o país, podem nos trazer algumas dificuldades sérias.

Não é sem um certo constrangimento que advertimos sobre o comportamento excessivamente impróprio de alguns de seus subordinados. Sugerimos uma rígida fiscalização sobre os interrogatórios de rotina e os

especiais. Lembramos a V.Sa. que a partir desta data quaisquer “excessos” ou violações às novas recomendações serão punidos com a rigidez de costume.

(...)

Trecho de um novo pronunciamento do senador Paulo Brossard, no Senado Federal, no dia 3 de outubro de 1975, sexta-feira:

Não se diga que o honrado Chefe do Governo não tem conhecimento de coisas que ocorrem no nosso país porque, pelo menos em determinados casos, a queixa foi levada até Sua Excelência. Não vou ficar em palavras desacompanhadas de documentos. Vou aos documentos. Tenho-os todos. Deles tomei conhecimento na Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, no ano de 1974, quando lá compareceu certo advogado de São Paulo que fora vítima de brutalidade sem nome, de violências inqualificáveis, de abusos definidos em lei como criminosos. Tenho, Sr. Presidente, nas minhas mãos, o relato do tratamento que foi dado a esse homem e sinto escrúpulo de lê-lo para o Senado, tal a desonra

que se encontra neste papel, envolvendo autoridades. (...) Sr. Presidente, Senhores Senadores, sabem qual foi o resultado de toda a investigação feita sobre esse homem? Nada foi apurado que justificasse o seu indiciamento. Tenho aqui o documento em mãos, Sr. Presidente: preso, violentado e brutalizado, e inocentado!

Aparte do senador Eurico Resende, do Partido do Governo – Arena:

– Se V. Exa. tem a prova das violências, devia exibí-la.

– Louvo-me num relatório da Ordem dos Advogados do Brasil, que tem a assinatura...

– Então V.Exa. se louva numa nota...

– Em relatório que tem a assinatura dos nomes mais prestigiosos da classe, é no que me louvo.

– Dez minutos, é o tempo que V.Exa. tem para mostrar as provas das violências.

– V. Exa. está enganado. Se V. Exa. quiser eu ponho nos anais do Senado todos os documentos que tenho. Mas os rumos do meu discurso, os limites da minha oração, são traçados por mim. V.Exa. não dá ordens ao meu discurso!

– V. Exa. não aceita o debate?

– Devo dizer que este caso foi comunicado pelo presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, dr. José Ribeiro de Castro Filho, a Sua Excelência o Senhor Presidente da República, pelo ofício 315/GP, de 5 de junho de 1974. A outras autoridades também, mas chega esta. A Sua Excelência o Senhor Presidente da República, o Presidente da OAB fez a comunicação formal, documentada, da terrível ocorrência. (...)

– Poderia fazer uma simples comunicação, Excelência, transmitindo as palavras da alegada vítima?

– Documentada e endereçada a Sua Excelência, o Senhor Presidente da República? Tenho em mãos a cópia dos ofícios. Pois bem, Sr. Presidente, até hoje nenhuma providência, até hoje nenhuma solução. O dr. José Ribeiro de Castro Filho terminou o seu mandato como presidente. Não recebeu uma resposta do ofício endereçado a Sua Excelência o Senhor Presidente da República. Na denúncia havia, inclusive, os nomes das autoridades responsá-

veis. De modo, Sr. Presidente, que abusos existem, mas esses abusos continuam na mais absoluta impunidade.

Vou encerrar, e com estas palavras: já foi dito, nesta Casa, que ao Governo não cabe a responsabilidade por fatos ocorridos nos “porões da Administração”. Fica-se sabendo, desde logo, que esta Administração tem porões. Mais, cuidem-se os administradores para que o mau cheiro dos porões não chegue até aos salões da Administração. E que, se os ocupantes dos salões não se responsabilizam pelo que ocorre nos porões, a Nação tem o direito de perguntar: Senhor Presidente, quem responde por eles?

Outra sala, desta vez escura. Sem janelas, sem luz, cheiro de mofo. Me deitaram sobre uma mesa, esta mesa sobre a qual quero ficar indeterminadamente. Preciso dormir, não importa onde, mas eles não permitirão, eles não me permitirão dormir.

– Este. Era este quem lhe mandava os jornais?

Fotografias. Velhos, moços, homens, mulheres. Civis. Militares. Brasileiros, estrangeiros. Imigrantes. Crianças!

– Rafael. É este o Rafael?

Estou nua, completamente. Me tiraram a roupa e agora sinto frio. Uma dor estranha no ventre. Olham para mim como se tivessem fome. Preciso resistir, preciso.

– Acho melhor lhe dizer que seria bom, para você e para nós, que se comportasse bem. Preste bastante atenção nas fotografias. Você vai dizer quem conhece e quem não conhece. E vai dizer os nomes, está entendendo? Nomes completos. E endereços.

Resistir. Resistir.

– Este. Conhece?

Não.

– E este?

Também não.

– Este aqui, o da direita?

Não.

– Não? Preste atenção: este aqui, o da direita. O que está fumando, este de blusão. Não se lembra?

Não.

– E esta aqui, nesta outra fotografia. Você conhece esta aqui?

Eu. Sou eu. Sou eu!

– É você, não há dúvida. E este aqui ao seu lado, olhe aqui. Não é o mesmo? Sim, o mesmo, o mesmo blusão, olhe aqui.

Sim, é um grupo. Na escola, um grupo. Não conhecia todos. Conversando, sim, conversando enquanto não começavam as aulas. Só isso. Não sei quem é, não sei, não...

– E esta fotografia aqui, você reconhece? Olhe aqui, são vocês dois, não são? Mas que interessante, vocês não estão se beijando? É isto mesmo, e em plena rua, olhe só...

Em plena rua.

– Muito bem, não adianta você tentar nos enganar. Como vê, sabemos de tudo. Podemos começar agora?

Resistir. Sim, resistir, resistir. Mas como?

– Diga os nomes, apenas os nomes. Completos, está ouvindo? O de Rafael e os de todos os outros. Agora!

Não devo dizer. Não devo...

– Agora, sua puta! Quem mandava os jornais? Para quais pessoas? Onde vocês se reuniam? Na casa de Rafael? Na sua casa? Seus pais sabiam disso, tinham algum conhecimento? Seus pais, diga. Seus pais estão envolvidos nesta história?

Uma corda se estica quando duas forças a puxam para dois lados contrários. Várias cordas se entrelaçam quando muitas pessoas as puxam para vários lados. Uma corda ou várias cordas tomam a forma ou as formas de uma ou várias forças. Eu não sei da minha vida, eu não sei o que sei, o que não sei. Eu não sei da minha dor, da minha vida. Vale a pena, vale a pena sofrer, viver, morrer? Me dói a face esquerda e os dois seios. Minha perna dói, o ventre e a cabeça. Meu braço! Estão torcendo o braço, dói.

– Pode gritar, ninguém te ouve. Apenas nós te ouvimos, e basta dizer tudo, contar tudo, e tudo acaba.

E tudo acaba. Meu braço livre, água, cama, comida. Dormir, dormir. A porta abre, três homens, luz. Acenderam a luz, e eu estou nua sobre a mesa.

– Égua! Puta imunda e suja, não vai dizer?
Não vai dizer, égua, puta, puta!
E tudo acaba. E tudo acaba.

PERÍCIA: ENCONTRO DE CADÁVER

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
Instituto de Polícia Técnica
1975
Nº. 13.967

Acompanha peças de exame
Natureza da Perícia: Encontro de cadáver (Suicídio)
Dia: 25-10-75. **Local:** Cela do DOI/CODI
Vítima: Wladimir Herzog
Req.: Capitão Ubirajara do DOI/CODI
Relator: Perito Criminal Motoho Chiota.
Dependência: Divisão de Criminalística.

Às 18,10 horas do dia vinte e cinco de outubro do ano em curso, o Capitão Ubirajara, comunicando a ocorrência de encontro de cadáver no DOI/CODI, à rua Thomaz Carvalhal, nº. 1.030, solicitou o concurso de perito a fim de proceder ao levantamento de praxe.

Para a realização do aludido exame, foi designado pelo Diretor desta Divisão, Bel. João Milanez da Cunha Lima, o Perito Criminal Motoho Chiota, que, após ultimar o seu trabalho e conferenciar com o seu colega, segundo signatário, apresenta este RELATÓRIO.

DO LOCAL

Corresponde a um prédio de dois pavimentos, construído nos fundos do imóvel n.º. 1.030 da rua Thomaz Carvalhal, dotado de várias seções e ocupado pela organização DOI/CODI.

Ofereceu particular interesse, no presente caso, a cela especial n.º. 1, localizada no 2.º. pavimento desse prédio, que é vedada por uma porta metálica de folha única e guarnecida por dispositivo de segurança própria para essa finalidade.

O seu interior, assoalhado, possui uma janela de caixilho de metal envidraçado (“vitraux”) e é dotada de grade, também, de metal.

Próximo dessa janela, dispostos no assoalho, achavam-se dois colchões sobrepostos e junto à porta havia uma cadeira escolar sobre a qual se encontrava uma prancheta com papéis e uma caneta esferográfica. Esparsos no piso e em correspondência com a mencionada cadeira notavam-se vários fragmentos de papel rasgado e manuscritos a esferográfica.

DO CADÁVER

Junto à janela dessa cela, em suspensão incompleta e sustido pelo pescoço, através de uma cinta de tecido verde, foi encontrado o cadáver de um homem de cútis branca, apontado como sendo o de Wladimir Herzog, de 38 anos de idade, que se achava com a sua língua ligeiramente procidente.

Seu traje, normalmente disposto, compunha-se de macacão verde de tecido igual ao da referida cinta e de

cuecas brancas. Seus pés calçavam meias e sapatos de couro, ambos pretos.

A referida cinta, conforme mostra a foto n°. 2, anexa, estava na grade metálica, com um nó simples, a uma altura de 1,63 metros. A outra extremidade dessa peça formava a laçada de nó corrediço que constringia fortemente o pescoço, nó esse situado na parte posterior do lado esquerdo do mesmo (vide pormenores na foto n°. 3, anexa).

Do que ficou exposto, depreende-se que o fato possuía um quadro típico de suicídio por enforcamento.

DO MANUSCRITO

Recolhidos os mencionados fragmentos de papel e recompondo-os através de colagem num suporte, também de papel, conforme evidencia a foto n°.6, anexa, verificou-se os seguintes dizeres:

“Eu, Wladimir Herzog, admito ser militante do PCB desde 1971 ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50,00 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em fins de 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antônio Rocha, Luiz Weiss, Anthony de Christo, Miguel Urbano Rodrigues, Antônio Prado e Paulo Morbum (ou Markun) enquanto trabalhava na revista “Visão”. Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal “Voz Operária” uma vez pelo correio na revista “Visão” e duas ou três vezes das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas após acareações e

diante das evidências confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado em qualquer militância político-partidária. a) ilegível.”

O original deste documento acompanha o presente trabalho.

Nada mais foi dado a observar no local e no cadáver que pudesse despertar interesse de natureza técnica.

Era o que tinha a relatar.

Este relatório, datilografado no averso de quatro (4) folhas deste papel, vai devidamente rubricado e assinado. Ilustram-no seis (seis) fotografias, legendadas e igualmente rubricadas.

São Paulo, 25 de outubro de 1975.

a) Motoho Chiota

EXAME DE CORPO DE DELITO

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
Instituto Médico-Legal do Estado de São Paulo
Del. de Ordem Política e Social – DOPS
Registrado em 27 de 10 de 1975 sob nº 54.620

a) Maria Horn

Laudo de Exame de Corpo de Delito

Exame Necroscópico

Aos vinte e cinco de outubro de mil novecentos e setenta e cinco, nesta cidade de São Paulo, a fim de atender à requisição do doutor, os infra-assinados doutores: Arildo de T. Viena e Harry Shibata, médicos legistas, foram designados pelo doutor Arnaldo Siqueira,

diretor do Instituto Médico-Legal do Estado, para proceder a exame de corpo de delito em o cadáver de Wladimir Herzog e responder aos quesitos seguintes:

Primeiro – Houve morte?

Segundo – Qual a sua causa?

Terceiro – Qual o instrumento ou meio que a produziu?

Quarto – Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por meio cruel? (Resposta especificada).

Realizada a perícia, passamos a oferecer o seguinte laudo: Examinamos hoje, no Necrotério do Instituto Médico-Legal, um cadáver que nos foi apontado como sendo o de Wladimir Herzog, masculino, branco, trinta e oito anos, casado, brasileiro naturalizado, jornalista, filho de Sigmundo Herzog e Zora Herzog, residia na rua Oscar Freire, número dois mil duzentos e setenta e um. REFERÊNCIA: – Encaminhado do DOPS (II Exército) com a história de que teria praticado suicídio, burlando a vigilância dos policiais. VESTES: – Calça marrom de malha com etiqueta “Old England”, camisa fantasia etiqueta “Jean Paton”, cueca branca, blusão azul etiqueta “Correa”, “pull-over” azul de lã. Sapatos e meias pretas. REALIDADE DA MORTE: – Evidenciada pelos clássicos sinais tanatológicos de certeza. EXAME EXTERNO: – Cadáver de indivíduo adulto, do sexo masculino, cor branca, aparentando trinta e oito anos, estatura pequena, biotipo normolíneo, olhos verdes escuros, dentes naturais, rosto triangular, fronte ampla, calvície corohária, cabelos castanhos, ondedados, supercílios unidos no centro, nariz reto, barba por fazer e costeletas crescidas. Pescoço e tórax simétricos.

Abdome, membros e genitais sem alterações. As pálpebras encontram-se semi-abertas, a língua protusa, com mucosa ressecada. Cianose da face e dos pavilhões auriculares. Pescoço: sulco semicircular, interrompido ao nível da mastóide direita, localizado na porção alta do pescoço e inclinado para a direita, ao longo do mesmo a pele está apergaminhada; acima do sulco: cianose; abaixo: palidez. Hipóstases no escroto e pênis em semi-ereção. Cianose das unhas, pés e mãos. EXAME INTERNO: – Praticada incisão bimestóide vertical e rebatido o couro cabeludo, encontramos o epicrânio liso, sem sinais de traumatismo. Aberta a caixa craniana, o encéfalo apresenta-se com discreto edema, sem demais alterações. Praticada incisão submanto-púbica e aberta a cavidade tóraco-abdominal, encontramos os pulmões armados e o coração em sístole. A superfície visceral apresentava as típicas manchas de Tardiau. Fígado e demais órgãos cevitários congestos, sem outras alterações de interesse a esta perícia. A dissecação do pescoço revelou sufusões de tecido celular, subcutâneo ao longo do sulco descrito. O estudo das artérias carótidas, bilateralmente, não demonstrou alterações macroscópicas visíveis.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO : – 1) Ausência de sinais de violência em toda a extensão do tegumento cutâneo. 2) Hipóstases ainda não fixadas completamente, acima do sulco cervical, no dorso, nas nádegas e nos genitais externos. 3) Protusão da língua. 4) Sulco produzido por laço em posição alta, inclinado para a direita e interrompido ao nível da mastóide (local onde deveria estar o nó). 5) Ligeiras sufusões hemorrágicas no tecido celular subcutâneo, nos músculos pré-tireoideanos, ao

longo do sulco descrito. 6) Manchas de Tardiau na superfície pulmonar, indicando sofrimento respiratório. Globalmente o estudo de conjunto destas lesões indica o quadro médico-legal clássico de asfixia mecânica por enforcamento. RESPOSTAS AOS QUESITOS: – Ao primeiro, sim; ao segundo – Asfixia Mecânica; ao terceiro – Enforcamento; ao quarto – Não. Obs.: Colhido material (sangue + estômago e conteúdo) para exame toxicológico. Nada mais havendo, encerramos o presente laudo. São Paulo, 27 de outubro de 1975. a) dr. Arildo de T. Viana e dr. Harry Shibata.

Do relatório de Cláudia B, prisioneira política, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional, encaminhado ao Conselho Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (Estritamente Confidencial)

Solicitada a relatar, conforme a verdade dos fatos, tudo o que sucedeu desde minha prisão, ilegal porque não efetuada com base na Constituição vigente, até minha soltura, ocorrida após incessantes interrogatórios e sob a condição de não sair do País, onde deveria aguardar julgamento, passo a contar o que se sucede.

Na manhã do dia 5 de agosto de 1974 preparava-me para ir à aula, conforme fazia

diariamente, quando alguém tocou a campainha. Como meus pais ainda estivessem dormindo e como a empregada tivesse se atrasado, fui eu mesma atender à porta. Estava em roupas íntimas e abri apenas o suficiente para atender a quem chamava: um homem alto, cujo nome não fiquei sabendo, mas que identificarei em qualquer ocasião na qual me for apresentado. Este homem forçou a porta, agarrou-me pelo braço e, ameaçando-me com um revólver, ordenou-me que não gritasse e o seguisse, o que fiz sem reagir, única opção plausível em tal circunstância.

Este homem, que me levou a um veículo no qual três outros homens aguardavam, um deles armado de metralhadora, não me apresentou qualquer intimação judicial que tornasse legal minha prisão, pela qual, de resto, eu já esperava, conforme ficará bem claro no curso do que prossigo a relatar.

Já no veículo supracitado fui conduzida a lugar ignorado, após ser devidamente encauzada, mas isto após terem os supostos policiais que me prenderam vagado, aparentemente

te sem rumo, por toda a cidade, o que me fez pensar, a princípio, que minha prisão poderia ser, na realidade, um simples seqüestro com vistas à obtenção de dinheiro por um provável resgate – hipótese que, por mais absurdo que possa parecer, tranqüilizou-me bastante.

Cedo, porém, tornei-me apreensiva quanto a meu destino. Quando me retiraram do rosto o pesado capuz que me encobria os olhos, percebi que me encontrava numa espécie de prisão: todas as janelas tinham grossas grades de ferro e, nos portões, pude ver homens uniformizados e portando armamentos pesados, como revólveres de grosso calibre e metralhadoras.

Não sei quantos dias e noites permaneci presa, sem comer e beber o suficiente para manter a saúde, até serem iniciados os interrogatórios durante os quais a princípio relutei em colaborar, visto que, conforme instruções de companheiros, tentaria, pelo menos enquanto tivesse forças, resistir a todas as pressões porventura utilizadas pelos interrogadores.

Não preciso dizer que, embora tenha resistido bastante nos primeiros dias, fui gradativa-

mente sucumbindo diante dos maus-tratos a mim inflingidos, razão pela qual confessei o que sabia e o que não sabia, visto que, conforme se apurou a seguir, fui obrigada a mentir, a inventar, a denunciar inocentes, parentes, amigos e conhecidos, assim como estudantes, colegas de classe e professores, enfim todas as pessoas cujos nomes foram mencionados durante as sessões de tortura e dos quais eu deveria dizer se pertenciam ou não à Organização, sendo conveniente que eu respondesse afirmativamente, após o que seriam minorados os castigos a mim impostos.

Conforme solicitação desta Comissão, e confiante que estas informações, como me foi prometido e assegurado, não virão a público da forma como as redijo, ou só virão a público sem minha assinatura e identificação, de forma que a minha segurança esteja resguardada, passo a relatar os seguintes fatos, os quais representam expressão da mais absoluta verdade, eis que os revelo tão-somente após reiterados pedidos e após ter obtido as mais sólidas garantias para minha pessoa, posto que passarei a incriminar

autoridades constituídas que, até agora, gozam de boa reputação no seio social de nossa Pátria.

Nos primeiros dias de prisão, como supra-relatado, não fui submetida a maus-tratos de qualquer ordem, tendo a reclamar tão-somente a péssima alimentação a mim destinada, enquanto aguardava, conforme fui informada, as autoridades que me interrogariam sobre meu suposto envolvimento com atividades de reorganização do Partido Comunista Brasileiro, assim como com atos subversivos e de terrorismo praticados pela ALN.

Tenho a lembrar, contudo, que, durante minha condução ao local onde fui interrogada, os supostos policiais que me detiveram aproveitaram-se de minha condição indefesa para acariciar, se posso usar tal palavra, minhas partes íntimas, o que fizeram com alguma violência e o que me provocou, além da revolta de estar sendo desrespeitada, alguns arranhões e cortes.

Da primeira vez em que fui interrogada perguntaram-me como e desde quando recebia em minha casa o jornal *Voz Operária*, editado

pelo Partido Comunista Brasileiro. Relutei em responder, mas, diante de sucessivas perguntas, admiti que o recebia pelo Correio, periodicamente. Não respondi, porém, às perguntas que insinuavam meu envolvimento com o Partido, razão pela qual recebi um primeiro soco no rosto. A partir daí, ligaram meu nome a um assaltante de bancos cujo nome seria Rafael e de quem desconfiavam fosse terrorista, mas que na verdade eu não conhecia.

Trouxeram a seguir algumas fotografias, muitas delas de gente que eu conhecia ou conhecera, mas a maioria de gente estranha ao meu convívio. Antes que trouxessem as fotografias, devo lembrar que me espancaram aos murros e pontapés, e embora eu não tivesse forças para me levantar do chão, para onde me empurravam, chutavam-me violentamente enquanto eu não o fazia por minhas próprias forças. Seus chutes visavam principalmente a cabeça, o ventre, as nádegas e os seios.

Ainda nesta primeira sessão interrogatória, desmaiei, em virtude da extrema violência dos golpes, após o que, ao que tudo indica, me

conduziram, ainda inconsciente, para um local onde me jogaram água por todo o corpo. Quando acordei estava em outra sala, deitada sobre uma mesa e inteiramente nua. Devo frisar que, mesmo antes de me tirarem as vestes, permanecera vestida com as roupas com as quais deixara minha residência, ou seja, apenas um sutiã – que meus seqüestradores rasgaram no caminho para a prisão –, uma calcinha de náilon e uma camisola amarela, também de náilon.

Sem permitirem que eu deixasse a mesa, na qual deveria permanecer, deitada e de costas, um dos que me interrogavam, e que parecia ser o chefe – um homem de meia-idade, gordo, meio careca e de voz rouca, um pequeno bigodinho sobre os lábios finos, um deles rachado –, chegou-me as fotografias para bem perto dos olhos. Eram fotografias de velhos, jovens, homens, mulheres, civis, militares e até crianças.

A princípio queriam que eu localizasse, dentre todos os que me apresentavam, aquele a quem chamavam Rafael, e no qual pareciam estar extremamente interessados. Como não o soubesse identificar – jamais conheci alguém

sequer com o nome de Rafael –, passaram a exigir de mim nomes e endereços das pessoas que me apresentavam, alguns dos quais eu conhecia e até mesmo sabia onde moravam, mas que não podia denunciar, ou porque devia resguardar seu nomes ou porque, na verdade, eram pessoas inocentes, sem qualquer envolvimento com a ALN ou com o Partido, pois eu conhecia, como militante, a maioria dos que tentavam reorganizá-lo em nossa região.

Em dado momento descobriram que eu mentia, pois, ao responder que não conhecia determinada pessoa, apresentaram-me uma fotografia na qual eu aparecia junto a esta pessoa, assim como de outros, e outra fotografia ainda, na qual fôramos surpreendidos, eu e esta pessoa, a nos beijar.

A partir daí, não pude continuar negando com segurança todas as atividades que a mim imputavam, mas prossegui negando-as, o que resultou, evidentemente, no recrudescimento dos maus-tratos a mim infligidos. Quando começaram a me torturar da forma como passarei a descrever, devo lembrar, a bem da verdade,

que, quando fora pela primeira vez levada à sala do que dirigia as torturas, trouxeram à minha presença o estudante Antônio de Oliveira Mayer, que se encontrava desaparecido há dias, e que, naquela hora, diante de mim, encontrava-se num estado lastimável: massacrado, sanguinolento, semi-inconsciente e, conforme desconfie, impossibilitado de articular uma só palavra. (Mais tarde, como é do conhecimento público, tornou-se evidente que lhe haviam seccionado a língua.)

Devo lembrar também que este estudante, que se revelara demasiado rebelde e crítico durante as aulas, envolvendo-se, como é sabido, em longas discussões com os professores, era inocente de todas as acusações que lhe faziam, uma delas a de ter-se envolvido com o Partido, acusação absurda, pois o citado estudante era católico convicto e liberal, além de completamente reacionário, como sempre dera a entender, ao ideário comunista.

Naquela mesma noite em que, pela primeira vez, depositaram-me nua sobre a mesa, fui espancada a socos e pontapés, chicoteada com

uma espécie de chibata de cordas com glóbulos de metal nas pontas, espezinhada com uma espécie de urtiga ardente, que me introduziram na boca, no ânus e na vagina, atormentada com choques elétricos em todas as partes do corpo, inclusive as sexuais e excretoras, e ainda estuprada, embora quase inconsciente, por três homens consecutivamente.

Confiando que este documento não será divulgado de forma alguma como sendo de minha autoria, ou que só o será com minha verdadeira identidade acobertada ou dissimulada, a fim de que não me sejam causados problemas futuros, prossigo neste relato não porque sinta nele satisfação ou prazer, eis que na verdade sinto náuseas e terror toda vez que relembro o acontecimento, mas tão-somente porque me solicitaram, para os devidos fins, o maior número possível de pormenores, principalmente sobre as técnicas e artifícios de tortura utilizados por meus algozes.

Pois bem: deixaram-me nua durante um longo tempo (não posso avaliá-lo em dias, semanas ou meses), não me deram o que comer

durante dias consecutivos, torturaram-me da forma anteriormente relatada. Lembro que fui estuprada, sempre por duas ou mais pessoas, não só uma ou duas vezes, mas várias. Diariamente, um médico examinava-me com rigoroso critério, tomando-me o pulso e a pressão e efetuando exames periódicos de sangue e urina.

Em determinado dia, obrigaram-me a beber quase 10 litros de água, após o que desmaiei, com fortes dores de cabeça, náuseas e vômitos ininterruptos. Cortaram-me as unhas dos pés e das mãos até a metade dos dedos, o que me provocava diariamente insuportáveis dores, também elas intermitentes, as quais me impediam de dormir, quando eles permitiam que eu o fizesse. (Devo lembrar que geralmente não permitiam que eu dormisse, o que conseguiam revezando-se em meu quarto – uma cela de três metros quadrados tendo por única mobília um colchão de palha no chão – e, de minuto a minuto, sacudindo-me para que acordasse.) Várias noites obrigaram-me a passá-las de pé, sem curvar as pernas, sem recostar-me à parede, o que eu me esforçava por obedecer,

visto que espancavam-me violentamente toda vez que, no limite das forças, deixava que o corpo caísse.

Dentre as beberagens que me obrigavam a ingerir, espontaneamente ou à força – o que conseguiam entornando-me o caldo pela boca enquanto me impediam de respirar –, lembro-me de misturas de água e algo parecido com óleo diesel ou gasolina, fezes, urina, água de esgoto, sangue coagulado, esperma e carne deteriorada.

Várias vezes ajustaram meu corpo numa espécie de engenho de madeira, ferragens e tiras de couro, que possibilitava a distensão gradativa e parcial de pernas e braços, o que faziam sorrindo toda vez que eu gritava, e tarefa à qual se dedicavam até que eu desmaiasse, visto que não cessavam sequer quando eu implorava que parassem imediatamente, após o que eu lhes contaria tudo o que desejassem que eu contasse, fosse lá o que fosse.

Não sei quanto tempo – dias, meses, um ano? – durou este sofrimento. Da última vez em que, ainda naquela prisão, olhei-me ao

espelho, não me reconheci e, diante do mesmo espelho, fiquei paralisada durante um tempo que não passou, que não passava, que não passará jamais e sempre. No meu rosto despontavam ossos, manchas e equimoses e meus braços estavam finos, assim como as pernas, que não podiam suportar com firmeza o resto do corpo.

Eu possuía, porém, alguma força moral, pois que neste mesmo instante fui capaz de me perguntar, ironicamente, mas com profunda amargura, como eram eles capazes de sentir desejo quando me violentavam, agarrando-me o corpo magro e nele penetrando com toda a brutalidade animal de um desejo nojento e imundo.

Foi durante uma dessas observações diante do espelho que percebi, um dia, alguma coisa estranha no ventre. Há dias eu sentia tonteiras e náuseas freqüentes, o que me conduziu a uma incerteza que se aproximava do desespero. Um dos exames médicos, seguido dos exames periódicos de urina e sangue, confirmou as dúvidas: eu estava grávida de um deles, eu estava grávida e não sabia agora que fim me dariam.

Não me deram fim algum: meu aborto foi realizado pelo próprio médico, numa das últimas sessões de tortura na qual denunciei Rafael, que não conhecia, todos os membros do Partido que no momento se empenhavam em sua reorganização, todos aqueles que, de uma forma ou outra, tinham-se envolvido com a ALN, todos aqueles cujos nomes submeteram à minha apreciação e que, embora inocentes, eu devia denunciar, e ainda aqueles que eu nem sequer conhecia ou deles tinha alguma vez pelo menos ouvido falar, porque assim queriam que eu fizesse, porque assim me ordenaram e porque assim estava escrito nos papéis que me obrigaram a assinar.

Dias após minha acareação com todas aquelas pessoas, algumas das quais companheiras e amigas – as quais novamente denunciei frente a frente, com o rosto vermelho de vergonha – libertaram-me, sob a condição que retornasse em datas determinadas àquele mesmo local, imposição a que não deveria desobedecer, sob o risco de serem reiniciadas as sessões de violência e tortura.

A seguir passo a enumerar os nomes, completos ou parciais, de todos aqueles que me torturaram ou que presenciaram as sessões de interrogação. Não pude saber os nomes completos de alguns deles, mas reafirmo que reconhecerei todos, um por um, desde que colocados à minha frente.

(Segue-se uma lista de nomes)

Nada mais tendo a relatar, repito que tudo o aqui disposto é expressão da mais absoluta verdade. E embora reafirme aqui que minhas confissões iniciais foram obtidas sob coação, o que resultou, evidentemente, conforme relatei, na incriminação de pessoas inocentes, não nego minha condição de militante do Partido Comunista Brasileiro, posto na ilegalidade, assim como não nego minha participação em atividades dos mais diversos tipos, como distribuição de panfletos subversivos, folhetos de propaganda partidária e jornais clandestinos. Também não nego minha participação, à revelia da direção partidária, durante duas vezes, em assaltos a mão armada aos bancos de Crédito Real e Mercantil, assaltos estes planejados e

executados sob as ordens da ALN, conforme está escrito do meu próprio punho na confissão por mim prestada, sem coação, há dias atrás, às autoridades competentes, as quais tiveram o bom senso de destruir minha confissão anterior e de libertar as pessoas incriminadas em virtude delas.

a) Cláudia B, 22 anos, brasileira, solteira.

Carta do jornalista gaúcho Mário de Almeida Lima ao General-de-Exército Oscar Luís da Silva, Comandante do III Exército, datada de 24 de agosto de 1973:

Exmo. Sr. General:

A imprensa de hoje anuncia com destaque que entre os governadores, generais, militares e civis a serem condecorados amanhã, em Porto Alegre, como ponto alto das comemorações da Semana do Exército, um deles é o delegado Pedro Carlos Seelig. Vê-se, assim, que na mesma cerimônia vão receber a insigne homenagem figuras de prol dos meios civis e militares e um servidor da polícia que, no momen-

to, está sob a ação da Justiça, sob a acusação de torturador e responsável pela morte do menor Luiz Carlos Pinto Aréballo. A promotoria pública o denunciou como incurso no crime do art. 121, Parágrafo 2º., inciso III, do Código Penal (homicídio qualificado, com emprego de meios insidiosos e cruéis, tais como asfixia e tortura) e o Sr. Juiz de Direito, que aceitou a denúncia, no despacho em que o fez, refere-se àquela morte, que enche o Rio Grande de vergonha, como um “brutal e estúpido assassinato”. A colenda Assembléia Legislativa, através de uma CPI, apurou fatos que testemunham contra os serviços policiais em nossa terra, formando um dossiê terrível na sua significação.

Ignoro, Sr. General, quando foi concedida a Medalha do Pacificador que agora será entregue ao ainda delegado Seelig. Os jornais não dizem, mas os fatos que nos últimos seis meses foram divulgados a seu respeito seriam de molde a aconselhar a sustação da entrega da condecoração, até que a Justiça se manifeste, em definitivo, sobre o crime que lhe está sendo imputado. Justa, injustamente? Não sei. Só a

Justiça, na sua independência e soberania, poderá dizê-lo.

Ainda há poucos dias, presos comuns o denunciavam à CPI da Assembléia como um torturador profissional, sádico e ávido de sangue, que escorre sob as portas de uma dependência do DOPS como se ali houvesse um matadouro. Isto é o que está transcrito, General, na *Folha da Manhã*, respeitável órgão da imprensa local, na sua edição de 17 do corrente mês. “Como o chão é em desnível – diz uma das vítimas de Seelig – quando havia sessões mais violentas a gente podia ver o sangue correndo pela fresta da porta para o corredor.” Há necessidade de dizer mais, general Oscar Luiz?

As denúncias articuladas contra Seelig são hoje do conhecimento de todo o País. Toda a imprensa brasileira se tem ocupado de seu nome. É natural, por isso, que a opinião pública se constranja e se espante quando depara o nome desse policial, que já deveria ter sido afastado do serviço público (o governador Raimundo Padilha, do Estado do Rio, demitiu de sua polícia indivíduos de muito menor pe-

riculosidade), numa cerimônia em que o Exército Brasileiro se propõe, na forma de Decreto nº. 37.745, de 17 de agosto de 1955, agraciar civis e militares que se hajam revelado credores de “homenagem especial do Exército pelos seu relevantes serviços”.

A vida de qualquer cidadão há de constituir-se numa unidade indissolúvel. Não se sabe que serviços relevantes Seelig terá prestado às Forças Armadas. O que se sabe, a seu respeito, documentalmente, é que ele está sendo levado à barra dos tribunais pela prática de um crime infamante. Se houve os serviços, e não tenho por que duvidar de sua existência, a revelação posterior de fatos graves a seu respeito o desqualificam para receber qualquer homenagem do Exército Brasileiro.

Dir-se-á que a Justiça ainda não deu a palavra final sobre o crime que se lhe imputa. Mas bastaria a suspeita, e no caso há mais do que suspeitas, há evidências, para a prudência mais elementar sustar, Sr. General, a homenagem a que acaso fizesse jus aquele servidor, até que se apurassem de forma cabal as gravíssimas

acusações que sobre ele pesam. Não pode o Exército correr o risco moral de conceder uma condecoração dessa significação a um cidadão que amanhã a Justiça pronuncie como um criminoso cruel. E nem é justo, Sr. General, que cidadãos eminentíssimos sejam galardoados de forma tão excepcional na mesma cerimônia em que Seelig, sob tão duras acusações, é também agraciado.

Admito que o dossiê sobre os bons serviços do delegado estivesse pronto e justificasse, meses atrás, a concessão da Medalha. Os fatos, porém, que se tornaram públicos posteriormente, são mais do que suficientes para recomendar a revisão de seu processo – pois presumo que os homenageados na forma do Decreto n.º 37.745 só possam ser cidadãos de vida irreprochável – para que os seus serviços ao Exército sejam constatados com os dados novos reveladores de uma nova faceta de sua personalidade e o Estado-Maior do Exército, que é o órgão que propõe a homenagem ao Sr. Ministro da Guerra – hoje do Exército -, possa novamente pronunciar-se sobre a concessão da Medalha

do Pacificador, honra insigne a que poucos fazem jus.

Eu lhe diria estas coisas de viva voz, Sr. General, se mais fácil fosse o acesso a V.Exa., e não o soubesse um homem tão ocupado. Não poderia é deixar de dizê-las. E o faço por este meio, esperando que esta comunicação lhe chegue às mãos em tempo hábil. Em tempo de evitar que se consume este atentado à natureza da mercê que o Exército Brasileiro, de que V.Exa. é digno representante, outorga com tanta parcimônia.

Reservo-me o direito de dar a esta carta a divulgação que o interesse público aconselhar.

Com o maior respeito e consideração,

Mário de Almeida Lima.

Cláudia B vaga pelas ruas como se não tivesse onde morar. Como se não tivesse para onde ir. Como se nada mais lhe restasse num mundo inóspito e frio. Cláudia B não ignora que, bem atrás de seus passos, um homem sem rosto a segue continuamente, dia após dia,

noite após noite, e este homem cujo rosto ela não se preocupa em registrar, pois muda frequentemente, este homem impessoal anota num pequeno caderninho o rumo dos seus passos, o nome das pessoas com as quais conversa, o nome dos bares que ela frequenta, das lojas nas quais ela entra para comprar alguma coisa ou apenas, quando está cansada, para olhar as vitrinas, quando não para, simplesmente, dar algum trabalho ao homem que a segue.

Cláudia B evita falar com seus antigos companheiros e colegas de trabalho e estudos, evita falar com seus professores e até mesmo com seus parentes, para os quais não escreve bilhetes ou cartas. À noite, no inverno, quando o vento bate na janela e o frio quase lhe congela os pés, ou no verão, quando o calor lhe provoca suores de terror, Cláudia . não dorme, atormentada por longos pesadelos ou pela solidão que lhe torna as noites mais temidas e os dias mais longos, pela solidão que lhe atravessa um grito mudo na garganta, e lhe permite apenas gemer, chorar, morder o travesseiro com alguma fúria e algum ódio, até que o cansaço e a

desesperança lhe invadem o corpo que amolece, relaxa e quase morre de tão flácido. E então, finalmente, ela dorme – um sono intranquilo, mas se alguém chegasse e lhe olhasse o corpo e o rosto nada suspeitaria de seus pesadelos, pois do lado de fora, do lado de quem poderia ver, o sono de Cláudia B se assemelha ao imobilizado sono da morte.

Quando então já é hora de acordar e de evitar as pessoas, porque, para o resto dos seus dias, Cláudia B, solteira, brasileira, que um dia tivera vinte e dois anos, parece condenada ao silêncio e à solidão, à clausura no casulo do próprio corpo, este corpo frágil ferido pelas marcas do massacre e da derrota.

Mas Cláudia imagina, na solidão irremediável de seu isolamento, que lhe mataram tudo, que lhe tomaram tudo, mas não lhe tomaram a capacidade de pensar. E então ela sonha, entre dor e esperança, que um dia o sol vai nascer mais cedo e ela acordará sem pesadelos. E neste dia, sonha Cláudia com uma furtiva lágrima escorrendo pelo lado esquerdo do rosto, haverá um rio distante e um povo heróico cami-

nhando na direção dele, com o claro intuito de cruzá-lo, porque do outro lado haverá, quem sabe, um mundo diferente e bom para viver.

No contraditório universo de seu delírio, enquanto sonha com o rio e multidões esperançosas correndo na direção dele, Cláudia B mistura imagens de dor e alegria, como se seu mundo tivesse sido partido em dois – um em que nada vale a pena e outro em que tudo é possível, posto que existe esperança.

Nesses momentos de insegurança e dúvida, em que chora e ri ao mesmo tempo, Cláudia B pára, olha o horizonte no final do qual deveria existir o rio e ali fica, em silêncio e imóvel, esperando que aconteça o que talvez nunca aconteça. Esperando que os sonhos não se transformem em pó. Esperando, quem sabe, que alguém chegue e a tome pela mão. Esperando que uma porta se abra e haja depois dela algo mais que um mero caminho. Esperando que o tempo passe – que o tempo passe como o vento passa e dela nada mais reste que algumas cinzas claras e leves sobre o rosto da terra.

SOBRE O AUTOR

Luiz Fernando Emediato nasceu em Belo Vale, Minas Gerais, em setembro de 1951. Começou a escrever muito cedo, e aos 19 anos de idade ganhou seu primeiro prêmio, o Revelação de Autor no IV Concurso Nacional de Contos do Paraná – concurso que já revelara autores como Dalton Trevisan, Luiz Vilela e Lygia Fagundes Telles, entre outros.

Ainda estudante, quando vivia em Belo Horizonte, Emediato participou de movimentos políticos de resistência contra a ditadura militar. Nessa época, participou do grupo de contistas, poetas e futuros jornalistas que editaram as revistas *Silêncio* e *Circus*, ambas proibidas de circular pela censura do general Ernesto Geisel, então comandada pelo ministro da Justiça Armando Falcão.

Em 1976, Emediato articulou, juntamente com os escritores Jeferson Ribeiro de Andrade, Murilo Rubião e Rubem Fonseca, um manifesto contra a censura, que reuniu assinaturas de 1.076 escritores em todo o país e foi entregue no gabinete do ministro Falcão, em Brasília. Começava o movimento de resistência democrática

ao governo militar, que estava sendo obrigado a ceder ao avanço das exigências liberais.

O primeiro livro de Emediato, *Não Passará o Jordão*, foi publicado em 1977 pela Editora Alfa-Ômega, de São Paulo. Foi recebido pela crítica como a estréia de um autor vigoroso, indignado com as arbitrariedades do autoritarismo mas, ao contrário da literatura de resistência que se fazia então, preocupado também com a criação literária e as potencialidades do texto.

A este livro seguiram-se *Os Lábios Úmidos de Marilyn Monroe* (contos, ed. Ática, 1977), *A Rebelião dos Mortos* (contos, ed. Codecri, 1978), e os infantis *Eu Vi Mamãe Nascer* (ed. Comunicação, 1977) e *O Outro Lado do Paraíso* (idem, 1981).

Emediato participou de várias antologias de contos no Brasil e no Exterior. Em 1978, depois de ter sido repórter especial do *Jornal do Brasil* em Minas, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou durante dez anos no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que fez carreira, ganhou vários prêmios e tornou-se um dos mais conhecidos jornalistas do Brasil.

Entre seus prêmios jornalísticos, destacam-se o maior deles, o Esso de Jornalismo, em 1982, por uma reportagem sobre a juventude de classe média, editada depois em livro (*Geração Abandonada*, EMW Editores, 1982), o Troféu Roquete Pinto de Imprensa e o Rei de Espanha de Jornalismo Internacional, considerado o *Pulitzer* da Iberoamérica, por suas reportagens sobre a guerrilha na América Central.

Luiz Fernando Emediato foi um dos criadores e o primeiro editor do Caderno 2, suplemento que inaugurou o processo de modernização do jornal *O Estado de S.*

Paulo e, juntamente com o jornalista Marcos Wilson, transformou em *anchorman* o conhecido jornalista Boris Casoy e reformulou o jornalismo do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, a segunda rede do país.

Em 1984, Emediato fez também uma incursão pelo teatro, escrevendo a peça *Ekkhart, o Cruel* (EMW Editores), montada em São Paulo, Salvador e Manaus. Não foi bem sucedido: o autor quis construir um ambicioso painel da loucura humana, inspirado em Shakespeare e Alfred Jarry, mas o conhecido crítico Sábato Magaldi destruiu a montagem, denominando-a de “um tomo à altura da pretensão”.

Amado por suas comoventes crônicas literárias no Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo* (o Instituto Gallup, em pesquisa para a revista *Imprensa*, revelou que Emediato era o mais estimado cronista daquele jornal), o autor teve de atender seus leitores e reunir aquelas crônicas no livro *A Grande Ilusão* (Geração Editorial, 1992).

Desde a publicação de *Verdes Anos*, em 1984 (reunião, em sua maior parte, de textos autobiográficos extraídos de seus livros anteriores), Emediato abandonou a literatura. Da mesma forma, abandonou o trabalho nas redações jornalísticas, em 1990, quando dedicou-se à propaganda e à consultoria política.

Com a reedição de *Verdes Anos*, Emediato pretende retomar o trabalho literário, que prevê a publicação, em breve, da novela *A Terra era Vaga e Vazia* e a conclusão do romance histórico *Memórias Falsas de um Canalha*.

Emediato foi casado e tem três filhos: Alexandre, Rodrigo e Fernanda.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELO BUREAU
GRÁFICO DA GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
EM GARAMOND 3 E IMPRESSA PELA DAG
GRÁFICA E EDITORIAL EM OFF-SET PARA A
GERAÇÃO EDITORIAL EM OUTUBRO DE 1994.